This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Span 1675.10

HARVARD COLLEGE
LIBRARY

J. M. PEREIRA DE LIMA

IBEROS E BASCOS

Aillaud & Cie Paris-Lyon

Primeiras neves nos Pyrenéos.

Boyveau & Chevillet
Livres en toutes Langues
22, R. de la Banque, PARIS

Iberos e Bascos

OBRAS DO MESMO AUTOR

Chronologia, (1875) — 1 vol. — esgotado.

Historia da Chronologia, (1876) — 1 vol. — esgotado.

Chorographia portugueza, (1875) — 1 vol. — esgotado.

O Bretão — (traducção), (1875) — 1 vol. — esgotado.

Contos — traduzidos de E. Sue, (1875) — 1 vol. — esgotado.

Fomento Hydraulico-Agricola, (1897) — 1 vol. — (não entrou no commercio).

(No prélo)

II

Phenicios, Celtas e Carthaginezes

(Em preparação)

III

Latinos e Germanos

IV

Arabes, Mosarabes e Neolatinos

(No prélo)

Estudos e Notas de Viagens

I

Na Belgica

J. M. PEREIRA DE LIMA

Iberos e Bascos

LIVRARIA AILLAUD
PARIS-LISBOA

1902

Span 1675.10

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN R. STETSON, Jr.

OCT 26 1921

Ao Conselheiro de Estado

ERNESTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO

Vice-Presidente

da Academia Real das Sciencias

La nature même d'un tel travail oblige celui qui l'entreprend à être bref et tant soit peu dogmatique; elle l'expose aussi à des inégalités dans le traitement des différentes parties du sujet.

(J. Deniker — *Races et Peuples de la Terre.)*

I

Razões, difficuldades e fins d'estes estudos

Boyveau & Chevillet
Livres en toutes Langues
22, R. de la Banque, PARIS

Iberos e Bascos

dio, assignalar uma chronologia mais ou menos certa, designar o grau especifico da sua civilisação, é o mesmo que esboçar a prehistoria, ou assentar a historia antiga, dos dois reinos peninsulares.

Se difficilimas são as investigações sobre o homem prehistorico, terciario ou quaternario, difficeis são tambem os estudos concludentes em affirmações exactas, e ás vezes sómente provaveis, quanto aos habitantes protohistoricos d'uma determinada região.

Nunca o aphorismo latino « tot capita, tot sententiæ » foi tão bem applicado como n'este caso, e, quem tiver de embrenhar-se nas veredas dos trabalhos ethnologicos, notará, que, entre os autores, que se dedicaram a taes estudos, raro é encontrar-se duas ou tres opiniões, que se consolidem, conjugando-se n'uma e mesma affirmação.

Vê-se, que homens eruditos e serios não se contentaram sómente em negar as proposições dos seus collegas na investigação, mas tambem, muitas vezes, zombaram das suas opiniões, applicando-lhes até o caustico da ironia. No decorrer d'este modesto trabalho, teremos occasião de exemplificar o que fica dito.

E que enorme confusão se depara no campo ethnographico, quanto á ordenação e seriação dos grupos, quanto á sua classificação generica e especifica.

Compulsámos as obras de Geoffroy Saint-Hilaire (1),

(1) Isid. Geoffroy Saint Hilaire. Classif. Anthrop., nas Mem. Soc. Anthrop. Paris, 1861. — pag. 125.

Huxley (1), Topinard (2), Quatrefages (3), Deniker (4), D' Halloy (5), Fr. Mueller (6), P. Broca (7), Kean (8), Hæckel (9), Lubbock (10), Flower (11), Vignola (12), Tylor (13), Beddoc (14) e d'outros, e não encontrámos duas opiniões concordes na classificação geral das raças quanto mais na dos ramos e familias ethnicas.

Aqui e ali respigamos o que podemos, para chegarmos á convicção de que os primitivos habitantes da peninsula, os Iberos, cuja *epave* viva são os Bascos, pertenceram a uma raça asiatica, que emigrou antes dos Aryanos.

A esta raça, uns, como Rask, Castrein, Müller, Saint-Hilaire (Blanc), Eckstein, O'Shea, etc, chamam Turaniana, e outros, como Deniker, cognominaram simplesmente, Anaryana.

---

(1) T. Huxley. — Geogr. Distrib. Mankind; Journ. Ethnol. Su. London n. s. t. II, 1870, p. 404; carte.

(2) Topinard. — Elem. Anthrop. gen., pag. 502; e Rev. d'Anthrop. 2ª serie, tom. I, 1878 — pag. 509.

(3) Quatrefages. — Hist. gen. Races humaines, 1889, pagª. 343 e segtes; e L'espèce humaine, Paris, 1890.

(4) Deniker. — Essai d'une classificat. des races hum. 1889.

(5) D' Halloy. — Man. d'Ethnogr. 1886.

(6) Fr. Mueller. — Allg. Ethnogr. Wieu, 1879 — pagª. 19 e 174.

(7) P. Broca. — Études, Rev. d'Anthropologie — 1875 e segtes.

(8) Kean. — Ethnology— Cambridge, 1896.

(9) Hæckel. — Natürl. Schöpfungsgesch — 1879, pagª. 628, 647.

(10) John Lubbock, L'homme avant l'histoire — trad. Barbier, 1867.

(11) Flower. J. Anthr. Inst. t. XIV, 1885.

(12) A. Vignola. — Tout. Fem. 1902, t. I. pag. 35.

(13) E. B. Tylor. — Civil. prim. trad. fr. Paris, 1876.

(14) J. Beddoc — The races of Britain, Bristol — London, 1885, e Hist. de l'ind. ceph. Brit., 1894.

N'esta persuasão, e como assisas das affirmações ethnico-historicas, que adiante expressaremos, — quanto aos estudos da genealogia, *habitat*, e modalidades de ser dos Iberos e Bascos —, ousamos apresentar no capitulo seguinte uma classificação de raças e povos, a qual perfilhamos, em harmonia com o nosso escôpo fundamental.

Pretender classificar, como alguns anthropologos, apenas pelos caractéres somaticos, morphologicos, physiologicos, e pathologicos, é tão pouco baseado, como o systema d'outros, que se ligam de preferencia aos caractéres linguisticos.

Juntando todos estes aos psychologicos, e aos sociologicos, acha-se emfim o conjuncto total, que deve formar o verdadeiro nucleo dos caractéres anthropo-ethnicos.

Mas quão difficil é provar, que, em tal povo, incontestavelmente existem estes ou aquelles caractéres!

Se até, nos que mais experimentalmente se descobrem, nos somaticos, assistimos a duvidas scientificas, para não dizermos a affirmações contrarias, entre sabios, que orçam pelo quilate de P. Broca (1) e de Collignon (2)!

Emquanto este affirma, nos seus primeiros trabalhos anthropologicos que os Bascos são *mesocéphalos*, tanto os

(1) P. Broca — Sur l'origine et répartition de la langue basque — Paris, 1875, pag^s. 27 e seg^tes.

(2) R. Collignon — La race basque — L'Anthrop. t. V, 1894, pag. 276.

francezes como os hespanhoes, aquelle assegura, que os Bascos hespanhoes são *dolichocéphalos*, e que os Bascos francezes são *brachycéphalos*.

E para continuar o acerto, o erudito Deniker, dá aos Bascos francezes, o indice cephalico de 83, 0 (vivo), classificando-os de *sub-brachycéphalos*, e aos hespanhoes, 79, 3 (vivo), dizendo-os *sub-dolichocéphalos*, quando o coefficiente da mesocephalia principia em 79, 7 (vivo), segundo a sua classificação craneologica, e incluindo nos mesocéphalos os Bakairis, com 79, 0 (vivo) (1).

Mas não paramos ainda aqui, pois que o indice cephalico varia de convenção em convenção scientifica, porquanto os sabios da França e da Inglaterra acceitam os principios de Broca, para a medição craneana, fazendo passar uma horizontal pelos alvéolos e condylos, e a sciencia da Allemanha admitte a linha de horizontalidade, que vae pela bórda inferior da orbita e pelo centro da caverna auditiva.

É bastante, cremos nós, não para apregoar a fallencia da sciencia, mas para assegurar, que ella está ainda na epocha das primeiras experiencias, na adolescencia, senão na infancia, quanto ás suas affirmações anthropologicas e ethnicas.

Respeitamos as opiniões de todos os que estudaram, ou pretenderam estudar, a solução do problema ethnographico, que forma a origem historica dos nossos ancestraes. E sem querermos suppôr sequer, que a nossa solu-

(1) Deniker — Races et Peuples, Paris, 1900, pag. 670 e pag^s. 68 a 70.

ção seja a unica e acceitavel, desejamos sómente com o nosso desataviado estudo, resultado laborioso de muitas horas de leitura dos livros mais eruditos sobre ethnologia e sciencias auxiliares, e de muitos dias de investigações, passados na região basca, estimular e impulsar a verdadeira compendiação dos fastos antigos da Iberia.

Emittindo o nosso parecer sobre a chamada « questão basca » estamos convencidos, que ella forma a « questão ethnographica iberica », e que na solução d'aquella, e portanto d'esta ultima, estão as principaes bases da historia dos primévos da nossa peninsula.

E assim, no que se segue, nós pretendemos deduzir :

— « que Iberos e Bascos fôram os primitivos habitantes da peninsula iberica ;

— « que os protohistoricos da Iberia, ou os Iberos e Bascos, são um ramo ethnico da raça Turaniana, a qual precedeu as invasões Aryanas ;

— « que Iberos e Bascos fôram, pelo menos, coévos dos Atlantas, admittindo, com o maior numero de probabilidades scientificas e tradicionaes, a existencia da Atlantida;

— « que o estudo da lingua basca não só prova as suas affinidades anaryanas com as linguas dos grupos finno-ural e caucasico, mas tambem com o grupo japonico, e com as linguas dos indigenas da America do Norte, confirmando assim a grande dispersão da raça Turaniana ;

— « que os Bascos nas suas tradições, usos, costu-

mes e differentes modos de ser do seu *habitat,* são, ainda hoje, um reflexo das caracteristicas da raça Turaniana, constituindo portanto, permitta-se-nos o termo, um *museu vivo* de paleontologia social;

— « que, sendo os Iberos absorvidos pelas differentes imigrações dos povos que invadiram a peninsula, com excepção dos que habitaram e habitam a região dos Pyrenéos e suas proximidades, os Euskarianos ou Bascos, se póde e deve estudar, pelos costumes, tradições e differentes modalidades da vida d'estes, a existencia historica dos Iberos.

II

Uma classificação de Raças e Povos

II

Uma classificação

- **RAÇA ARYANA**
  - **Ramo Pamiro-Europeu**
    - Familia Celta . . . . . .
    - Familia Slava. . . . . .
  - **Ramo Indo-Europeu**
    - Familia Germanica . . . . .
    - Familia Helo-Latina. . . . .
    - Familia Iraniana . . . . . .

de Raças e Povos

Grupo	Celto-Rhenano	Allemães do Sul (incluindo os da Austria). Suissos.
—	Celto-Gaulez	Auvergnezes, Savoianos. Bretões.
—	Gaelo-Kymrico	Irlandezes, Gallezes. Escocezes.
Grupo	Esclavonio	Montenegrinos. Polacos, Lithuanianos. Slovenes ou Croatas. Servios, Bosnios, Dalmacios.
—	Russo	Russos, Rusniacks. Wendes, Cossacos. Bulgaros. Tchèques, Slovakes. Bohemios, Moravios.
Grupo	Neerlandez	Flamengos. Hollandezes.
—	Teutonico	Allemães do Centro e Norte.
—	Francez	Borgonhezes. Normandos.
—	Saxonio	Dinamarquezes. Inglezes.
—	Scandinavo	Suecos. Norueguezes.
Grupo	Heléno	Albanezes. Gregos.
—	Latino	Italianos. Francezes do Centro e Sul. Hespanhoes, Portuguezes. Rumanios.
Grupo	Iraniano	Armenios, Afghans. Persas, Balutchis, Kurdos.
—	Tadjik	Galtchas.

RAÇA TURANIANA	**Ramo Turaniano**	Familia Turaniana . . . . .
		Familia Euskariana . . . . .
		Familia Kuriliana . . . . .
	Ramo Finnez	Familia Finneza. . . . .
	Ramo Libyano	Familia Berbère. . . . .
		Familia Egypcia. . . . .
		Familia Barabra-Fulah.. . .
		Familia Oromo-Somali . . .

Grupo	Magyar.	Szeklers, Hungaros.
—	Caucasico.	Lesghianos. Georgianos. Tcherkesses.
—	Turco-turaniano. . . .	Osmanlis, Turcomanos. Jakutas, Kalmucks. Kirghizes, Yuruks.
Grupo	Guypuzcoano	Bascos hespanhoes.
—	Labourdano.	Bascos francezes.
Grupo	Kurilio-japonico. . . .	Ainos.
Grupo	Sabmi.	Laponios, Toubas, Delphinezes, Sagais, Teleutas.
—	Finlandez.	Tavaslandezes. Karelianos.
—	Esthonio	Esthonianos. Ymes, Lives.
Grupo	Djerbo-Ellesano. . . .	Tunizianos. Kabylas. Mozabitas. Chavias.
—	Tuareg	Asdjerianos. Hogarianos.
—	Algero-Djeridano . . .	Algerianos, Djeridianos. Moghabis. Riffenhos, Mouros.
Grupo	Copta-Fellah	Coptas. Fellahs.
Grupo	Barabrano	Barabras. Danaglas.
—	Fulah.	Fulahs.
Grupo	Gallas.	Gallas.
—	Somali	Somalis.
—	Danakil.	Afaras.

RAÇA PALÉAMERICANA	**Ramo Americo-Septentrional**	Familia Nahuati-Otomi . . .
		Familia De Nordeste . . . .
		Familia De Noroeste . . . .
	Ramo Americo-Meridional	Familia Andeana . . . . .
		Familia Pampéana . . . . .
		Familia Guaraniana. . . . .
RAÇA SEMITICA	**Ramo Semita**	Familia Arabe. . . . .
		Familia Chaldeia . . . . .
		Familia Habech. . . . .

Grupo	Aztéco	Aztécos.
—	Otomi.	Otomis, Mayas. Lencas.
Grupo	Floridiano.	Cherokes, Crecks, Natchés. Chactas.
—	Iroquez.	Hurôes.
—	Lennapes, Sioux, Apache	Knistenós, Algonquinos. Chipewais, Sioux. Panis, Kausas, Dacotas. Apaches, Athapascans.
Grupo	Koliugo-Wakische. . .	Koliugos, Wakisches. Chinooccos, Nootkanos.
Grupo	Quichoano	Quichuas, Aymaras. Atacamas, Changos.
—	Antisiano.	Yuracarès, Moceténes. Tacanas, Maropas, Apolistas.
—	Araucaneano	Aucas. Fuegianos.
Grupo	Pampéano	Patagonios, Puelchas. Charruas,Mocobis,Mataguayos. Abiponos e Lenguas.
—	Chiquiteano.	Samucos, Chiquitos, Saravecas. Otukés, Curuminacas, Covarécas. Curavés, Tapiis, Corabécas.
—	Moxéano	Moxos, Chapacuras, Itonamas. Canichanas, Movimas, Pacaguaras, Itenes.
Grupo	Guarani-Botucudo. . .	Guaranis, Caraibas. Botocudes.
Grupo	Arabe.	Arabes da Asia e Africa septentrional.
Grupo	Syrio-judaico	Syrios, Judeus.
Grupo	Amhara.	Abyssinios do Norte e de Léste. Kaffas. Choanas.

RAÇA MONGOLICA	**Ramo Mongolico**	Familia Sinica. . . . .
		Familia Tunguze-Mongolica .
RAÇA NEGRA	**Ramo Negrito**	Familia Negrito-Negrilla. . .
	Ramo Saab	Familia Boschimane. . . . .
	Ramo Bantú	Familia Bantú-Cafre. . . . .
	Ramo Nigricio	Familia Guinéana. . . . .
		Familia Sudaniana . . . . .
		Familia Ethiope. . . . .
		Familia Zambeziana. . . . .
	Ramo Oceanico-papuano	Familia Papuana . . . . .

Grupo	Sinico.	Chinezes meridionaes. Indo-Chinezes.
Grupo	Mongolico.	Mandchurios, Coreanos. Tunguzes, Tibetanos. Japonezes. Chinezes septentrionaes. Mongolios.
Grupo	Negrillo.	Akkas. Batuas.
—	Negrito.	Andamans da Asia. Sakais negros. Actas.
Grupo	Hottentote-boschimane.	Hottentotes. Boschímanes.
Grupo	Cafreal	Bantús occidentaes. — orientaes. — meridionaes. (Congo, e possessões portuguezas, francezas, inglezas, allemãs) O. e S. d'Africa.
Grupo	Guineo-achanti	Mandingues Dahomeanos. Achantis. Yolovas.
Grupo	Sudaniano	Sudanezes do Egypto. — do Alto Nilo.
Grupo	Ethiope.	Haussas. Bornuanos.
Grupo	Zambezo-moçambicano	Negros da Zambezia e de parte de Moçambique.
Grupo	Papuano-melanesico. .	Papuanos, Melanesianos, Tasmanianos (quasi extinctos). Australianos.

III

Prehistoricos, Protohistoricos e Prearyanos

III

Prehistoricos, Protohistoricos e Prearyanos

A existencia do *homo tertiarius*, na Europa, é hoje mais que contestada, é repellida pelas principaes autoridades scientificas (1).

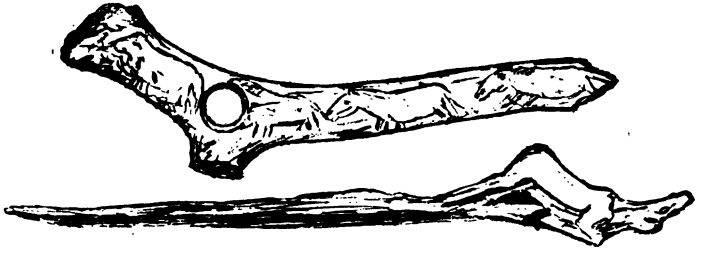
A apparição de ossadas humanas, com classificação e inscripção incontestada e incontestavel, pertence já ás camadas do periodo quaternario. O pretendido « esqueleto terciario » de Castenedolo (proximidades de Brescia) é para uns um quaternario, e para outros um « caso isolado » ou melhor ainda « uma observação incompleta », segundo a phrase de Marcellin Boule (2).

---

(1) — Newton — The evidence for the exist. of Man in the tert. period. — London, 1897.
— Cartailhac — La France préhistorique — Paris, 1889.
— De Mortillet — Le Préhistorique — Paris, 1883.
(2) — M. Boule — Paléont. stratigr. de l'Homme; — Rev. d'Anthr., 1888 — Paris.

Nos primeiros tempos quaternarios, quando o *Elephas antiquus*, o *Elephas meridionalis* e o *Rhinoceros Etruscus* ainda percorriam as vastas florestas europeias, onde, devido ao calor e humidade do clima então reinante, se desenvolvera uma pujante e vasta flóra subtropical, descobrem alguns a existencia do Homem primitivo.

A opinião porém mais seguida, ou a que menos duvidas offerece, é a dos paleontologos, que collocam a sua apparição no *primeiro periodo interglaciario* da epocha quaternaria. Os homens que percorreram a Europa nos dois periodos *glaciarios* e nos dois *interglaciarios*, servindo-se das armas e instrumentos feitos ou talhados, nos ossos, pontas e dentes dos diversos animaes, e na pedra, especialmente no silex, marcaram o primeiro estadio da civilisação humana, a que, na archeologia prehistorica, se deu o nome de periodo *paléolithico*, ou « edade da pedra talhada ».



Arte quaternaria (Epocha magdalénianna).

Punhal e bastão de commando, com desenhos insculpidos, em ponta de Rénna, segundo G. e A. de Mortillet.

Filiam-se, n'este periodo ou edade, as primeiras emigrações humanas.

Epocha néolithica

Utensilios, armas, braceletes, anneis de marmore e de micaschiste, vasos e urnas de barro e necroterio (segundo os trabalhos de investigações prehistoricas feitas no sudeste da Hespanha, por Henri et Louis Siret).

Veiu depois, terminados os periodos geologicos da epocha quaternaria, o comêço da nossa actual epocha geologica; e ao periodo prehistorico dito — *paléolithico* —, succedeu-se o segundo estadio de civilisação, periodo — *néolithico* — ou « edade da pedra polida ».

É nos começos d'esta « edade », que se collocam os inicios da migração para as regiões septentrionaes da Europa, livres já então das grandes camadas de gêlo, que nos periodos glaciario-quaternarios as tinham invadido, até aos parallelos 53 e 55 (lat. Norte). O Homem seguia a Rénna.

Carta da Europa. — Epocha glaciaria.

E bem se póde induzir, no que respeita ás origens da imigração europeia, que as primeiras dispersões da *raça humana*, na direcção — Léste a Oéste — seguiram das planuras centraes asiaticas ás regiões transcaucasicas e iranianas, e d'estas pelo littoral dos mares interiores até ao Mediterraneo, d'onde depois irradiaram, pouco a pouco, as invasões europeias e africanas. E outrosim portanto, que a Europa Meridional e a Oriental fôram as primeiras a serem povoadas, seguindo-se depois as migrações para a Europa do Norte.

Frécha talhada n'uma ponta de Rénna.

Machado de silex (chelléanno), segundo G. e A de Mortillet.

Dos *néolithicos* ha noções mais approximadas.

Assim dá-se a muitos néolithicos um *habitat* especial nas regiões da Europa, que se avisinhavam a lagos, v. g. na Suissa, Italia, Irlanda e França, onde elles cons-

truiam aldeias ou povoados, sendo as casas fundadas sobre estacaria, superiores ao nivel das aguas, que lhes formavam um solio liquido, d'onde o nome de *lacustres*. Sabe-se, que os néolithicos enterravam os seus mortos, votando-lhes um culto ancestral, attestado pelos dolmens, pedras tabulares e outros monumentos mégalithicos, e que conheciam a agricultura, a tecelagem, a pecuaria, a architectura (typo da casa redonda, e quadrada), e a ceramica.

Arte quaternaria.

Brinquedos de creança (barro pintado) encontrados n'um tumulo paléamericano.

É de notar, que os craneos dos *paléolithicos* são *dolichocéphalos*, e que sómente nos *néolithicos* se começa a encontrar a *brachycephalia*.

Os craneos brachycéphalos dos *néolithicos* appareceram em maior numero nas regiões do Nordeste da França e da Europa Central, desde as planicies da Hun-

gria, pelos valles do Danubio até á Suissa, Belgica e França septentrional (1).

Nas Ilhas Britannicas encontraram-se sómente dolichocéphalos (2).

Na Suécia, em Portugal e na Hespanha são raros os brachycéphalos — néolithicos, dominando, os dolichocéphalos (3).

Convem aqui fazer especial menção do importante trabalho, sobre as primeiras epochas do metal no sudeste da Hespanha, obra de grande investigação geologica e anthropologica, feitura do nosso amigo Mr. Henri Siret, distincto engenheiro, actual director dos Caminhos de Ferro do Congo.

Arte quaternaria.
Pedra com ornatos symbolicos.

São ainda obscuros os detalhes da industria, nos fins da epocha néolithica e começos da « edade dos metaes ».

(1) — Hervé — Les brachycéphales néolithiques — Rev. École Anthr. Paris, 1894, pag. 393, e 1895, pag. 18.
(2) — J. Beddoc — The races of Britain — Bristol-London, 1885.
(3) — Cartailhac — Ages prehist. Esp. et Portug. — Paris, 1886, pag. 305.
— Montellius — Les temps préhist. en Suéde. trad. S. Berrach, Paris, 1895, pag. 41.
— Henri et Louis Siret — Prem. âges du metal dans le sud-est de l'Esp. — Anvers, 1887.

Outrora dizia-se que a industria do bronze viera do Oriente, e hoje a opinião mais corrente é que ella teve a sua origem na propria Europa, na turaniana Iberia, região uberrima em minas de toda a especie (1).

Mas como, até ha pouco, não se tinha descoberto monumento ou inscripção epigraphica, que habilitasse a palethnographia ou a archeologia prehistorica a concluir, que *os néolithicos* possuiam linguagem escripta, (phonetica ou symbolica), não eram elles classificados como protohistoricos, e assignava-se-lhes um estadio prehistorico.

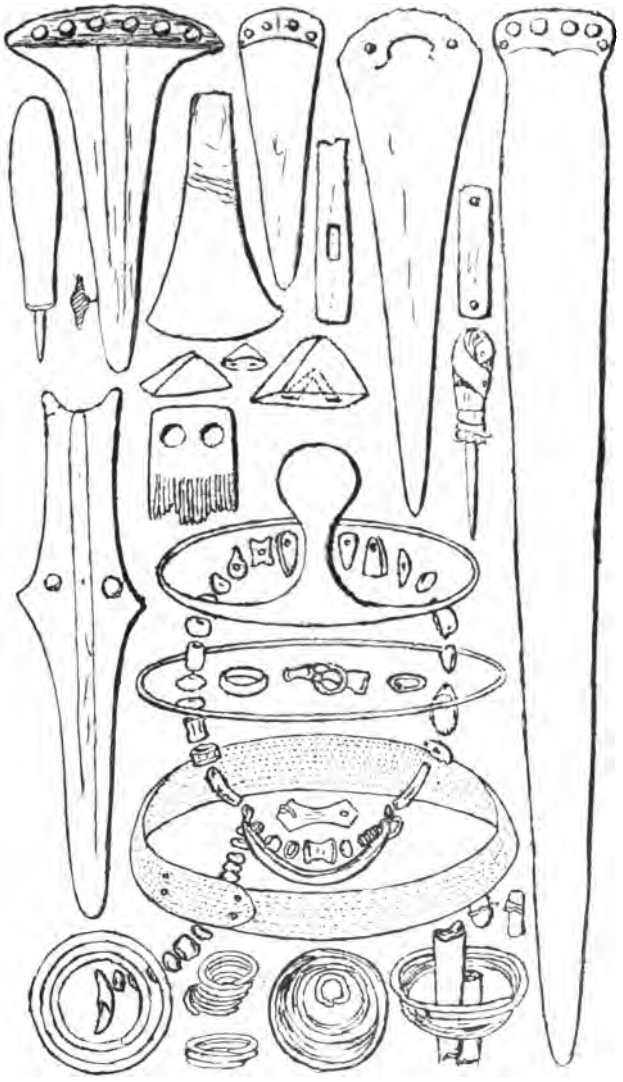
Hoje, e bem hoje, porque o facto data de epocha recentissima, ha convicção e prova de que a « edade da pedra polida », a dos *néolithicos*, tinha linguagem escripta e epigraphia portanto.

Na aldeia de Seskoulis, na Thessalia, n'umas escavações archeologicas, iniciadas pela « Sociedade Archeologica de Athenas » descobriram-se, em Agosto de 1902, muitas sepulturas *néolithicas* encerrando curiosos objectos, que attestam a civilisação d'aquellas vetustas éras. Mas o que houve de mais importante na descoberta foi a epigraphia tumular.

As pedras das sepulturas *néolithicas* cobertas de inscripções! Imagine-se o espanto e a revolução scientifica, que esta nova causou.

Assim, já não ha duvidas para assignar aos néolithicos o seu logar de *protohistoricos*, que até agora era dado

(1) — Vide nota A — in-fine.



Arte dos começos da Epocha dos Metaes (sudeste da Hespanha).

Armas, utensilios, diadema, anneis, braceletes em cobre e em bronze (segundo « Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne, par Henri et Louis Siret).

sómente aos da « edade de bronze » representados, segundo as noções da sciencia dos fins do seculo passado, v. g. pelos archiprimévos egypcios.

Serão estes *néolithicos* mais uma prova do grau de civilisação priméva, que os pelasgos, os egypcios e os atlantas, segundo as tradições nilo-hellenicas, attingiram n'uma epocha assás longiqua, a qual escapava a todos os calculos chronologicos dos modernos e antigos autores da « arte de verificar as datas »?

Julgamos, muito desapaixonadamente, e sem preoccupações pela demonstração do nosso escôpo fundamental, que esta descoberta é um argumento para confirmar a asserção de que houve uma importante civilisação coéva dos ultimos tempos néolithicos e dos primeiros da « edade dos metaes », e que n'ella se podem enxertar a existencia da civilisação atlanta, — á qual adiante nos referiremos —, e a prioridade das migrações turanianas.

Mas accentue-se bem, que a prehistoria finda nos principios da civilisação da « edade dos metaes », quando a epigraphia, a numismatica, e outros documentos da monumentologia começaram a acompanhar as tradições oraes para formarem os aditos da historia, para esboçarem a vida passada dos vetustos protohistoricos.

Os Iberos, além de serem os nossos prehistoricos são tambem os nossos protohistoricos, como se prova pelos monumentos mégalithicos, e epigraphicos, espalhados por toda a peninsula, e principalmente pelos que se encontram nas provincias bascas; pois foi em taes regiões, que os aborigenes ibericos, representados por uma das suas familias, a Euskariana, se conservaram em maior

grau de pureza ethnico-historica, atravez das promiscuidades de raças e familias, em que se envolviam os seus irmãos dos outros povoados da peninsula.

Os escriptores gregos e romanos fôram o guia seguro e unico, até aos principios do seculo XIX, para a investigação das primeiras epochas historicas da humanidade.

As civilisações da Assyria, da China e da India, os prologomenos da historia monarchica do Egypto, a éra de Moysés com o Pentateuco, e a primeira imigração dos Celtas na Europa, eis tudo que de mais remoto se reputava nos recantos estudiosos dos sabios de ha cincoenta annos.

A linguistica e a philologia vieram em auxilio da epigraphia, da tradição, dos papyros e da velha historia escripta, e assim o sãoscrito veiu illuminar os tempos da obscura India primitiva, e o idioma assyrio, precedido ainda pelo sumeriano, lingua d'Accad, explicou muitas das incognitas do hebraico.

Da nossa velha Europa começamos a descobrir algumas linhas, mal desenhadas, do seu perfil de éras vetustas, mas tudo isto envolto ainda no nevoeiro, diga-se a verdade, das hypotheses, que lentamente, pouco a pouco,

como a formação dos astros que se distillam da via lactea, se converterão em axiomas historicos.

Para muitos é assás provado, que antes da apparição dos Gregos e dos Latinos, antes das imigrações dos Celtas, antes ainda das primeiras colonias Egypcias e Phenicias, existiu na velha Europa uma civilisação differente da civilisação dos Aryanos, — que, só mais tarde, se apossaram das regiões europeias —, attingindo a superioridade da aryana, avultando nas suas caracteristicas, e sobrepujando muito as epochas selvagens, que a geologia e a paleontologia affirmam terem sido as suas predecessoras.

A corrente moderna dos estudos historicos, fundamentando-se na palethnographia, na philologia e na linguistica, inclina-se a admittir, que foi a raça Turaniana a primeira, que invadiu a Europa. Precedendo a caudal ethnica da raça Aryana, que Pictet tão magnificentemente imaginou e descreveu, nos seus primeiros movimentos de migração (1), os Turanianos avançaram para Occidente, e formaram, fixando-se em diversas regiões, as primeiras bases da civilisação europeia.

Ou se admitta, que as suas imigrações se fizeram dilatando-se pela Asia Menor, entrando pela Lydia, Egypto e Libya, e, d'estas paragens do septentrião africano, passando á Iberia, proseguindo n'uma invasão europeia, de sul a norte; ou se supponha, que no seu movimento de invasão formaram um delta, começando a abrir-se nas regiões da Transcaucasia, estendendo-se simultaneamente,

(1) — Pictet — Origines indo-européennes, Paris, 1886.

pela travessia do Caucaso, até ás steppes da Russia e ás alturas dos Scandinavos, e pelas planicies da Asia e Arabia chegando ao Nilo, e d'este á Africa, ao littoral europeu do Mediterraneo e á Iberia : é incontestavel, que elles fôram os prearyanos da Europa.

E para nós, para os habitantes da peninsula sudoccidental affirmam-se estes prearyanos-protohistoricos, nos dois povos irmãos, chamados Iberos e Bascos.

Aquelles fundiram-se nas grandes invasões aryanas, estes vivem ainda nas encostas e planuras que formam a região dos Pyrenéos, prestando ao sabio moderno todo o auxilio da sua vida, lingua, costumes e tradições de hoje, para se recompôr pouco a pouco a historia dos seus antepassados, e quiçá por ella a dos seus ancestres, os Iberos.

Antes de nos embrenharmos nos estudos, que procuram filiação e assento ethnographico aos Bascos e Iberos, não é descabido indagar, se estes povos prearyanos fôram irmãos ou coévos dos primitivos habitantes do Egypto, da Libya, do Mexico, das Antilhas, das Canarias, e emfim se elles fôram contemporaneos, no Occidente, da civilisação vetustissima da Atlantida.

IV

A Atlantida, e a civilisação, tradições e affinidades ethnicas dos Atlantas

IV

A Atlantida, e a civilisação, tradições e affinidades ethnicas dos Atlantas

Os phenomenos sismicos dos nossos dias, as erupções vulcanicas da Martinica, e das outras pequenas Antilhas, a pobreza da sciencia, modernissima, para explicar cabalmente taes revoluções meteorologicas e geologicas, sendo tantas as soluções quantos os sabios, compelliram-nos a descrer de muitas theorias scientificas dos nossos dias, que pretendiam conhecer o modo da formação exacta do nosso planeta, as suas assisas remotas, e a sua biologia actual. E ao mesmo tempo, impellidos pela moderna orientação dos estudos historicos, que em grande conta e valor apreciam, quanto aos tempos primitivos da civilisação humana, os fastos populares chamados « a tradição », fômos levados, a admittirmos a hypothese da existencia da Atlantida.

Mas provaremos tambem, que não é a tradição a base unica, em que se alicerçam as opiniões dos que apre-

goam e sustentam a existencia do grande continente desapparecido.

Começaremos pela tradição egypcio-hellenica.

O primeiro escriptor antigo que se referiu á Atlantida foi o grande philosopho grego, Platão.

No seu dialogo « *Timéo* » diz-nos (1), compendiando a tradição, ou antes a affirmação da sciencia dos egypcios, em cujas fontes elle bebera grande parte dos seus conhecimentos :

« N'um dia em que Solon conversava com os sacerdotes « de Sais, sobre a historia dos Tempos-Remotos, um « d'elles lhe disse : — Ó Solon, vós, os gregos, sois « sempre creanças. Não ha um unico dos vossos, que não « seja frivolo e noviço na sciencia das tradições antigas.

« Ignoraes o que fez a geração dos heróes de que hoje « sois apenas a posteridade degenerada. O que eu vou « contar-vos remonta a nove mil annos. Os nossos livros « contam, como Athenas resistiu aos ataques d'uma « potencia formidavel, que vindo dos lados do mar Adria- « tico, invadira uma grande parte da Europa e da Asia. « Porque, então, podia-se atravessar o oceano. Havia, « sem duvida, uma ilha situada em frente da embocadura « que vós chamaes Columnas de Hercules. D'esta ilha, « maior que a Libya e a Asia reunidas, os navegadores « passavam ás outras ilhas, e d'estas ao continente que « borda este mar.

(1) — Platon — OEuvr. compl. trad. Saisset, tom. VI, pag^s. 174 e seg^tes — Paris, 1869.

« Ora, n'esta ilha Atlantida viviam reis célebres pelo
« seu poderio, e tinham fundado um imperio que abran-
« gia toda a ilha e outras muitas ilhas visinhas, e ainda
« muitas partes do continente.

« Além d'isto, eram senhores da Libya até ao Egypto, e
« da Europa até ao Thyrreu.

« Assim esta grande potencia, reunindo todas as suas
« forças, pretendeu um dia, n'uma arremettida, subjugar a
« nossa terra, a vossa, e todos os povos áquem das
« Columnas de Hercules.

« Foi em tal conjunctura, ó Solon, que a vossa cidade
« mostrou brilhantemente a sua coragem e força. Arros-
« tou os maiores perigos, triumphou dos invasores, e
« preservou da escravidão os povos, que ainda eram
« livres, e aos outros povos situados, como vós, áquem
« das Columnas de Hercules restituiu-lhes a liberdade.

« Mas nos tempos, que se seguiram, houve grandes
« ramotos e inundações.

« No espaço d'um dia e d'uma noite terriveis, todos os
« guerreiros, que outrora tinham chegado até ás portas
« das vossas casas, fôram engulidos conjunctamente nos
« abysmos da terra.

« A ilha Atlantida desappareceu sob as ondas do mar,
« e é por isso que hoje ainda não se póde, nem per-
« correr, nem explorar o mar que a cobre.

« Os navegadores encontram um obstaculo insuperavel
« na grande quantidade de vasa que a ilha, ao soverter-
« se, deixou á flux das aguas. »

No dialogo, « *Critias* » (1), de que restam apenas alguns fragmentos, ainda Platão volta a confirmar a prosperidade da Atlantida (2), e a estabelecer a chronologia de 9.000 annos (até áquelles tempos) para a batalha travada entre os Atlantas e Athenienses.

O grande sabio dos nossos tempos, o erudito Humboldt ataca a existencia da Atlantida por uma fórma muito simples, que se poderia talvez chamar leviana, se não fôsse o muito respeito que impõe a memoria do eminente allemão.

« Não a encontrei em parte alguma, no decurso das minhas viagens », disse elle. Sobre esta ironia sem fundamento, e quiçá sem espirito, bordaram outros affirmação identica. Mas se este argumento colhesse, se a inspecção ocular de hoje fôsse sufficiente desmentido para as affirmações do passado, tambem seria a negação das revoluções cosmicas, e a destruição da theoria das transformações geologicas do planeta, transformações de todos os dias e de todos os momentos. Quantas ilhas e ilhéus da Polynesia, do Atlantico e do Pacifico, desapparecem ou surgem d'um instante para o outro, obrigando o nauta de taes paragens a não confiar assás na ultima carta geographica, que lhe serve para a derrota, a qual elle proprio se vê obrigado a corrigir, encontrando nova terra, ou aguas rasas, onde ainda ha pouco verdejava luxuriantemente uma floresta tropical!

O homem até mesmo quando se reveste da ultima

(1) — Platon — Œuvr. compl. trad. Saisset, tom. VI, pag^s. 316 a 330.
(2) Vide « Nota A », in-fine.

camada da sciencia, pela qual o cognominam sabio, difficilmente admitte, que exista alguma coisa, que elle não tenha descoberto visual ou intellectualmente.

Platão, o divino, como lhe chamaram os gregos, votou guerra aos sophistas e aos rhetoricos do seu tempo, e o grande educador da Grecia, o philosopho, por excellencia, da sua grande civilisação não mendigou para si para o seu tempo, o papel d'um imaginoso, pela feição moderna de Swift ou Verne, nem inventou a Atlantida para a romantisar com as proezas d'um joven Telemaco ou d'um Robinson, á maneira d'um Foë ou d'um Fenèlon.

O seu fim foi outro; mirou a perpetuar a tradição historica do grande Continente Atlantico, ou da Grande Ilha, como os sacerdotes egypcios lhe chamavam.

E a sciencia dos templos nilinos, os estudos dos mysteriosos padres de Thebas, a das cem portas, e dos hieraticos de Memphis, fazem, ainda hoje, o pasmo e a admiração dos que conhecem, mesmo superficialmente, as noções da historia, da astronomia, das sciencias exactas e das physicas.

Na esteira de Platão seguiram-se outros escriptores da antiguidade, affirmando que existira a Atlantida, apesar de « nunca a terem visto nas suas viagens », como dizia ironicamente o infatigavel explorador dos Andes.

Tertulliano assegurou a sua existencia, seguindo a tradição correntia e ininterrupta.

O mesmo confirmaram outros, como Marcellus, Philon, Possidonius, etc.

Ammiano Marcellino cognominava-a: *Insula Europeo orbe spatiosor.*

As tradições gangeticas dizem, que Atlas, rei dos tempos fabulosos, filho de Uranus, segundo Manéthon e Dicéarco, foi o inventor da astronomia (1), *e que reinou no povo dos Atlantas*, attribuindo-se-lhe a invenção da esphera e a descoberta dos principios astronomicos, que n'outros tempos, tinham sido ensinados aos Brahamanes.

A negação da Atlantida, pelo principio de só admittir o que os monumentos escriptos, sob interpretações mais ou menos hypotheticas, affirmam, faz-nos lembrar a grande campanha, que a escóla historica da Allemanha moderna, travou contra as affirmações de Tito Livio, quanto ás origens historicas de Roma.

O bom do Tito Livio affirmou a vinda de Enéas com o pae Anchises e o joven Ascanio, isto é, a invasão d'uma colonia asiatica, que iniciou a genealogia dos primeiros latinos.

Os sabios allemães derruiram tudo isto, e o historiador romano passou a ser cognominado, genericamente, o almocreve das pêtas.

Pois, na hora actual, os trabalhos importantissimos realisados por Giacomo Boni, nas curiosissimas investigações archeologicas do Forum de Roma, confirmam

(1) M. Guyméner — Diction. Astronomique — Paris, 1882.

Zodiaco circular (turano-egypcio).

plenamente a thése de Tito Livio, e portanto a apparição no Latium de imigrantes asiaticos!

Infelizmente para a sciencia historica dos que só confiam na epigraphia e na monumentologia, não ha mergulhadores e exploradores assás fortes e ousados, que possam sequer penetrar (1), quanto mais permanecer, semanas, inteiras, nas profundezas atlanticas para descobrirem alguma pedra de convicção material, permitta-se-nos o termo, ou alguma inscripção néolithica.

Vamos agora esboçar as provas e argumentos que a sciencia dos tempos modernos adduz em pról da Atlantida.

A geologia, pelos estudos dos seus mais modernos mestres, provou a identidade existente entre o systema da formação chamada Hercyniana, — que cobre a Allemanha, sita do Danubio ao Rheno, e do Eslter ao Mar do Norte —, e o da formação dos Alleghanys, montes que são a espinha dorsal da costa septentrional da America.

(1) O mergulhador, munido de scaphandro, não póde baixar a mais de 50 metros de profundidade oceanica.

O naturalista suisso, Heer, foi levado pelos seus estudos botanicos a affirmar a existencia do Continente Atlantico terciario, e isto pela analogia da flóra miocéne da Europa Central com a flóra actual da America do Norte, região de Léste.

O zoologista Hamy provou, que tanto na America Oriental, como na Europa Occidental, ainda hoje se encontram muitos insectos pertencentes a especies communs nas duas grandes regiões.

Os fosseis das duas séries, animal e vegetal, compartilham a mesma similhança, pertencendo ás mesmas especies, tanto no continente occidental Europeu e nas ilhas proximas, como na America do Norte, costa oriental.

« C'est par de semblables concordances des faunes et « des flores que les géologues ont pu constater l'ancienne « existence de terres de jonction entre l'Angleterre et « l'Irlande, entre l'Irlande et l'Espagne et même entre « l'Europe et l'Amérique?

« .....permet donc de conclure qu'à l'époque des lignites « tertiaires de la molasse, les terres éparses et les mas- « sifs de montagnes peu nombreux, qui formaient pour « ainsi dire les rudiments de notre Europe se rattachaient « aux rivages américains par un isthme séparant les eaux « atlantiques de celles de la mer Glaciale...

« Cet isthme était l'Atlantide, et les traditions dont « Platon s'est fait l'interprète au sujet de cette terre dis- « parue reposent peut-être sur des témoignages authen- « tiques. Il est possible que l'homme eût vu cet ancien « continent s'abîmer dans les mers. »

São estas as affirmações de Elisée Reclus na « Histoire de la Terre ».

No seculo XVIII, um benedictino das Asturias, P. Feyjoo apresentou o seguinte asserto :

« que onde existem os mares actuaes houve outrora terras plenas de vegetação, e que as terras productivas dos remotos seculos fôram substituidas pelas amplidões dos actuaes oceanos ».

Buffon (em 1774) seguiu a mesma orientação affirmativa, n'uma das suas quatorze théses que a Sorbonne obrigou a retirar como « ousadas e contrarias á sciencia ».

Zaborowski, no seu livro « L'Homme Préhistorique » (1), referindo-se á segunda epocha quaternaria, allude ás transformações que soffreu a bacia do mar Mediterraneo, e á ligação de parte da Africa com a Europa : « Mais alors la Méditerranée n'avait peut-être pas l'étendue, qu'elle a maintenant. En tout cas, avant l'affaissement de la première époque (quaternaire) l'Europe se joignait à l'Afrique par l'Espagne et par la Sicile ».

O mesmo Zaborowski (2), cita a opinião de Aristoteles, que dizia : « O tempo não interrompe nunca a sua obra; « e nem o Tomais, nem o Nilo decorreram sempre nos « seus leitos actuaes. As suas nascentes eram outrora « uma terra arida; todos os rios nascem para desappare-

(1) Zaborowski — L'Homme Préhistorique — pag. 66, Paris, 1886.
(2) Zaborowski — Les Mondes disparus — pag. 14 e 25, Paris, 1886.

« cerem mais tarde, e o proprio mar, *mudando de leito,*
« *abandona certas terras para ir invadir outras.* »

E nos « Mondes disparus » diz :

« Les relations pliocènes de l'Amérique septentrionale
« avec l'Europe sont abondamment établies.

« L'une et l'autre ont encore aujourd'hui des espèces
« identiques de plantes, d'insectes, d'oiseaux sédentaires
« et de poissons d'eau douce.

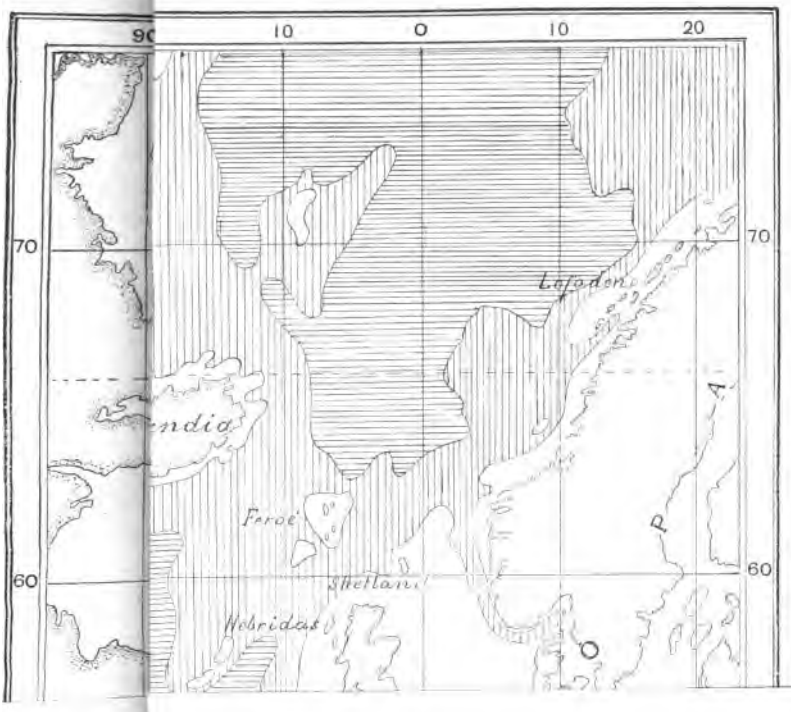
« Il ne faut pas confondre les deux catégories de faits.
« Et, ce qui est en question, c'est l'existence d'un conti-
« nent pliocène reliant les deux mondes par leurs parties
« meridionales surtout. »

A sciencia ethnologica estudando as caracteristicas ethnicas dos habitantes das Canarias, apesar dos cruzamentos successivos, após a descoberta moderna, prova que os Guanchos eram da mesma raça que os Peruvianos, os Mexicanos, os Floridanos, os Egypcios, os Iberos, os Bascos, os Etruscos, os Phenicios, os Oscos, os Seculos.

Cesare Vecellio, um precursor da ethnologia moderna, dizia em pleno seculo XVI na sua obra, « *Degli abiti an-*

Vestuarios paléamericano-aztécos (desenhos contemporaneos de Montezuma).

C. -Norte


90
10
0
10
20
70
70
60
60
Lofoden
ndia
Feroe
Shetland
Hebridas
A
P
O

tichi e moderni di diversi parti del mondo », que o typo do Canariense (Guancho) era esplendido de nobreza, e, nas caracteristicas ethnicas, que elle apresentava, « absolutamente egual aos primitivos Peruvianos e Mexicanos, encontrados em adiantado grau de civilisação pelos descobridores e conquistadores hespanhoes ».

Os Peruvianos e Mexicanos não tinham creado as maravilhas architectonicas, que os conquistadores hespanhoes encontraram; eram *os descendentes degenerados d'uma raça dominadora, a da Atlantida*, e diziam aos hespanhoes, que elles provinham de ancestres poderosos, cuja memoria respeitavam religiosamente, mas de cuja historia e civilisação tinham perdido a sequencia.

O heroico Montezuma protestava perante os seus algózes, que seus avós não eram naturaes do paiz, e que tinham vindo d'um rico paiz situado no Oriente.

Este paiz chamava-se *Aztlan,* e o seu nome, em todas as inscripções, era encimado pelo signal hieroglyphico que significava *agua.*

O proprio Colombo constatou com admiração as similhanças ethnicas entre os habitantes do Haiti e os das Canarias

Nos nossos dias, Berthelot descobriu e assegurou a grande analogia entre os nomes de pessoas e de povoações das duas ilhas, tão distantes.

Comparando os destroços historicos da velha civilisação paléamericana com os da vetusta civilisação turaniana no Egypto, encontram-se flagrantes e incontestaveis analogias e similhanças.

Os trajos antigos das mulheres de la Pampa del Sacramiento e de Moyos são quasi a copia exacta dos trajos das antigas Egypcias.

No Mexico encontraram-se pyramides architectadas sob o mesmo estylo, que as do Egypto, e até se descobriram estatuas hieroglyphicas com a serpente do Sesostris egypcio. A monumentologia funeraria antiga é a mesma, tanto na região do Nilo, como nas duas Americas.

O investigador Castelnan notou, ao vêr no « British Museum » as pinturas egypcias, da tão riquissima collecção artistica, a similhança de taes figuras, nas feições e nos costumes, com as dos Indios da America.

Continente ou archipelago de grandes ilhas, é portanto assás provada a existencia da Atlantida.

Quem, percorrendo as cartas bathymetricas do Atlantico-Norte attentar bem, já nas ilhas, que restam como pontos culminantes do continente desapparecido, Madeira, Açores, Canarias, Cabo-Verde, Antilhas, Terra Nova, já nos ilhéus, e baixios, que formam um dorso enorme submerso, desde as Antilhas até ao chamado » plateau telepathique », escalonando na direcção Léste-Oéste um itinerario, do continente actual europeu ao

americano, desenhando nas sondagens o relevo de montanhas que se submergiram, de 10′ a 50′, graus de latitude Norte, e de 15′ a 60′, graus de longitude Occidental acreditará que a Atlantida existiu.

Quem, seguindo as narrativas antigas de Platão e Heredoto, de Aristoteles e Strabão, e as modernas de Colombo e Cabral, procurar descobrir a razão de ser do chamado « mar das sargassas », que, de seculo para seculo, vae diminuindo a área, outrora enorme, da sua pujantissima vegetação de algas e outras plantas marinhas, não porá decerto em duvida, que a Atlantida foi submersa por um dos grandes cataclysmos, que têm revolucionado o nosso planeta.

E, ou fôsse, repetimos, um continente á similhança da Australia, rodeado de muitos archipelagos, como o australiano actual, com a visinhança da Polynesia, da Malasia, etc, ou fôsse um isthmo desde as proximidades do Canadá até aos Pyrenéos, passando por Terra Nova e Açores, e das visinhanças da Florida ás Canarias, a desapparecida Atlantida teve uma área enorme de terra firme, d'onde se irradiou um fóco de civilisação prearyana, assás difficil de conhecer em todas as suas linhas. Insculpiu porém, nos monumentos architectonicos, erigidos n'algumas das suas colonias remotas, da Africa e das Americas, e nos traços da philologia dos povos antigos, o perfil historico da sua existencia archisecular.

Querem uns, segundo as theorias de Diutrickx e Saintignon, explicar a sua desapparição subita, por uma grande erupção vulcanica produzida pela maior densidade da attracção astral; determinada esta, pela conjuncção de um certo numero de planetas e do centro solar, descrevendo o zenith sobre a região submersa, fazendo explodir a materia ignea, que forma o nucleo do nosso planeta.

Outros dizem, que a formação, ou antes o levantamento dos Alpes e das Cordilheiras Americanas, causou a depressão, que fez desapparecer a Atlantida.

Ainda ha quem attribua esta enorme revolução geologica á inclinação da ecliptica, deslocando-se o equilibrio da massa ignea, que forma o centro do nosso planeta, e produzindo-se uma transformação enorme na pellicula, que reveste o globo de fogo, chamado a Terra.

É curiosa a tradição de tal cataclysmo, contada a Diogo Landa, na occasião da conquista hespanhola da America, pelos Indios-Quichés.

« As aguas subiram e a inundação passou por cima
« das cabeças dos habitantes.

« Fôram cobertos pelas aguas, e uma resina espessa
« cahiu do céo. A face da terra obscureceu-se, e começou
« de cahir uma chuva torrencial : chuva de dia, chuva de
« noite, e um grande trovejar pairava sobre os habi-
« tantes.

« Então viu-se os seres humanos sobreviventes, loucos
« de desespero, correndo e atropellando-se uns aos
« outros.

« Subiam aos telhados das casas, e estes derruiam-
« se com elles.

« Queriam subir ás arvores gigantescas e estas sacu-
« diam-os longe de si. Queriam abrigar-se nas cavernas,
« e estas abatiam-se. »

M. de Bourbourg recolheu, na America Central, uma tradição indigena, que diz respeito tambem á Atlantida, e á catastrophe que a destruiu.

« O imperio de Xibalba era outrora governado por dois
« reis, ou supremos juizes do imperio. Estes tinham sob
« as suas ordens dois outros reis, sempre escolhidos dois
« a dois, e cada um d'elles era soberano n'um grande
« reino; formavam entre si uma especie de conselho.
« Pouco a pouco, estenderam o seu dominio a todo o
« mundo; mas uma inundação repentina alagou tudo, e
« elles desappareceram. »

Reconstituição da Atlantida, segundo a bathymetria.

E assim passaram, um grande povo, uma grande historia, e uma civilisação importante, para o seu tempo, a qual, segundo a tradição, tinha chegado ao maximo do seu apogeu.

Que pygmeus ephemeros são os habitantes d'este microcosmo!

Na contemplação d'estes phenomenos sismicos, geologicos e meteorologicos, que são uma das affirmações da vida e da força, que Deus tirou do cahos, dando á materia as leis harmonicas e immutaveis pelas quaes ella se rege, o espirito humano alquebra-se perante o Immenso e o Infinito, e reconhece a sua inferiorissima pequenez.

Que foi grandiosa a civilisação d'este fóco da vida turaniana, bem o provam não só as ruinas dos monumentos que maravilharam, no Mexico e no Perú, os conquistadores hespanhoes, mas tambem as recentes descobertas archeologicas paléamericanas.

Paléamericano do Nordeste.

O sabio e erudito Nadaillac demonstrou ainda ultimamente (1) o elevado grau da priméva civilisação paléamericana, e opina tambem com M. du Chatellier, que os indios americanos, encontrados pelos descobridores portuguezes e hespanhoes, *eram os descendentes degenerados d'uma raça, que attingira elevado grau de civilisação.*

O escriptor inglez Newberry provou exuberantemente, que os paléamericanos « primitivos » (ou os atlantas) não

(1) Nadaillac — Prim. Americ., na Revista Nacional — Buenos-Ayres, Dezembro, 1901.

só conheciam todos os metaes, mas até se serviam do petroleo para a illuminação das suas casas e palacios, como se prova pelas descobertas de antigos poços mineiros, perfurados nas regiões petroliferas da America do Norte (1).

Defenderam a existencia da Atlantida, além dos escriptores, antigos e modernos, já indicados, Bory de Saint-Vincent, Tournefort, Mentelle, Boërr, e ultimamente Gaffaret nos « Études des rapports, entre l'Amérique et l'ancien continent ».

E até inspirou a creação d'um dos melhores poemas da Hespanha contemporanea, « La Atlantida », pelo distincto catalão Jacinto Verdaguer.

Admittida a existencia da Atlantida, e a sua civilisação antiquissima, não é licito duvidar, que Atlantas e Iberos fôram, pelo menos, coévos, e que se entroncam na genealogia dos povos da raça Turaniana, d'onde beberam a sua vida historica prearyana, embora a familia Iberica não chegasse ao desenvolvimento de civilisação, que o grande nucleo Atlanta attingiu.

(1) Newberry — Mining in North America — New York, 1900.

Não findaremos estas considerações sobre a existencia dos Atlantas e suas affinidades ethnicas e tradicionaes, sem pôrmos em relevo a etymologia da palavra *Ibero,* segundo os basquistas modernos; assim *Ibero* vem de *Ib-er*, que em basco significa = rio queimante, rio ardente = perfeita allusão ao Gulf-Stream, rio ou corrente ardente, que ladeava a Atlantida.

E, aqui, fazemos nossas as palavras de Oliveira Martins, ao defrontar-se com algumas das difficuldades do problema « iberico » :

« Se as affirmações são, com effeito, sempre temerarias em materias tão pouco susceptiveis de verificação, *as inducções prudentes são comtudo, mais do que licitas, são indispensaveis e fecundas. De hypotheses em hypotheses se chega a aferir a verdade.* »

V

A existencia dos primévos Iberos, perante a lingua, vocabulario e toponymia dos Euskarianos

V

A existencia dos primévos Iberos, perante a lingua, vocabulario e toponymia dos Euskarianos

O geologo descobre, recompõe e resurge um continente submerso, pela observação das ilhas, que d'elle escaparam, e pela analyse dos bancos, baixios e ilhéus de rochedos escalvados, que formaram as *etapes* da sua evolução terrestre; assim tambem o archeologo, pelos restos, pelos destroços epigraphicos e architectonicos dos antigos povos, que emergem, disseminados e espalhados, de longe em longe, no grande oceano ethnographico, conjectura, vitalisa e explica a vetusta civilisação dos povos primitivos.

Não temos a noção bem exacta e clara dos factos, nem possuimos datas chronologicas, que autorisem um grande conjuncto de conclusões assentes e definidas, quanto á primitiva civilisação da Europa.

Já não acontece o mesmo aos investigadores das civili-

sações Orientaes. Porque encontraram no Egypto os hieroglyphos, que, depois de Champollion, constituiram a fonte lidima para a recomposição vital da civilisação nilina; porque, para os conhecimentos da velha India, se basearam nos estudos do sãoscrito e dos Vedas; e porque, finalmente, os tijolos e pedras de caractéres cuneiformes desvendaram os mysterios da grandiosa Assyria.

Se os contemporaneos dos povos da lingua de Accad, e dos da civilisação indostanica e da egypcia, os habitantes primévos da Europa Sudoccidental, Iberos, Bascos e Etruscos, não fôram ainda bem expostos á luz da sciencia moderna, é pelo motivo de, até hoje, não se ter descoberto, clara e irrefutavelmente, o theor e sentido das *letras desconocidas* da Iberia,e de estar ainda nos seus começos a decifração das *epigraphicas* da Etruria.

Para a lingua etrusca principia a desfazer-se o mysterio, e a basca começou, ha poucos annos, a ser estudada nas suas affinidades philologicas, nas suas ramificações linguisticas, que tanto deverão auxiliar as affirmações ethnicas dos povos, que primordialmente habitaram a peninsula iberica.

Os documentos escriptos são rarissimos e de conteúdo assás diminuto, não passando além dos dominios da epigraphia e da numismatica.

Sabemos pelos autores classicos, que Iberos e Bascos tiveram uma litteratura, leis escriptas, annaes, poemas compostos segundo as regras da arte poetica, mas nenhuma citação directa, por copia ou traducção, se perpetuou. E não admira, pois que já no tempo de Strabão não se percebia nem definia exactamente a vida assás

longiqua de taes povos, cuja lingua os escriptores romanos nunca poderam estudar, e portanto comprehender.

As affirmações ethnicas modernas, as investigações e assertos anthropologicos, e principalmente a lingua dos Bascos, Euscualdunac ou Euskarianos, nas suas affinidades com as outras linguas do grande agrupamento linguistico turaniano, e ainda a analyse e estudo comparativo dos usos e costumes do paiz euskariano, são os principaes fundamentos, repetimos, em que se póde delinear o perfil historico dos primévos ibericos.

São os auxiliares portanto, que nos guiarão para conhecermos a *silhouette* d'estes ancestraes, e para descortinarmos algumas das faces mysteriosas da Iberia prearyana, e da civilisação antiga do Sudoeste da Europa.

Por muito tempo os estudiosos do seculo XVIII pretenderam ter descoberto o caracter e a origem da lingua basca.

Mas todas, ou quasi todas as suas mirabolantes theorias cahiram perante a critica moderna, e só hoje póde afoitamente dizer-se, que o problema está resolvido depois de trabalhos incessantes e laboriosissimos dos sabios do seculo XIX.

Humboldt (Guilherme) publicou em Berlin, 1817, « Berichtigungen und Zusätze über die Cantobrische oder Baskische Sprache », obra que foi decerto a precursora dos verdadeiros estudos modernos sobre os Euskarianos.

Seguiram-se depois : A.-Th. d'Abbadie e S.-Augustin Chaho que elaboraram os « Etudes grammaticales sur la langue euskarienne. »

Em 1858 o abbé Inchauspe produziu « Le Verbe basque », e W. J. van Eys, o sabio hollandez, publicou, em 1867, o « Essai de Grammaire de la langue basque », e em 1879, a « Grammaire comparée des idiomes basques. »

Julien Vinson traduziu e commentou, em 1877, o « Essai sur la langue basque » do hungaro F. Ribary.

Mas a obra capital, a obra importante para aquelles que querem analysar e estudar devéras a lingua basca é o « Verbe basque en tableaux », desenvolvido com notas grammaticaes, relativamente aos oito dialectos do euskara, pelo principe L. L. Bonaparte.

Classificou-se o euskara como pertencendo ao segundo grupo dos idiomas, aos agglutinantes. Marcou-se-lhe o seu posto linguistico entre as linguas agglutinantes finno-uralianas da Europa Septentrional e Oriental e as linguas incorporantes dos paléamericanos do Norte.

Prolixo é affirmar, sendo hoje as noções da philologia moderna assás conhecidas, que se obtiveram as conclusões referentes á classificação linguistica, pelo estudo e comparação das fórmas grammaticaes da lingua e especialmente pelas diversas fórmas do verbo.

Como os vocabularios de todos os idiomas, o euskara ou basco apropriou d'outros, no decorrer dos tempos, uma parte das palavras, que o compõem, e por isso n'elle se encontram palavras celticas, gregas, latinas, limusinas, hespanholas, francezas, palavras emfim, que attestam o contacto dos bascos com os diversos povos, que em differentes epochas, se lhe avisinharam.

D'estes emprestimos, forçados, a linguas estranhas, nasceram as theorias confusas do seculo XVIII, a proposito da lingua basca, theorias que procuravam a origem e affinidades da lingua sómente no vocabulario, deixando de parte o estudo das fórmas grammaticaes.

É de notar, que mui importantes são os estudos dos vocabularios, para por elles não só deduzir o estado de civilisação dos povos que os usaram, mas tambem para ajudar a conhecer origens linguisticas.

Max Muller (1) e outros provaram, que as palavras d'uma lingua traduzem os seus estadios de civilisação.

E, como fallamos de taes affirmações scientificas, convem relembrar, que foi pela analyse do saõscrito e dos idiomas aryanos, que se conheceu a civilisação aryana, antes da sua emigração para a Europa.

Provou-se assim, que os Aryanos conheciam a agricultura, tinham instrumentos de lavoura e haviam conseguido a domesticidade dos animaes.

---

(1) Max Muller — Lect. of. the Scien. of Lang. 1ª série, pag. 245.

Demonstrou-se por tal modo, que a sociedade aryana existira bem constituida, pois que as tribus obedeciam a chefes, possuiam leis. e tinham entre si relações politicas.

Applicando o mesmo processo analytico ao vocabulario dos Bascos, obtem-se as mesmas affirmações, mais ou menos fundadas, sobre a civilisação basca primitiva.

Baudrimont na sua « Histoire des Basques ou Escualdunac primitifs » segue esta orientação scientifica. Mas aqui começa a diversidade de alvitres e conclusões.

Assim, por tal methodo, alguns ousam assegurar, que os Bascos primitivos ignoraram o uso dos metaes. Quasi todos os vocabulos, genuinamente bascos, — dizem elles —, empregados para designar instrumentos cortantes, são compostos de *aitz* que significa rocha dura, silex, v. g. *aizkor,* machado, *aizto,* faca.

Mas, para contrapôr a esta affirmação, e para assegurar que os Bascos e os Iberos, embora conhecessem antes da immigração aryana o uso dos metaes, tinham, como todos os outros povos, herdado os utensilios e os vocabulos dos seus ancestres, que, nos tempos paléolithicos e néolithicos, só conheciam como cortante a pedra dura, silex, não será improficuo comparar os vocabulos d'outros idiomas, significando tambem o mesmo instrumento cortante, — αξινή, ascia, hacha, hache, axt, axe, hatchet —, e todos com a mesma etymologia *lithica.*

Mas de vocabulos verdadeiramente originaes, ibericos, está na maxima parte guarnecido o euskara.

A semana basca com os seus tres dias, denominados,

o primeiro, o do meio e o ultimo, deu os vocabulos : *astelen, ostearte, asteazhen.*

O vocabulo *Iaun*, o Senhor, é applicado principalmente a Deus, mas, n'algumas vezes, serve para o individuo de distincção; demonstrando a corrupção applicativa da palavra, á maneira dos latinos-christãos, que empregavam o *Dominus*, tanto para Deus, como para os individuos altamente collocados na hierarchia social.

O que guardou uma notavel e inteira originalidade, no vocabulario basco, são as palavras que dizem respeito á vida da familia, ao protoplasma social. As palavras, pae, mãe, irmão, irmã, as da série de parentesco ascendente e descendente, directo e collateral, e bem assim as dos animaes domesticos, são inteiramente euskarianas, bascas. Teremos occasião n'este estudo de nos referirmos mais desenvolvidamente á lingua e vocabulario basco, quando dissermos das suas affinidades linguisticas.

Admittindo que o idioma euskariano é agglutinante advem-nos uma das provas da antiguidade dos Bascos na peninsula iberica, e da sua existencia anterior á invasão aryana, porque é axiomatico, para a maioria dos estudiosos, que as linguas de flexão são posteriores ás agglutinantes.

Mas o registro de prioridade da occupação euskaro-iberica, tem mais a seu favor, já o testemunho especial dos autores gregos e latinos, já a prova assás importante, que se induz do estudo comparativo dos nomes geographicos.

São accordes todos os classicos em affirmar, que os Iberos existiam na Peninsula antes da invasão das trí-

bus celticas, que em muitas regiões se ligaram com aquelles originando, na sua fusão, os cognominados celtiberos.

Assim, para elles, os Bascos eram irmãos dos Iberos, e a sua lingua era a mesma, embora com as differenças de dialectos, o que não é para estranhar, pois que, só no basco moderno, se contam oito dialectos.

Apesar portanto de não ser o basco inteiramente similar á lingua geral da Iberia, pelas differenças de dialecto, e pelas transformações que soffreu atravez dos seculos, ainda encontramos por meio d'elle a prova de que os povos da peninsula fallavam, no tempo dos classicos romanos, uma lingua analoga ao euskara actual.

Os vestigios d'um povo ou d'uma lingua, antigos, perdidos até, encontram-se muitas vezes na toponymia. Quantos nomes de povoados da America do Norte, desde o Canadá ao Mexico, são oriundos de vocabulos paléamericanos! Longa e fastidiosa seria a lista, que cada um póde elaborar nas cartas geographicas. Isto quanto ás inducções a que se possa prestar a toponymia actual. Quanto á toponymia antiga, e especialmente á ibero-basca, difficil é o seu estudo e exame comparativo, porque a conhecemos principalmente pelos autores classicos latinos, que confessavam pela bocca de Strabão e Mela, que lhes era impossivel expressar, pela pronunciação latina, os nomes da geographia iberica.

Leia-se Strabão, III, 3, VII-X, e Pomponius Mela, De Situ Orbis, III, 1.

Nas cartas geographicas romanas encontramos tres « *Iluros* », na Tarraconense, na Bética, e em Oloron (cor-

rupção de Iluro); dois « *Iliberris* », um na Bética, e outro, hoje, Elue; duas « *Mendiculeia* », uma na região dos Ilergetas e outra na Lusitania.

O escriptor Webster diz que a terminação « *culeia* » póde filiar-se em duas terminações bascas : ou *gorri*, — vermelho, — que se escrevia *gur* em Bigur (980), Beygur (1168) Baigur (1168) Baigorry, ou *gora*, — alto —.

O « *Illiberri* » das cartas romanas é o « *Irriberri* », que ainda hoje se encontra na nomenclatura de tantos povoados da Navarra hespanhola e do departamento francez « Baixos Pyrenéos. »

Ainda como prova de que a toponymia iberica se filia n'uma lingua *iberica*, da qual o *euskara* é um dos dialectos, vamos dar, segundo a lingua *basca*, a origem etymologica de alguns nomes de cidades e logares da Peninsula, reportando-nos á nomenclatura, que tiveram durante o dominio romano.

Alavona, (cidade da Bética), de *Ala*, pastagem, e *on*, boa, (litt. logar de boa pastagem).

Arriaga, (cidade da região dos Carpétanos), de *arri*, pedra, e *aga*, entre, (no meio de pedras).

Ascerris, (cidade dos Laccétanos), de *as*, rocha, *ko*, de, e *heri*, terra, (região pedregosa).

Arevacei, (povo da Hespanha Central), de *Ala*, pastagem, *ba*, extensa, (o *b* basco tem o som de *v*) e da final genitiva *ko*, (litt. os das grandes planicies).

Ascoa, (cidade dos Carpétanos), de *As*, rocha, *ko*, de, e do artigo *a*, (litt. a da rocha).

Aspavia, (na Bética), de *ozpe*, debaixo (litt. a cidade baixa).

Barnacis, (cidade dos Carpétanos), de *barnekoa*, (litt. a do interior).

Bethuria, (provincia da Bética), de *bethi*, sempre, e *ur*, agua, (litt. cidade de aguas perennes.)

Bituris, (cidade da Lusitania), de *bi*, dois, e *ithurr*, fonte, (litt. a de duas fontes).

Calagurris, (cidade dos Ilergetas), de *kala*, junco, *ko*, de, e *hiri*, cidade.

Ego-varri, (cidade dos Gallaicos), de *Egon-berri*, (litt. habitação nova).

Egurri, (povo asturiano), de *egur*, bosque, floresta.

Idubéda, (montanha da região Pelendona), de *idi*, boi, e *bide*, caminho.

Ilercaons, (povo da Hespanha Oriental), de *ili*, cidade, *ur*, agua, e *ko*, de, (litt. cidade da agua).

Iligor, (cidade dos Celtibéros), de *ili*, cidade, e *gor*, alta, (litt. cidade alta).

Ilurgis, de *ili,* cidade, *ur,* agua, e *ge,* sem, (litt. cidade sem fontes).

Ilurbida, (cidade dos Carpétanos), de *ili,* cidade, *ur,* agua, *bide,* caminho, (litt. cidade sobre o caminho da agua).

Lavera (na Lusitania), de *laub,* plano, chão, e *heri,* terra, (litt. terra chã, planicie).

Orospeda ou *Orosbeda,* (montanha da região dos Olcados e dos Lobetanos), de *orox,* vitello, bezerro, e *bide,* caminho, (litt. caminho dos bezerros).

Solurius mons, (actualmente « Sierra de los Vertientes), de *ur,* agua, e *solo,* prado, (litt. a dos prados com aguas, prados naturaes).

Urbicua (na Hespanha Central), de *ur,* agua, *bi,* duas, *ko,* de, e *a,* a, (litt. a cidade das duas aguas).

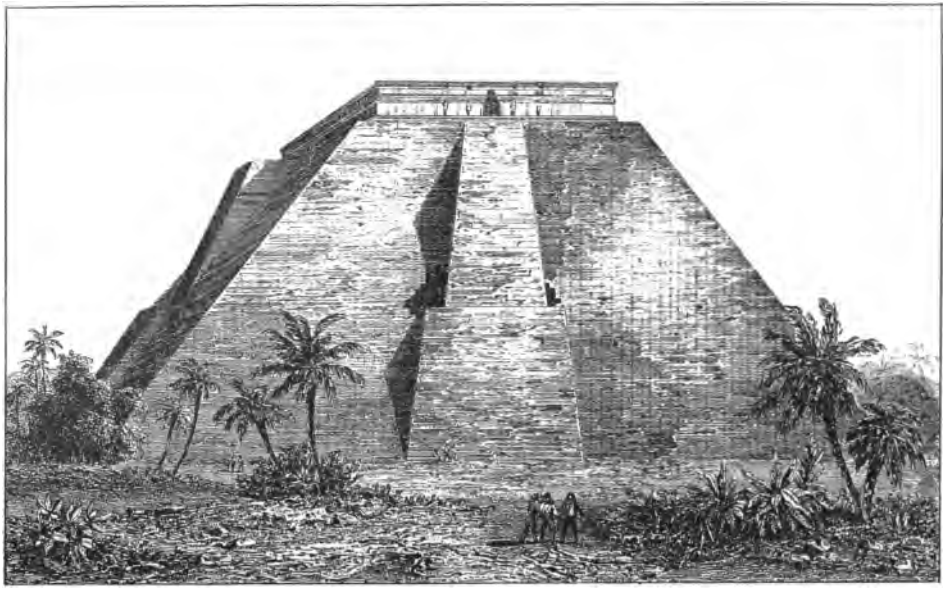
Urgia, (na Bética), de *ur,* agua, *ge,* sem, (litt. sem agua).

Urso, (na Bética), de *ur,* agua, e *so,* bastante, (litt. cidade de aguas abundantes), etc., etc.

Suppômos, que já é mais que sufficiente, para a nossa demonstração.

VI

Provas das antigas civilisações turanianas, e especialmente da iberica



Grande Pyramide de Palenque (Mexico).

VI

Provas das antigas civilisações turanianas, e especialmente da iberica

A civilisação dos Iberos foi tão importante, quão grandiosas, para os seus tempos, fôram as civilisações dos povos Turanianos, — atlantas ou não-atlantas —, de que elles fôram os descendentes ou os colonos na Iberia. Já encetámos as provas da nossa asserção.

E assim já nos referimos, aos restos da architectura turano-atlanta, espalhados nas Americas, nas regiões occupadas outrora pelos Aztécos e Incas.

Mas, a grande prova da civilisação dos Turanianos, diga-se de passagem, está principalmente na sua grande colonia africana, o Egypto, onde construiram as monumentaes Pyramides, — que alguns affirmam serem muito anteriores aos chamados Pharaós —, e onde

plantaram como lemma do seu importante imperio o lendario Sphinx. (1)

Sphinx.

Fôram os Turano-egypcios, que inauguraram as primeiras grandes obras hydraulicas do Nilo, cujo curso desviaram da sua direcção natural, que desaguava no Africano Mediterraneo, do qual hoje só nos resta a enorme bacia de areias movediças chamada Saharà ou Grande Deserto.

Por isso não admira, que a tradição turano-atlanta chegasse ao conhecimento de Pythagoras e Platão, por intermedio dos padres egypcios, que a tinham guardado juntamente com as noções scientificas d'aquella civilisação desapparecida, no meio mysterioso das suas lithurgias iniciaticas, fórma primitiva, e ainda seguida, ha poucos seculos, para se ministrarem aos neophytos, aos escolhidos, as noções scientificas conservadas em poder dos antigos iniciados.

(1) Veja-se « Nota C », in-fine.

Pyramide de Khephren e Sphinx (estado actual).

Dos Iberos, n'um dos seus ramos, os Turdetanos, diz-nos Strabão (III, e I, 25), que elles tiveram, (6.000 annos antes da era christã) annaes, leis, poemas compostos segundo as regras metricas, uma completa litteratura escripta.

E assegura-nos, que os outros Iberos conheciam, e usavam tambem a arte de escrever, differençando-se porém em alguns dos caractéres, e tendo dialectos e pronunciação differentes.

D'onde se conclue, que na Turdetania houve um fóco de civilisação iberica mais intenso e desenvolvido, que no resto da Peninsula, como acontece sempre n'uma grande região habitada por povos irmãos, sendo mais civilisados os d'uma provincia, que os d'outra, aliás limitrophe.

Quem póde comparar o habitante pastoril das montanhas da Serra da Estrella, com o lisbonense de nossos dias?

Quão differente é o estado da civilisação moderna, entre os habitantes dos montes da Escocia e os cidadãos da grande metropole londrina?

Demais a região turdetana, depois appellidada *Bética,* foi por muitos seculos a predestinada, na peninsula, para attingir o maior grau de civilisação: assim no tempo dos Romanos, ella lhes deu os dois Senecas e o Lucano; e no dominio dos Arabes, Cordova, a Grande, foi o fóco da civilisação das ommeyadas e almoravidas, isto é, do elemento hispano-arabe.

Mas de toda a litteratura iberica não nos resta mais

que alguns poemas de tradição oral, guardados religiosamente pelos bascos.

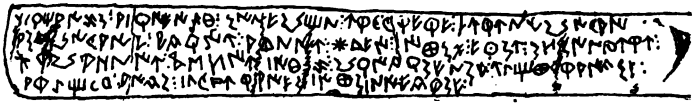
Dos caractéres então usados chegaram até nós algumas inscripções, em pedra e sobre placas de metal, e muitas moedas encontradas em differentes excavações, tanto na Hespanha como nos Pyrenéos francezes.

As inscripções nas moedas, no metal e em pedra encerram os taes caractéres, que os hespanhoes cognominaram, apropriadamente até hoje, *letras desconocidas*.

Infelizmente não appareceu ainda o verdadeiro decifrador, que expandisse á luz da sciencia moderna o segredo, que ellas encerram, e por isso bem « desconocidas » são para todos.

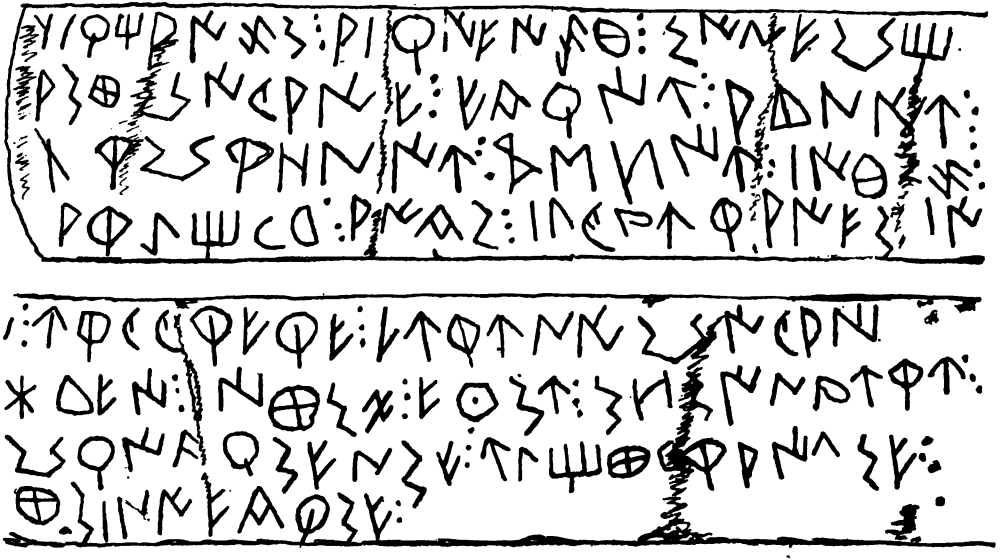
O texto mais antigo, das descobertas feitas até hoje, é o de Castellon de la Plana, que foi achado em 1851, e tem de comprimento quarenta e tres centimetros e meio, e de largura quatro centimetros.

Foi gravado n'uma lamina de chumbo.



Lamina de Castellon de la Plana (reduzida).

Tem quatro linhas, cada linha de trinta e quatro centimetros, contendo vinte e uma palavras compostas por



Lamina de Castellon de la Plana.

cento e cincoenta e tres lettras perfeitamente conservadas.

Encontra-se no Museu Archeologico de Madrid, e o notavel e erudito investigador allemão Hübner faz-lhe referencia especial nos *Monumenta linguæ ibericæ* (1) a pag. 155 — Inscriptiones —.

« XXII. — **Castellon de la Plana** — *lamina plum-*
« *bea, longa, 0,435, lata, 0,04,* encontrada em Agosto de
« 1851, n'uma altura chamada Puchol, dentro d'um Puch
« (assim chamam, na região, uma sepultura antiga) junto
« a Castellon. »

Hübner opina, que a lamina é uma *exsecratio*, que se incluira n'uma sepultura iberica; os Gregos e Romanos tambem mettiam, nos tumulos, as *exsecrationes* gravadas em laminas de chumbo, mas raramente incluindo o nome dos sepultados.

Julga que n'ella ha referencias á Aurora, a Adonide e a Icarus, mas perante as difficuldades d'uma verdadeira e *clara decifração,* conclue : *itaque monumentum linguæ ibericæ primarium adhuc obscurum manet.*

Muitas inscripções, tanto entre nós como em Hespanha, fôram julgadas ibericas, mas hoje é incontestavel, que pertencem á epigraphia celtiberica, e portanto a ellas nos referiremos, mais de espaço, no tomo seguinte d'estes nossos estudos.

---

(1) Æmilius Hübner — Monumenta linguæ ibericæ — Berlin, 1893.

A inscripção de Castellon de la Plana foi discutida no folhêto de Hofrath George Philips (Wien, 1871), e n'um importante artigo assignado pelo professor A. H. Sayce, publicado no jornal « La Academie » de Madrid, em 15 de Abril de 1877.

As moedas têm sido encontradas em grande quantidade.

Só em Barcus, proximidades de Oloron, fôram descobertas, em 1879, mil e oitocentas, em bom estado de conservação. (Taillebois, Bulletin de la Société de Borda, à Dax, — Octobre, 1879).

Muitos numismatas, começando em Erro e Astarloa, pretenderam decifrar as inscripções ou legendas de taes moedas ibericas e celtibericas, mas até agora baldados têm sido todos os seus esforços.

Reconhece-se que muitas datam do tempo da dominação romana, tendo mesmo, á mistura, lettras e palavras latinas, e que alguns dos seus caractéres fôram usados, na escripta hespanhola, até aos começos da edade-média (1), mas não tem sido possivel reconstituir o alphabeto.

Muitos se têm arrogado o papel de Champollion, perante este enygma epigraphico da Iberia, mas a breve trecho são apodados de phantasistas e falsos interpretadores.

---

(1) Ortografia de la lengua castellana, compuesta por la Real Academia Española — Madrid, 1815 — Vejam-se as pranchas *in fine*.

Não se poude ainda constatar o theor d'uma unica inscripção, nem mesmo das que são escriptas em ibero e latim, e por isso cognominadas bilingues.

Pretendem, que taes lettras não podem ter a sua chave sómente no euskaro, e que pertencem, não a um, mas a differentes idiomas ibericos, pois muitos havia na peninsula, como já dissemos, seguindo as affirmações de Strabão.

E ha quem diga que ellas se assimilham ás lettras dos alphabetos karianos, cypriotas e outros da antiga Asia Menor, e que a genése de taes caractéres é portanto asiatica.

Fundamenta bem esta opinião A. H. Sayce, na sua obra « The Karian Inscriptions » (1).

Para nós, que não sômos polygenistas, facil é acceitar taes inducções, que aliás só provam o que já temos affirmado, isto é, a vinda dos Iberos, das planuras da Asia, precedendo as migrações aryanas, e tendo pertencido a uma grande raça que se expandiu e ramificou, desenvolvendo um grau notavel de civilisação, como indicam as gravuras das moedas encontradas nas differentes excavações archeologicas da peninsula.

Têm todas um cunho artistico; havendo vida e movimento no cavallo e cavalleiro, que muitas d'ellas

(1) A. H. Sayce — The Karian Inscriptions — Roy. Lit. Soc. — Londres, 1873.

representam, n'um estylo nobre e cheio de verdadeira arte.

Moeda Iberica de cobre.

Quem tiver a curiosidade de estudar as differentes interpretações, que numismatas e epigraphistas têm dado ás inscripções das moedas ibericas e celtibericas, encontrará grande copia de informações, e tambem algumas indicações eruditas, nas obras de Heiss, de Borichs, de Sanlcy, de Boudard e de Barry.

VII

A lingua basca e suas affinidades turanianas

VII

A lingua basca e suas affinidades turanianas

A lingua dos Bascos chama-se segundo os seus oito dialectos, *heskuara*, *eskuara*, *euskara*, *euskare*, *eskoara*, *heskara*, *uskara*, e *üskara*, d'onde derivou o nome nacional do povo que a falla : *Heskualdum*, *Euskaldum*, i. é. *euskuaradum* — o que tem, possue o euskara.

A lingua basca tem uma e unica declinação, que pouco varia d'um para outro dialecto.

Os dialectos da lingua basca são : o guipuzcoano, o biscaínho, o alto-navarrez septentrional, o alto-navarrez meridional, o labourdino, o baixo-navarrez occidental, o baixo-navarrez oriental e o souletino.

A declinação tem dois modos, o modo definido e o modo indefinido, sem indicação de genero.

O substantivo é, por si mesmo, indefinido.

E assim, como indefinido, acceita a introducção de signaes declinativos, por meio dos quaes elle representa as relações indeterminadas, v. g., na locução « no seculo dos seculos », o Basco não dirá *Mendeen mendetan*, mas sim, *Menderen mendetan.*

O modo indefinido não tem numero; o Basco diz, *Ghizon bat*, um homem, *Ehun ghizon*, cem homens.

O modo definido tem os dois numeros, singular e plural : exemplo, *Ghizona,* o homem, *Ghizonac*, os homens.

O modo indefinido tem nove casos : o passivo, o activo, o genitivo, o partitivo, o mediativo, o positivo, o ablativo e o directivo.

O modo definido tem oito casos, isto é, todos os do indefinido, menos o partitivo. (1)

As preposições não existem, porque, como a declinação é completa, não têm utilidade prática.

O basco possue os adverbios de posição, de logar, de tempo, de comparação, de quantidade, d'affirmação, de negação e de duvida; embora alguns digam que o adverbio basco não é mais que um simples nome ou caso de nome. As particulas *ki, zki, to, do,* correspondem ao nosso *mente*, v. g. *eder-ki*, bellamente.

---

(1) Veja-se Nota D, in fine.

Um e unico é o verbo basco.

E este unico verbo serve para ligar entre si todas as ideias.

O distincto escriptor Arturo Campion, no seu excellente trabalho linguistico — Langue Basque — (1), opina, que as duas vozes, transitiva e intransitiva, são duas conjugações. Respeitando a sua erudita opinião, nós seguimos a de L. L. Bonaparte.

O nome verbal « *izan* », significa, ser e ter ; e é este o verbo basco, com as duas vozes, transitiva e intransitiva.

Dá a vida, a acção, o movimento á linguagem.

Anima, vivifica e movimenta a substancia, mas não se identifica com ella.

Todas as palavras podem conjugar-se com elle, mas elle fica sempre um verbo unico.

Prolixo é assim affirmar, que as regras mais difficeis da syntaxe basca, difficeis para a apprehensão rapida de quem, como nós, está costumado ás syntaxes aryanas, são as que se referem ao substantivo e ao verbo.

O essencial consiste em ligar na sua fórma radical todas as palavras, que se referem umas ás outras, de maneira a formar um todo solidario.

---

(1) Arturo Campion — Memoire sur la langue basque — Paris, 1897.

E o ultimo termo recebe por todos, e para todos, a terminação casual.

Simplicidade admiravel, que produz uma potencial prodigiosa para a composição, sendo ao mesmo tempo geradora d'uma riqueza de flexões, que maravilham pela sua adaptação prática.

Um dos basquistas mais conspicuos, que foi tambem um erudito linguista e philologo, o abbade Inchauspe, leva-se de arrebatado enthusiasmo perante o verbo basco, defrontando-se com a sua magnificencia e portentosa riqueza, e exclama :

« Elle é unico, mas na sua unidade é tão grande, tão rico e tão magnificente, e sobrepuja tanto os verbos das outras linguas, quanto o roble das nossas florestas excede e domina as humildes estêvas ».

Sem nos enlevarmos tanto, confessamos, que nos assombra a sua maneira de ser, a sua fórma, e a mechanica das suas funcções.

J. Vinson contradizendo os excessos dos bascophilos que proclamavam o Euskara a lingua mais admiravel do mundo, remata por attestar, que « comparando o basco ao latim, ao grego, ao francez e a outras linguas analogas, o escriptor passa da surpreza á admiração, e parece-lhe, que contempla um soberbo gigante tendo ao lado um anão desforme ».

O verbo basco possue modos desconhecidos nas outras linguas, e indica os tempos com exacta precisão.

Nas suas flexões exprime, não só a pessoa e o numero

do sujeito, mas tambem os regimens directos e indirectos com todas as variantes nominaes ou pronominaes, singulares ou pluraes.

E segundo o numero de pessoas, segundo a sua qualidade ou posição, familiar ou social, relativamente ás pessoas com quem se falla, elle varia as suas terminações, expressando assim perfeitamente a acção da pessoa do sujeito, os diversos regimens, e definindo a pessoa a quem se falla.

Tem uma fórma primacial para a ideia dominante da phrase, e fórmas secundarias para as proposições incidentes.

Cada uma das suas terminações póde tomar a fórma nominal, e declinar-se no indefinido ou no definido, no singular ou no plural, como qualquer nome.

E estas metamorphoses, para nós difficilimas, são executadas pelo Basco, seja elle um rude montanhez, seja um sacerdote illustrado, com assombrosa rapidez e facilidade, o que aliás não é de admirar, porque as aprendeu desde a infancia.

Não é aqui logar para mais dizermos sobre a conjugação e declinação euskarianas, sob pena de só, na parte referente ao verbo, gastarmos o melhor de quinhentas paginas, como na obra « Verbe Basque » par M. l'abbé Inchauspe (1), já citado, ou perto de trezentas, no eruditissimo trabalho do principe Louis Lucien Bonaparte

(1) Abbé Inchauspe — Le verbe basque — Paris, 1858.

— « Le verbe basque, en tableaux » (1), a que nos referimos, e que foi apreciado pelo professor J. Vinson tão merecidamente, quando disse, na Revue de Linguistique (2), « que o principe L. L. Bonaparte sabia o basco « como ninguem o soubera, e, provavelmente, como nin- « guem mais o saberia ».

Para taes eruditos enviamos os nossos curiosos e os nossos estudiosos.

Note-se porém, que a declinação e a conjugação bascas, principalmente aquella, têm affinidades e similhanças flagrantes e indiscutiveis com as das linguas finnico-uralianas e das turanianas propriamente ditas, como muito bem o provou o linguista Charencey, na sua « Langue Basque » (3).

A. Th. d'Abbadie, nos Prologomenos aos « Etudes grammaticales sur la langue Euskarienne » por Chaho, indicou, entre outras, as seguintes analogias da syntaxe basca e das syntaxes das linguas uralianas e altaicas: o numero de casos da declinação e até a similhança syllabica de alguns casos; a carencia de genero; o regimen no verbo; a liberdade absoluta de crear verbos denominativos; a posição e a fórma das desinencias *ats*, *ke*, etc.

(1) L. Lucien Bonaparte — Le verbe basque en tableaux — Londres, 1869.

(2) Revue de Linguistique — Janeiro de 1883 — Paris.

(3) Charencey — Langue Basque — Paris, 1862.

Depois, passados vinte seis annos, e na penultima decada do seculo findo, o apregoado mestre dos linguistas bascos, o principe L. Lucien Bonaparte publicou a sua importante memoria, « Langue basque et langues finnoises », e n'ella demonstrou, que as linguas finnezas e a basca apresentam importantes e evidentes analogias, nas suas grammaticas.

São as seguintes affinidades, que mais sobresahem na eruditissima memoria do sabio e distincto linguista : o *k* é plural no laponez, finmarkez, hungaro e basco; as funcções do artigo substituidas pelo demonstrativo no mordwino e no basco; a existencia d'uma conjugação objectivo-prenominal no mordwino, vogul, hungaro e basco; a harmonia das vogaes, sob a fórma de *antagonismo,* no basco (as duras com as doces e vice-versa), e sob a fórma de *dualismo,* nos idiomas finnezes (as duras com as duras, e as doces com as doces).

A. Campion, na sua citada memoria sobre « Langue Basque », onde revéla excepcionaes qualidades de investigação e estudo, nota tambem, que os idiomas ugro-finnezes e turco-tartaros collocam o relativo antes do substantivo de que aquelle é dependente, tal como no basco se faz nas flexões relativas.

Indica tambem, que, nos mesmos idiomas, se exprime o genitivo pela nasal *n*, simples ou seguida d'uma vogal, bem como o locativo do laponez, do ostyak e do yakoute é o *n*, sendo tambem *en* o suffixo possessivo basco, e *n* o locativo.

Quanto á similhança do basco com os idiomas americanos, principiaremos por dizer, que a maior prova d'esta

similhança está na conjugação e na composição das palavras, embora os phenomenos de *incorporação*, no basco não vão tão longe como nos idiomas americanos, onde se chega a fazer desapparecer o nome como regimen do verbo.

Nem o *polysynthetismo* basco attinje os limites da confusão paléamericana, onde se conglomeram muitas palavras n'uma unica, por meio de syncopes e ellipses violentissimas.

São importantes os caractéres de affinidade linguistica entre o basco e o algico (lingua do Canadá e do Norte dos Estados Unidos).

Charencey (« Des affinités de la langue basque avec les idiomes du Nouveau Monde »), enuméra : o emprego de postposições; a carencia do *f*; o modo de formação dos nomes compostos; o uso dos suffixos pessoaes e materiaes (genero nobre e innobre ou inanimado, segundo os americanistas); a conjugação dos nomes; o systema vigessimal da numeração; a quasi-identidade dos pronomes pessoaes iroquezes e bascos; a incorporação do pronome no verbo; a distincção, assás importante, entre as vozes, ou conjugações, transitiva e intransitiva.

Para nos convencermos das analogias do basco com o accadiano ou sommariano, que alguns julgam ser um ancestral dos idiomas turanianos, e outros um dialecto hieratico araméano, bastará lêr os « Principles of Philology » de Sayce e a « Mémoire sur la langue basque », de Campion.

Não nos repugna accordar nas similhanças das duas linguas agglutinantes, da que desappareceu nas ruinas da

Peyrehorade
Habas
Amou
Sault de Navailles
St Esprit
ADOUR
Gaube
Gave de Pau
Bidache
Sallies
ORTHEZ
St Pierre d'Irube
Urcuit
Bardos
la Bastide de Béarn
Arthez
la Bastide
Chiriehee
Maslacq
Sauveterre
Hasparren
Cambo
Espelette
Lagor
St Palais
Navarreins
Iholdy
Ostabat
Irissarry
Bidarray
Lucq
Larcory
Hopital-St Blaise
MAULEON
St Etienne de Baigorry
Esquiule
Sauguis
Barcus
Ance
OLORON
St Jean Pied de Port
Tardets
Aramits
Arnegui
Alcay
Alos
Lanne
Montory
Licq
Roncesvalles
Larrau
Eugrace
Orbaceita
Algorry
Pic d'Anie
Urdiroz
Aburrea
Azalzu
Espoz
Uriz
Ochagavia
Ezcaroz
Uztarroz
Osa
Elcoaz
Isaba
Laboa
Sarriès
Gorriz
Izal
Urzainqui
Agiz
Ongoz
Uscarrez
Roncal
Meoz
Adoain
Ustez
Anso
Vidangoz
Guarde
Eparoz
Racas
Fago
Irurozqui
Zabalza
Navascues
Burgui
Sunsean
Iturizalda
Aspurz
Izano
Berroya
Murillo
Bigüezal
Salvatierra
Ripodas
Lumbier
Rio Aragon
Aibar
Sanguesa
Aragon
Fronteira Franco-Hespanhola
Limites da lingua basca
Zona bilingue (Euskara e Castelhano)

civilisação chaldaica, e da que se conserva, ainda hoje, nos alcantis pyrenaicos e nas planuras vascongadas, labourdinas e souletinas, graças ao encendrado patriotismo dos Euskarianos.

Mas como tal demonstração está fóra do ambito marcado ao nosso trabalho, porque, quanto a nós, a lingua de Accad não é do grupo Turaniano, passaremos sem mais detida menção.

O sabio Ampére, na sua « Histoire Romaine à Rome » tambem sustentou, que o euskara, ou o ibero, foi a lingua prearyana do Latium. Isto mesmo acaba de ser demonstrado por Campbell, com a sua decifração da epigraphia etrusca, provando, pela comparação da lingua basca com o etrusco, as similhanças d'estes dois dialectos do ibero.

O alphabeto basco tem 27 lettras, segundo Duvoisin, e 53, segundo, L.-L. Bonaparte.

Tal differença explica-se, porque este enuméra todas as lettras com a sua phonetica especial, ou todos os sons da escala phonica do alphabeto Euskariano, e assim conta o L, e o LL; o T, Ts, Tz e T; o D, Dj, Dz, D', etc.

Sem entrarmos miudamente na Phonologia basca ape-

nas diremos, que a escala phonica é quasi egual á nossa. E ha a notar, que nos Bascos, se dá o mesmo phenomeno phonico, que, entre nós, se realisa nos habitantes das faldas da Serra da Estrella, e da região orographica do Minho, porquanto o V tem o som de B e este approxima-se um pouco do nosso V!

Será uma prova, que por cá nos ficou, da existencia preterita de algum dialecto iberico, ou simplesmente uma idiosyncrasia phonica, devida a qualidades especiaes de logar e de condições climatericas?

Os sabios o dirão em longas e bem justificadas monographias, se entre nós houver ousio e paciencia, para tal commettimento.

E sigamos ás provas fornecidas pelo vocabulario basco. São mais enfadonhas para os profanos dos estudos linguisticos e philologicos, mas são provas, que têm de se apresentar.

Demais ellas possuem as cãs do velho vocabulario do euskara, que, só por si, infundem respeito e acatamento.

Velho vocabulario, sim; e d'elle na sua longa vida se poderia dizer o mesmo, que o fidalgo basco contestou ao orgulhoso Montmorency, quando este lhe datava, de dez seculos, a nobreza da sua familia : « Quanto á minha..... nem me lembro da data ».

O vocabulario basco tem cinco origens diversas : 1º a Turaniana, 2º a Aryana, 3º a Celtica, 4º a Germanica, 5º a Romano-latina.

Passaremos a analysar a origem Turaniana, que aliás é a mais importante, não só por ser a primitiva, mas tambem porque, ainda actualmente, grande parte dos vocabulos n'ella se filiam.

Das outras origens fallaremos a seu tempo, nos estudos subsequentes, que dirão respeito ás outras raças e povos, que invadiram e povoaram a peninsula iberica.

A similhança de taes vocabulos bascos, com os das linguas dos outros povos turanianos, prova a homogeneidade da raça, e attesta não só, que os Turanianos, sob o nome de Iberos, habitaram a peninsula e invadiram a Europa, mas tambem que os Bascos são os seus mais puros e legitimos representantes.

Exemplifiquemos :

Basco. — *Agam* (ama de leite); Laponez, *Akka;* Suomi, *Akka.*

Basco. — *Añ, an* (ama); Laponez, *Ené;* Ostyak, *Agna;* Turco, *Ana;* Magyar, *Anya;* Tanguse, *Ané.*

Basco. — *Ama* (mãe); Suomi, *Ema;* Esthoniano, *Emmae.*

Basco. — *Anay* (irmão); Esthoniano, *Wend.*

Basco. — *Aphez* (sacerdote); Yakute, *Abiss;* Samoyéde, *Ábes;* Kotte, *Ápeche.*

Basco. — *Atcho* (mulher velha); Laponez, *Akkuts;* Suomi, *Eukko.*

Basco. — *Arreba* (irmã); Laponez, *Orben;* Suomi, *Orpana.*

Basco. — *Atcheri* (rapôsa); Ostyack, *Okchar;* Copte, *Atchar.*

Basco. — *Agorr* (sêcco); Suryéne, *Yag;* Laponez, *Yaggar;* Suomi, *Jeykkae.*

Basco. — *Asti* (de vagar), e *Astitasun* (lentidão); Laponez, *Astoi;* Suomi, *Astua.*

Basco. — *Azken* (ultimo, recente); Laponez, *Eski;* Suomi, *Aesken.*

Basco. — *Ametch* (sonha); Tcheremtsse, *Hom.*

Basco. — *Athe* (porta); Magyar, *Ajto;* Assane, *Athol;* Kolte, *Athoul.*

Basco. — *Begi* (ôlho); Turco, *Bagech.*

Basco. — *Bizarr* (1) (barba); Suomi, *Wiikset* (2).

Basco. — *Belharri* (orelha); Laponez, *Póljé.*

Basco. — *Beldurr* (medo); Laponez, *Paldet;* Suomi, *Pelko;* Mordvine, *Pel.*

Basco. — *Bethe* (cheio); Suryéne, *Bud;* Votueque, *Budes;* Turco, *Biturmq.*

Basco. — *Elhe* (palavra); Laponez, *Hala;* Suomi, *Haeli.*

Basco. — *Eme* (femea) e *Ematze* (mulher); Ostyak, *Ima, mi* (mulher); Suomi, *Emmaentae;* Esthoniano, *Emmaend.*

---

(1) O *rr* é uma desinencia. O Bi pronuncia-se Vi.
(2) Pronuncia-se *Vizé.*

Basco. — *Ezpain* (livre); Laponez, *Pangsem;* Vogule, *Pitmi;* Ostyak, *Pellem.*

Basco. — *Gizon* (homem); Khirghize, *Khezé;* Ostyak, *Kassek;* *Tavgu, Khaza;* Oigur, *Kitchou.*

Basco. — *Garria* (trigo); Kurdo, *Garéz;* Irlandez, *Gart.*

Basco. — *Katardé* (esquilo); Ostyak, *Kouthyar.*

Basco. — *Magal* (seio); Ostyak, *Megett* (O *l*, no primeiro vocabulo, e o *tt*, no segundo, são simples desinencias).

Basco. — *Mintz* (linguagem); Tchérémisse, *Manan;* Magyar, *Mond.*

Basco. — *Neskato* (donzella); Suomi, *Neise;* Laponez, *Neith;* Magyar, *Noe.*

Basco. — *Or* (cão); Turco, *Boûra;* Koibala, *Bur;* Ostyak, *Yeoura;* Karagasse, *Buru;* Mordvine, *Ouron* (1).

Basco. — *Omeni* (ruido); Suomi, *Huminae.*

Basco. — *Orm* (gèlo) e *Uorm* (gelado); Laponez [illegible] Suomi, *Haermae.*

Basco. — *Otz* (estrondo); Laponez, *Jutsa.*

Basco. — *Osto* (folha); Laponez, *Lasta:* Mordvine, *Listé* rémisse, *Listaes.*

---

(1) É incontestado, que fôram os turanianos que domestica cão, e que depois o introduziram na Europa, na epocha da [illegible] polida, como o provam as interessantes descobertas real s n'umas excavações da Jutland (Dinamarca).

Basco. — *Olh* (aveia); Turco, *Youlaf;* Kotte, *Chouli;* Tchérémisse, *Çhilé.*

Basco. — *Phense* (prado); Suomi, *Pensas.*

Basco. — *Sabel* (ventre); Suomi, *Siwae;* Samoyéde, *Safé.*

Basco. — *Sagu* (rato); Suomi, *Hiiri* e *Sigiri;* Ostyak, *Segñner;* Vogule, Sagñgar.

Basco. — *Suge* (serpente); Esthoniano, *Siug;* Ostyak, *Thiug.*

Basco. — *Sudurr* (nariz); Mordvine, *Sudo.*

Basco. — *Sagarr* (maçã); Esthoniano, *Saggu.*

Basco. — *Sinex* (pensar); Tchérémisse, *Tchañ;* Magyar, *Szándek;* Turkestanico, *Sanakho.*

Basco. — *Uli* (mosca); Suomi, *Hailatua;* Laponez, *Halatet.*

Basco. — *Zapat* (sapato); Suomi, *Saapas;* Laponez, *Sappad.*

Basco. — *Zuri* ou *Suri* (branco); Ostyak, *Sour;* Magyar, *Szurke;* Vogule, *Sairang;* Koibale, *Soura.*

Todos os adjectivos numeraes, excepto o dois e o seis, são de origem turaniana, e similhantes aos das linguas uralianas actuaes.

São porém assás importantes as similhanças com vocabulos japonezes, principalmente com os que se filiam directamente na antiga lingua japonica, ou lingua dos « Ainos ».

O povo « Ainos » não é classificado Mongolico, porque os seus caractéres somaticos o filiam mais na raça Turaniana. Por isso é licito suppôr, que os « Ainos » são, como os Bascos, a ultima *epave* d'um ramo Turaniano, que habitou o Japão, antes da invasão da raça Mongolica.

Fôram os Ainos, que deram a origem mais priméva á lingua japonica. Fôram elles, que primeiramente colonizaram as ilhas Kurilias, e as outras do Archipelago do Japão, principalmente as septentrionaes (1).

Reduzidos a menos de 30.000, conservam os trajes e costumes, na fórma archisecular dos seus antepassados.

A sua lingua não se confundiu com a japonica, que aliás lhe acceitou grande numero de vocabulos, e é agglutinante, como o euskara.

A sua tunica, de mangas largas, apertada e sobreposta na cintura por uma longa facha, é similhante á dos povos tartaro-turcos.

N'alguns individuos d'este povo tem-se notado o *os japonicum*. Mas não será isto devido aos cruzamentos, que têm feito desapparecer pouco a pouco a primitiva raça?

O seu indice cephalico é de 77,8. As sobrancelhas,

---

(1) Chamberlain — Mem. Imp. Univ. Litter. coll. I, Tokio, 1887 (anal. Rev. d'Anthr. 1888, p. 81).
L. Lander — Alorne with the Lairy Aïme, 1893.

Aino de Yeso
(Photog. de Collignon).

os olhos, a fórma do nariz, são dos Turanianos, e assás differentes, n'estes caractéres somaticos, dos Japonezes.

Deniker chama-lhes os « Paléasiaticos ».

Dadas estas pretensas explicações ethnicas, apresentemos alguns exemplos da similhança dos dois vocabularios, basco e japonez.

Portuguez	**Japonez**	**Basco**
—	—	—
Sómente	*Bakari ou Bakkari*	*Bakkari*
Quarto	*Heiya*	*Heiya*
Amo, Senhor	*Ianno*	*Yanno*
Proprietario	*Noushi*	*Noushi*
É	*Da*	*Da*
Isto	*Kore ou Hore*	*Hore*
Branco	*Sira*	*Suri*

Não haverá portanto razão e motivos de sobejo, para sermos levados ás proposições ethnicas, que expozemos sobre a filiação turaniana dos Ainos e sua irmanação ancestral com os Turanianos da Iberia?

Parece-nos assás provadas as relações de íntimo parentesco e de priméva origem turaniana, entre a lingua actual dos Bascos, — apesar das modificações feitas pelo tempo e pelo contacto d'outras raças e d'outras

familias ethnicas —, e as linguas dos povos : finno-uralianos, tartaro-turcos e turano-asiaticos.

Não temos a pretensão de ter resolvido a tal incognita ethnico-linguistica dos ibero-bascos, mas assentamos as premissas, e tiramos as conclusões, que serviram para estabelecer a nossa convicção.

E fizemol-o sem argucias de sophisma, nem refôlhos de linguagem, que aliás são improprios de taes assumptos.

Cabe aqui o dizermos onde colhemos os estudos, que nos levaram a admittir e seguir os principios, que vimos de expôr.

Consultámos :

Le Vocabulaire des mots Souletins et bas Navarrais, par Salaberry; *Le Dictionnaire Basque-Français et Français-Basque, Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Paris*, por Sylvain Pouvreau; *Diccionario trilingue*, por Larramendi; *Verbe basque*, pelo Abbade Inchauspe; *Verbe basque en tableaux*, pelo Principe L. Lucien Bonaparte; *Les Euskariens*, por Blanc Saint-Hilaire; *Sur l'origine et repartition de la langue basque*, por Paul Broca; *Notitia Utriusque Vasconiœ*, por Oïhenart; *Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens*, por G. Humboldt; *De l'Iberie*, par Graslin; *Classification des monnaies autonomes de l'Espagne*, por Saulcy; *Grammaire de la langue basque*, por F. de l'Ecluse; *Grammaire de la langue basque*, por Fr. Ignaz. de Lardizabal; *Etudes eskuariennes*, por Th. d'Abbadie et A. Chaho; *La langue basque*, par Charencey; *Les langues finnoises et altaiques*, par Boller; *Transactions of the philologicàl Society* (nos 1856 a 1858); *La langue hongroise et les*

affixes du Hongrois par Pulszksy; *Elementa grammaticao tcheremissæ*, por Castren; *Essai d'une Grammaire Ostiake*, par Castren; *Lexicon Laponicum*, par Lindahl, Ihre e Œhrling; *Affinitas linguæ hungaricæ cum linguis fennicæ originis*, par Gyarmathi; *Esthoniciens Grammatik*, por Hupel; *Suryéns Gràm.* par Wiédemarm; *La langue basque*, par A. Campion; *Grammaire comparée des dialectes basques*, por W. J. van Eys; *Actes de la Société Philologique*, t. I, 1869 a 1873; *Revue de Linguistique*, 1883; *Notes sur la dérivation du verbe basque*, par J. Vinson; *Etudes sur la déclinaison basque*; e *Etudes sur la langue basque*, par Duvoisin; *Gram. Finnaise*, par Hertzberg; *Lexicon Latino-Japonicum*, par Petitjean; *Gram. Japonaise*, par Rosny; *Questions d'Archeologie Japonaise*, par Rosny; *Elements de Gram. Magyare*, par Koverd.

Ainda outros tivemos de compulsar, mas seriamos assás fastidiosos, denominando-os, se o não fômos já com a indicação bibliographica apresentada, mas julgamos, que nos servirá de defeza a necessidade de demonstrarmos a solidez dos alicerces, onde baseamos a nossa opinião.

Fechando este esboço linguistico comprovativo da filiação turaniana do basco, e da sua existencia primacial como idioma iberico, diremos, que não é nosso intento pretender, que o basco actual seja exactamente a lingua dos Iberos primitivos.

Mas opinamos, que o euskara foi, e é, um idioma iberico, com tantas ou menores corrupções, quantas o italiano moderno tem, nos seus assentos linguisticos e philologicos, para poder ainda assim provar a sua legitima filiação latina.

O proprio Pott, o grande linguista, que não é bascophilo, diz : « eu não me acanho de attribuir á antiga lingua iberica o titulo de ascendente do basco actual, admittidas, subentende-se, as numerosas modificações que teve de soffrer no decorrer dos seculos ».

E já é muito, para a consolidação das nossas proposições linguisticas, ethnicas e protohistoricas.

VIII

A dolichocephalia turaniana, e as caracteristicas morphologicas dos Iberos e Bascos

VIII

A dolichocephalia Turaniana, e as caracteristicas morphologicas dos Iberos e Bascos

Já nos referimos á discordancia de opiniões dos anthropologos mais distinctos, que se occuparam do povo basco (1).

Uns querem, que os bascos francezes sejam brachycéphalos, e os hespanhoes dolichocéphalos, outros dão-lhe a classificação de mesocéphalos, e ainda alguns os dizem sub-brachycéphalos e sub-dolichocéphalos.

Nos primeiros anthropologos, conta-se Broca, nos segundos, avulta Collignon, e nos ultimos, Deniker, como já dissemos.

---

(1) Vide capit. I, pag^s. 14 e 15.

Mas o erudito P. Broca fez os seus estudos, quanto aos bascos francezes, n'um numero restricto de craneos, 52, n'uma unica localidade, Saint-Jean-de-Luz, e portanto tambem n'uma unica região.

Todos sabem, que para tirar a média do indice cephalico devem realisar-se muitas operações craneometricas, e em differentes localidades d'uma mesma região. E só depois, com os coefficientes de todas as regiões, que formam o *habitat* d'um povo, se póde dar o coefficiente indicador da média, que será o classificador da dolichocephalia, mesocephalia ou brachycephalia.

Ora o grande anthropologo P. Broca não procedeu assim para os Bascos francezes, nem ainda para os Bascos hespanhoes.

Escolhendo apenas uma povoação franco-basca, Saint-Jean-de-Luz, até n'essa escolha claudicou, como muito bem nota Collignon (1), porque a cidade de Saint-Jean-de-Luz é demasiadamente cosmopolita, sendo uma das raras povoações da região do Labourd, onde o elemento basco menos predomina.

E nas suas observações e medições realisadas em Zaraus e Bilbáo limitou-se a conhecer, dos bascos hespanhoes, o typo biscaio-guipuzcoano.

Foi o mesmo P. Broca, quem mais se insurgiu contra a classificação turaniana dada por Müller ás linguas, que

(1) Collignon. — La race basque. — Étude anthropologique, Paris, 1899.

outros, com menos propriedade, chamam anaryanas. E combatendo a cognominação « turaniana » dizia, « que nada a justificava, nem mesmo a ridicula invenção do patriarcha Tur, devida á imaginação fertil de M. Max Müller ».

Com patriarcha Tur, ou sem elle, os Turanianos e as linguas turanianas existiram e existem, da mesma fórma e feitio que os Aryanos e as linguas aryanas.

Mas as justas observações, e a critica desapaixonada de Collignon, desforraram Müller, porquanto se este tinha no dizer de Broca uma « fertil imaginação », aquelle provou, que o grande propugnador dos estudos anthropologicos tinha feito, sobre os Bascos, affirmações muito superficialmente fundamentadas.

O proprio Collignon, que ainda em 1894 (1), como cita Deniker (2), dava aos Bascos em geral, a classificação de mesocéphalos, corrigiu, ou antes assentou d'outra fórma a sua opinião scientifica.

Examinando nos Baixos-Pyrenéos 4.874 individuos, encontrou 460, com o typo basco puro; e as medições realisadas deram-lhe uma média de indices cephalicos (83,02, no vivo) sufficiente para a classificação de sub-brachycephalia.

Porém accrescenta, que « tal brachycephalia é ficticia e accidental », e que portanto os bascos francezes são repu-

(1) R. Collignon. — Etudes sur la race basque. — L'Anthropol. tom. V, pag. 276.
(2) Deniker. — Races et peuples, pag. 409, Paris, 1900.

tados falsa e infundadamente brachycéphalos, pois embora o indice cephalico accuse 83,02, os craneos são prodigiosamente desenvolvidos acima da região temporal, precisamente ao nivel do ponto onde se toma o diametro transversal maximo, e são assás altos no diametro vertical.

E assim como existem raças dolichocéphalas, ditas *occipitaes* e *frontaes*, póde dizer-se, que os Bascos francezes formam uma *dolichocephalia temporal.*

É de notar que P. Broca classificou os bascos hespanhoes na *dolichocephalia occipital.*

Fica emfim destruida a opinião dos que, appellidando de brachycéphalos os Bascos francezes, vinham confundir as affirmações ethnicas, que irmanam os Bascos francezes e hespanhoes; porquanto todos são *dolichocéphalos.*

Ha ainda quem se lembre de invocar a autoridade de P. Broca, como o autor do artigo — Basques — no « Dictionnaire Encyclopédique Larousse », para dizer, que Bascos e Finnezes não pertencem á mesma raça, porque estes são brachycéphalos e aquelles dolichocéphalos.

Mas os Finnezes, propriamente ditos, os d'Éste, são dolichocéphalos, como sustenta Deniker (1); e já demonstrámos, que, se Broca proclamou a brachycephalia para os bascos francezes e a dolichocephalia para os bascos hespanhoes, provou-se, mais recentemente, com os dados

(1) Deniker. — Races et Peuples de la Terre. — Pag. 414.

de Collignon, que as suas opiniões anthropologicas não eram em parte acceitaveis.

Seguindo ainda as premissas d'este ultimo, e verificando bem as differenças, que se encontram no indice cephalico das differentes familias, que se agrupam na raça turaniana, nós concluimos, com a nomenclatura e com os mappas dos indices cephalicos fornecidos por Deniker, que a dolichocephalia é caracteristica morphologica dos Turanianos.

Retzués, o eminente anthropologo suéco, examinando os craneos dos proto-historicos da peninsula scandinavica, concluiu anthropologicamente, que uma grande raça á qual pertencera a familia finneza, tinha occupado toda a Europa, antes da invasão das familias indo-europeia e pamiro-indiana, pertencentes á raça aryana, e que os Bascos, como os antigos Iberos, eram parte integrante d'essa raça, primordial nas imigrações europeias.

Póde objectar-se, que os actuaes Laponezes scandinavicos são hyperbrachycéphalos, mas, a isto podemos contestar, que a influencia admissivel, e admittida, do clima, na formação craneana, é assás importante, passados muitos seculos, e, sobretudo, que esta hyperbrachycephalia é ficticia, e redunda apenas n'uma dolichocephalia occipital.

Quem poderá negar as differenças craneanas entre os Delphinezes francezes, actuaes, e os Laponezes suécos, embora seja assente por todos os ethnographos, que uns e outros pertencem á familia Finneza?

Entre os proprios Magyares não encontraram os cra-

neologistas differenças importantes, que os fazem *classificar* diversamente?

Será sustentavel esta classificação do grupo Magyar, ou virá ámanhã um segundo Collignon provar até á saciedade o ficticio da affirmação somatico-morphologica?

Os Magyares-Szeklers são mesocéphalos (81,4, vivo); os Magyares da Rumania são hyperbrachycéphalos (87,8, vivo); e os restantes Magyares, os que formam o grande nucleo da nação hungara são subbrachycéphalos (84,5).

Os proprios Ainos, esses pseudo-incognitos do archipelago japonico são classificados : em dolichocéphalos, os de Sakhalin (76,1, vivo), e em sub-dolichocéphalos, os de Yéso (77,8) e todos são accordes na affirmação de que é um e mesmo povo, em todas as suas caracteristicas ethnicas!

Não será licito portanto affirmar, como já ousámos dizêl-o, que a anthropologia, sciencia de hontem, tem muito a refazer dentro da área das suas opiniões emittidas, e muito a desvendar, de futuro, nos mysteriosos aditos onde domina ainda o esphinge dos problemas ethnographicos?

Assim o crêmos, sem medo de errar.

Os Portuguezes, os Corsezes, os Ostyaks, os Esquimós da America e d'Alaska, os Turcomanos, os Catalães, os Castelhanos, os Valencianos, os Sicilianos, os Paléamericanos de Arizona e os do Ute, os Primas do Novo-Mexico, os Tartaros da Transcaucasia, os Paléamericanos Sioux, Algonquinos, Californeanos e Iroquezes, os Suécos, os Finnezes, os Berbéres, os Fellahs, os Ainos e

os Bascos (hespanhoes e francezes) são dolichocéphalos, desde a dolichocephalia de 76,1 até á sub-dolichocephalia, de 79,3.

São *dolichocéphalos*, tanto nos basta, para, anthropologicamente, os approximarmos, e para, ethnologicamente, e ainda com o auxilio d'outras caracteristicas ethnicas, fixarmos as suas origens ancestraes, mais ou menos directas, mais ou menos remotas, n'uma raça, a Turaniana.

Convem dizer, que adoptamos a nomenclatura « Turaniana », não só porque linguisticamente Müller com propriedade a applicou, e até o proprio Broca, que algo zombava d'ella, a utilisou, no seu livro « Sur l'origine et la répartition de la langue basque », a pag. 13, mas tambem, e especialmente, porque, na região geographica, d'onde se suppõe originarias as primeiras migrações turanianas, na Transcaucasia Russa, entre o Ob e o Jennissei, existiu um importante agrupamento ethnico, que depois formou o grande imperio do Turan, já em decadencia na primeira decada secular christã, desbaratado e conquistado pelos Russos, no seculo XVI.

Parece-nos assim, que ha bastantes fundamentos ethnicos, linguisticos e historicos para tal nomenclatura. Muito superiores aos que alicerçam a cognominação « Aryana », pois que perante a necessidade imperiosa de denominar um agrupamento ethnico, notavel e distincto pelas suas caracteristicas somaticas, linguisticas e sociologicas, foi-se buscar como generico o nome privativo da pequena tribu dos Aryas.

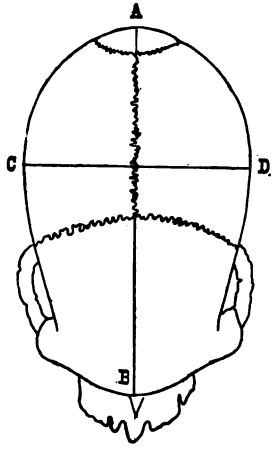


Fig. 1. — Craneo dolichocéphalo (Insular do Estreito de Torres) — Ind. cephal. 61, 9.

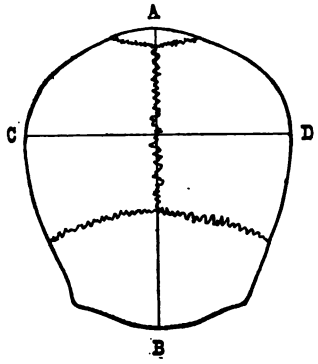


Fig. 2. — Craneo brachycéphalo (Landinez de Pufels, Tyrol) — Ind. cephal. 95, — ultra-brachycephalia. —

O indice cephalico, ou a expressão numerica da fórma craneana, é a relação que existe, entre o comprimento do craneo, medido da glabella ao ponto mais saliente do occiput (figs. 1 e 2, A B), e a sua largura maxima (figs. 1 e 2, C D), — seguindo J. Deniker, *Races et Peuples*, pag. 69.

N'outras caracteristicas somatico-morphologicas, a proposito dos Bascos, e outrosim dos Iberos, erraram tambem os principaes anthropologos.

Principalmente no que respeita á pigmentação e á estatura.

Assim Broca conclue pela analyse e estudo dos esqueletos encontrados nas sepulturas antigas, que os Bascos e Iberos primitivos fôram de pequena estatura, trigueiros, com cabellos pretos e olhos escuros.

Ninguem nos poderá explicar, scientificamente, como da analyse craneana se possa concluir a pigmentação, a côr dos cabellos e do iris.

Não se sabe, se a antiga bebida dos deuses do Olympo, a ambrosia, embriagava os immortaes habitantes dos céos mythologicos, mas descobre-se facilmente, que a sciencia, na sua paixão justificadissima pela investigação, tem ás vezes propriedades anesthesicas, com que adormece, e faz sonhar, os homens de mais alto valor intellectual.

Outros seguiram e apoiaram tambem as asserções de Broca.

Os anthropologos contemporaneos reconheceram porém, que, embora se notem em muitos Bascos, principalmente nos hespanhoes, exemplares correspondentes ás caracteristicas morphologicas apregoadas por Broca, a regra geral, confirmada pelas numerosas inspecções e investigações, recentes e antigas, dá aos bascos uma estatura acima da mediana, chegando até nos departamentos francezes a attingir a alta estatura nordica (1).

(1) Os bascos francezes têm, de estatura, a média de 1658 millimetros, attingindo muitos os 1700 millimetros, que é a média dos Finlandezes e Suécos.

Mas vejamos ainda o que o distincto anthropologo Collignon diz dos Bascos : « Estatura grande, muito « superior á média franceza nas populações globaes da « mesma edade. Thorax tronconico alongado, largo nos « hombros, que affectam o typo quadrado das estatuas « egypciacas; muito desenvolvido no seu perimetro, que, « dada egual estatura, é, em muitos centimetros, mais « comprido, que o de qualquer outra raça da França. « Bacia recta e estreita, sempre *como os antigos Egyp-* « *cios*, e *como a maxima parte dos Berbéres*. Curvaturas « rachidianas muito accentuadas, muito flexiveis, e pro- « duzindo no movimento uma graça distincta. Pernas « delgadas, com curvas pouco salientes. Membros supe- « riores delgados tambem ». Aqui nada temos que addir, nem mesmo em commentario; taes periodos são a plena confirmação dos nossos assertos.

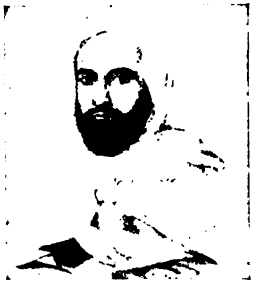
Constatou-se, que os Bascos são geralmente de côr clara, a sua cutis é mais alva e assetinada, que a dos outros povos circumvisinhos.

A côr dos cabellos e dos olhos varia desde o castanho claro até ao castanho escuro, com reflexos fortes, metallicos. Encontram-se porém muitos individuos de cabellos loiros e olhos azues.

O sabio anthropologo hespanhol, F. Tubino, encontra assás confirmadas actualmente, as suas asserções que tantas duvidas e contestações tinham levantado (1). Alvitrára F. Tubino, que os Bascos e Iberos provinham d'uma

(1) — F. Tubino — Los aborigénes ibericos ó los Berbéres de la Peninsula — Madrid — 1876.

raça de cabellos loiros e de estatura elevada, tal qual figura, nos monumentos egypcios, como pertencendo aos povos da Libya Occidental, e que d'esta raça, além dos Bascos, se encontravam, puros representantes, n'algumas tribus berbéres, e nos montanhezes de la Sierra Ronda, na Andaluzia.



Berbére.

Pelo erudito academico Padre F. Fita foi descoberto, em Santiago de Compostella, um manuscripto do seculo XII, encerrando o vocabulario basco primitivo, ou o mais antigo, pelo menos, que se conhece, e n'elle diz o seu autor, a proposito dos individuos, que usavam taes vocabulos : « Bascli *facie candidiores* Navarris approbantur », o que quer dizer, que os Bascos tinham uma côr mais clara, que os Navarrezes.

IX

Religião dos Iberos

IX

Religião dos Iberos

A religião dos Iberos foi a dos povos turanianos.

As inscripções latinas que chegaram até nossos dias mencionam deuses desconhecidos, para a mythologia greco-latina, deuses iberos, que se latinisaram pouco a pouco, para terem entrada facil no Panthéon, que o povo conquistador abriu de boa vontade aos deuses dos habitantes da Iberia.

O Rev^do^. Fidel Fita sustenta com bons argumentos (1), que havia numerosas divindades ibericas, e que muitas d'estas têm nomes cujas terminações são conformes ás da grammatica celtica, ou antes celtiberica.

---

(1) P. Fidel Fita, S. J. — Restos de la declinacion celtica y celtiberica en algunas lapidas españolas — Madrid, 1878

Mas as inscripções, que deram origem ao estudo e ás affirmações do erudito membro da Academia de Madrid. fôram insculpidas, já depois da invasão dos Aryanos, pertencendo taes divindades ao polytheismo celtico. São lapides celtibericas, e não ibericas propriamente ditas.

Para nós é admissivel a affirmação de Chaho, que dava aos bascos o monotheismo, como religião predominante.

Os bascos, que, depois de convertidos ao christianismo, deram tantas provas do arreigamento ás crenças do Divino Martyr dos christãos, que até a si proprios se appellidaram os primeiros catholicos das Hespanhas, fazendo passar em julgado o axioma popular, « quem diz Basco, diz catholico », fôram tambem devotados ás suas primitivas crenças.

E de tal modo, que a implantação do christianismo custou um longo martyrologio.

Prudentius, no seculo IV, celebrou a fé acrisolada e o martyrio dos evangelisadores do seculo III (1).

Os *Acta Sanctorum* dos Bollandistas, especialmente nas vidas de S. Amandio, S. Adabaldo, S. Rictrudes e S. Leão de Bayonna, referem que os missionarios, idos do norte da França, para a conversão dos bascos, encontravam ainda idolatras, na região de Labourd, em meados dos seculos IX e X.

Algumas, ainda que poucas, informações elles nos lega-

(1) Prudentius, — Petri Stephanon, hymnus I —.

ram, sobre a religião iberica, mas essas indicações referem-se ao estado religioso de epocha pouco remota do Christianismo, e portanto já a esse tempo os Iberos tinham modificado a sua primitiva religião, pelo contacto dos Celtas, e dos Latinos.

O nome de Deus em basco é a « Jaungoikoa » ou por abreviação correntia, « Jainkoa », « Jinkoa », significando o « Senhor do Alto ». Ora o grande erudito L. L. Bonaparte descobriu, que, no dialecto basco do Roncal, a lua se chama « goiko », e assim a traducção litteral da palavra é differente, porque « Jaungoikoa » será assim uma reducção ou abreviatura de « Jaungoikokoa » que quer dizer « Senhor da Lua » (1).

Assim os iberos ou bascos primitivos adoravam o « Senhor da Lua »; e n'uma das suas manifestações de crenças na immortalidade e na resurreição, sob a fórma de culto ancestral, adoravam este « Senhor » como « Senhor do Sol », o que se prova pelo exame das stélas funerarias.

Strabão dizia a proposito da religião dos Celtiberos, que estes em noites de plenilunio dançavam em honra de qualquer divindade sem nome, Deus Ignotus; e que os Turdetanos (Iberos da Bética) tinham templos dedicados á estrella da manhã, que elles cognominavam « luz duvidosa » (2).

---

(1) Veja-se a correspondencia do principe L.-L. Bonaparte e do professor J. Vinson, no The Academy, vol. XI, pag^s. 186 e seg^tes, reproduzida nas « Mélanges de Linguistique et d'Anthropologie », par Hovelacque, Picot e J. Vinson, pag. 209, Paris, 1880.

(2) Veja-se a nota de Casaubon, *ad loc.*. Strabo, III, c. I, 30.

Ainda hoje muitos pastores das altas serras pyrenaicas a appellidam « estrella do meio » *arte izarra*.

Silius Italicus disse, que os Iberos expunham os cadaveres em pasto aos abutres, pretendendo que assim lhes faziam ganhar o céo.

> Venere et Celta sociati nomen Iberis.
> Hiis pugna cecidisse decus, corpusque cremari
> Tale nefas : cœlo credunt superisque referri,
> Impastus carpat si membra jacentia vultur.
>
> PUNICORUM, III, 340.

É mister observar as danças dos bascos modernos para se vêr, não só quanto ellas têm guardado preciosamente as tradições ibericas primitivas, mas tambem quanto se referem ás modalidades guerreiras e religiosas dos aborigenes da Peninsula.

As danças « Salto basco » e a « Ezpata Danza », que são as mais antigas, as mais tradicionaes, têm ao mesmo tempo caracter marcial e lithurgico, e guardam uns restos de gentilismo.

Revélam, que os antigos Iberos dançavam, como rito sagrado, em affirmação do seu culto externo, em todos os plenilunios.

Demonstram tambem, como adiante provaremos, o culto ancestral assás seguido entre Iberos e Bascos.

Todos sabem, que no Oriente Asiatico as danças constituem a affirmação solemne das crenças religiosas, e formam uma lithurgia especial, que diverge, nos seus passes, tregeitos, rithmos e cadencias, de região em região, de povo em povo, mas sempre affirmando o culto á Divindade.

« Os cantos do poeta são mais eloquentes que as sim-
« ples palavras, a musica exprime mais que os poemas
« e a dança ainda mais que a musica; pela dança a
« essencia dos deuses é visivel e se communica aos seres
« mortaes, e os sentimentos dos homens tomam a fórma
« dos objectos animados ». Assim glorificava a dança um poeta oriental, enaltecendo-a com um lyrismo ultra-symbolico, e assim ella é respeitada e consagrada, no Extremo-Oriente, principalmente.

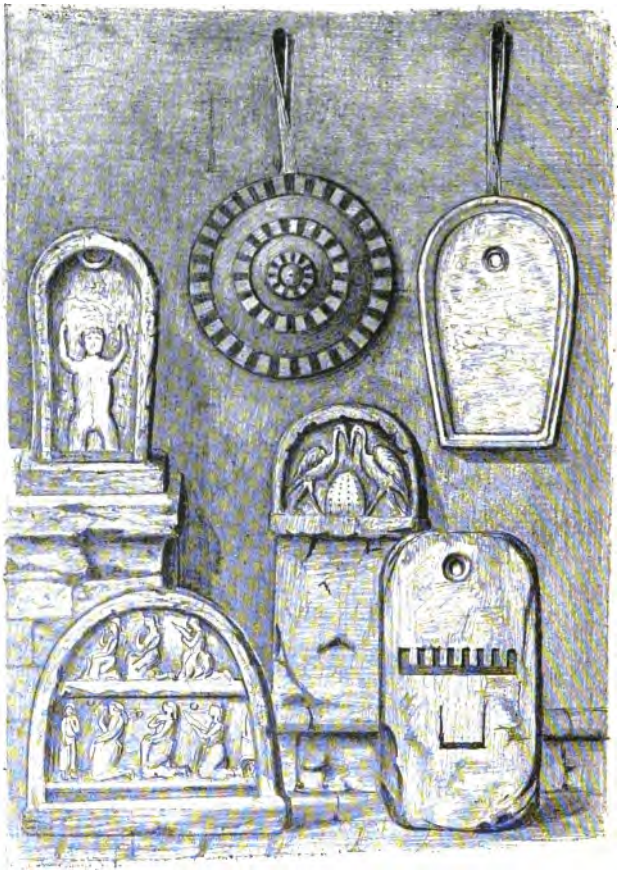
Emquanto na Asia e Oceania as danças sagradas são executadas por mulheres ou por mulheres e homens conjunctamente, e isto tanto para os povos Semiticos como para os Aryanos, as danças tradicionaes dos Bascos não admittem dançarinas.

Até n'isto se prova, que os Bascos não são Aryanos.

Que força, agilidade, destreza, sangue frio e paciencia são precisas para dançar bem e com a approvação dos difficeis e entendidos assistentes, a dança da espada e o salto basco! Existem tambem outras danças de menos importancia tradicionalista, muito usadas durante e após a representação d'uma « *Pastoral* ».

Adiante nos referiremos, mais de espaço, ás danças bascas, e diremos o que é a « *Pastoral* ». Mas primeiro é mister referirmo-nos aos principios geraes do culto e

crenças dos Turanianos, para assim se explicarem muitas das incognitas da religião dos Iberos.



Escudos sagrados dos Egypcios, e stélas hittitas e phenicias.

X

Crenças religiosas dos Turanianos, e sua transmissão e transformação atravez Iberos e Bascos

X

Crenças religiosas dos Turanianos, e sua transmissão e transformação atravez Iberos e Bascos

Na raça turaniana a ideia religiosa predominante era o castigo, a punição, derivada da historia biblica de Caim, a colera divina, por causa do fratricidio ancestral.

A segunda existencia era o logar da expiação. E esta segunda existencia, ou tomava a fórma da transmigração, ou a dos soffrimentos entre mil torturas d'uma vida subterranea, sempre em lucta com os horrores da noite perpetua, sempre sob o dominio do terror augmentado pelas privações de toda a especie.

Por isso, quando se enterrava um cadaver, mettiam-lhe na sepultura alimentos, agua, coberturas, valores mais ou menos preciosos n'aquelles tempos, armas, etc, pois

julgavam, que o individuo teria, na segunda existencia, fome, sêde, frio ou necessidade de luctar.

Se algum parente esquecia o cumprimento d'este dever religioso para com os extinctos, a Morte punia-o immediatamente, atormentando-o em vida, e levando-o prematuramente.

O principal fim religioso era a propiciação : *paces deorum quærere*, como diziam mais tarde, os Latinos.

Os mortos convertiam-se n'uma especie de semideuses, potentados occultos, invejosos dos vivos, irritaveis, sem piedade, nem benevolencia.

A maneira de os contentar além dos sacrificios humanos, dos festins e libações da lithurgia funeraria, era a recitação de fórmulas de feitiçaria, incantações, ritos magicos.

Os sacrificios humanos realisavam-se nos tempos primitivos, nos altos dos montes ou das montanhas, onde houvesse um bosque ou floresta, que se chamava, por isso mesmo, a sagrada ou consagrada.

Faziam-se junto a uma arvore, escolhida entre todas, pela sua pujança vegetal, pela sua fronde robusta e de dilatadas ramagens.

Foi assim templo e altar. Junto da arvore collocava-se a victima *propiciatoria,* que préviamente tinha sido passeada por todo o povoado, convocando os crentes para a ceremonia do sacrificio, e ali ungida de oleos ou gorduras, pintalgada de encarnado (a côr favorita dos Tura-

nianos e dos Iberos, e a chamada côr nacional dos Bascos), era immolada com o machado — sagrado —, pelo sacrificador, que era o chefe dos chefes, ancião dos anciãos, das familias primévas.

Cabeça da victima propiciatoria.

Sacrificada, morta, mas ainda quente e palpitante, colhia-se-lhe o sangue, retalhava-se-lhe o corpo, e dividia-se em pedaços, por todos os assistentes, que voltando aos habitaculos, e habitações, se entregavam a um recolhimento religioso, que lhes prescrevia o não fallarem com os seus avisinhados, durante alguns dias.

As arvores sagradas fôram, de vetustas, perdendo a frondosa ramagem, mas eram — sagradas —, e houve mister conserval-as. Sob o espirito de conservação de taes reliquias, fôram cortadas á altura dos braços do immolador, e o sacrificio começou a fazer-se nos troncos, onde se abriram receptaculos para depositar o sangue, a repartir pelos propiciantes, o qual, antes, era recebido em covachos do sólo, onde se fazia a immolação.

A victima deixou de ser bipede, humana, para ser, pelo andar da civilisação, solipede, irracional, mas continuou a reputar-se, que o espirito dos primitivos humanos, immolados, residia nos troncos das arvores consagradas pelo sacrificio ancestral.

Substituindo-se ainda o plano lignoso da arvore, que já não dava colhida ao sangue das primicias dos rebanhos,

(tal a sua vetustez), pela pedra com covinhas, foi esta collocada sobre o velho tronco; e, só depois, passou a ser assente sobre outras pedras, — dolmen —, excepção feita

Pedras dos Sacrificios.

das regiões, onde as florestas minguavam, e onde portanto os dolmens começaram, de principio, a serem altares e pedras de ara, n'estes sacrificios cruentos.

A superficie plana do tronco, na sua secção, ou a pedra que se lhe justapôz, ou a lapide, que foi sustida por blocos de rochedo, fôram considerados como objectos e logares de *uncção*, (derivado dos oleos com que se ungia, untava, a victima), e a palavra accadiana *kisallas*, que provém de *ki-zal*, logar de oleos, applicada ao altar primitivo, bem o significa.

Ainda hoje, na consagração da « pedra de ara » — onde se realisa o Sacrificio Incruento da Missa — o bispo, que a ritualisa, unge-a de oleos abençoados pela lithurgia catholica.

Mas o tronco e a pedra, que tinham « absorvido » os espiritos dos antepassados, tornaram-se, sob a influencia dos principios anthropomorphicos, que eram a deducção do culto ancestral, uma personificação, primeiro, das victimas humanas sacrificadas, e, depois, dos antepassados extinctos, pelos quaes se tinham immolado as ovelhas e bois das manadas e rebanhos.

Converteram-se n'um simulacro de estatua, onde deviam pairar, senão « residir », os espiritos dos fallecidos, segundo as crenças dos Turanianos.

Eis a origem das = stélas = que fôram de duas especies : as « mediadoras » e as « funerarias ou ancestraes ». As « mediadoras » representaram os sacrificios primitivos de propiciação, perante o Deus, tinham a fórma, mais ou menos circular, reduzida a pequenas dimensões, e d'ellas vieram os objectos sagrados de todas as lithurgias, até mesmo os escudos redondos dos guerreiros Asiaticos, talismans sagrados, onde havia as pequenas concavidades, « covinhas », em numero cabalistico, que variava segundo as regiões e crenças.

As « funerarias » ou « ancestraes » tomaram de preferencia a fórma da « taboa de pedra » que, ou encimando as necropoles e os dolmens, ou collocada solitaria e vertical, como nos menhirs, affectava sempre a mesma fórma tabular, com signaes phalicos ou sem elles, tendo, muitas vezes, a figura geometrica circular, que symbolisava a secção troncal da arvore sagrada, e ao mesmo tempo representava o sol, resurreição da vida, e o circulo sem inicio nem fim, a eternidade.

Isto se vê nos escudos, como monumentos funerarios

Menhirs Hittitas

(com figuras humanas e com circulos em volta da *covinha* symbolica).

dos Egypcios e dos Asiaticos, nos menhirs dos Hittitas, e nos dolmens de todos os Turanianos, mas principalmente nos dos Turanianos europeus.

O culto dos antepassados era portanto primacial, e d'elle derivou a concepção da moral. N'estas ideias religiosas bebeu a raça Turaniana a origem e fórma das suas instituições domesticas, os principios do seu direito privado e a modelação da sua arte governativa.

A sociedade turaniana alicerçava-se na familia, e esta no culto ancestral.

A origem principal d'este culto, além das ideias re-

ligiosas, que a elle se ligavam, já referidas, era a crença de que a alma, depois da morte, ficava ligada ao corpo, e que se encerrava com este na sepultura (1).

Os ritos funebres assim o provam « fazendo chamar por tres vezes a alma do morto, pelo nome que em vida usára. » (Fustel de Coulanges — La Cité antique).

O mesmo faziam os primitivos Gregos e Romanos que pertenciam, nas suas raças aborigenes, á raça Turaniana, aquelles pelo ramo Pelasgico, e estes pelo Etrusco.

Na sepultura do chefe Ibero, e depois ainda nas dos Celtiberos, enterrava-se conjunctamente o seu cavallo de batalha.

Ainda hoje, no enterro d'um general, segue coberto de crepes, proximo ao athaúde, o cavallo de que em vida se servíra o militar extincto.

Já nos tempos do Christianismo havia, na Navarra, o costume de se doar ao sacerdote, que acompanhava o feretro, o cavallo, armas e joias do fallecido. (Logréze, Navarre Française, tom II, Lois Civiles).

Entre os povos turanianos, enterravam-se os grandes personagens, assentados e vestidos dos seus trajos mais ricos, insignias, etc.

Nos Pyrenéos, ainda se segue este costume, aliás tambem verificado nos povos prehistoricos da Peninsula,

(1) Wilkinson. — Manners and Customs of the Anc. Egypt.

nos das duas Americas, e principalmente entre os Peruvianos primévos (1), como se póde vêr, nas collecções do « Musée ethnographique de Paris », pela posição das mumias n'elle expostas.

Quando o parocho d'uma freguezia fallece, (2) revestem-no das suas vestes sacerdotaes mais ricas, assentam-no n'uma cadeira de espaldar, e assim o collocam no caixão, e assim o baixam á cóva.

Outrora espalhava-se o vinho sobre a sepultura, e collocava-se ao lado o pão e outros alimentos, hoje, nos povoados bascos das montanhas offerece-se ao sacerdote, que reza os ultimos officios, nove pães, por parte dos herdeiros, e uma medida de trigo, por parte de cada um dos parentes.

O festim lithurgico dos primeiros Turanianos é substituido por um grande jantar — que se realisa no regresso do cemiterio, e por outra refeição no dia da missa funeraria.

Chamam os Bascos a estes costumes gastronomo-funebres « as honras ».

O « fuero de Navarra » que consagra todo um titulo « ás sepulturas » diz, que quando o fallecido determinava em vida « que os seus parentes podiam enterral-o, no lo-

(1) A. Maury — La Terre et l'Homme — Paris, 1887.
— Fergusson — Rude Stone Monuments — Londres, 1866.
(2) Em 1869, o abbé Marchand, de Coarraze, foi enterrado, segundo este costume euskariano.

gar do fallecimento, ou n'outra localidade á sua escolha » aos visinhos assistia o direito de cavar a sepultura no cemiterio da localidade, e, se o morto não era n'ella enterrado, os parentes tinham obrigação de encher de trigo a cóva que assim fôra preparada, e o trigo era repartido pelos ditos visinhos, tão amaveis, quão interesseiros coveiros.

O Euskariano preoccupava-se muito com a sepultura. Queria ter na morte, que elle dizia « *Iltza* » a grande noite, uma habitação condigna e em proporção com a que tivera em vida, e chamava a sepultura *hobia* « o leito do grande repouso ».

O Basco que não tinha sepultura, casa sua, atormentava os vivos, atterrava-os com as suas apparições, até que lhe dessem um tumulo.

Quando as apparições se realisavam, ou quando a horas mortas o insepulto vagueava pelas veredas da montanha ou caminhos do povoado, o gallo cantava, dava signal de tal facto, e por isso os feiticeiros deitavam um punhado de sal sobre o fogo, para afugentar a apparição. O gallo era reputado o fiel avisador do maleficio imminente.

Comparando : nos egypcios o gallo era consagrado a Anubis, o conductor das almas nas suas peregrinações posthumas. Saudando a manhã com o seu alacriante cantar, elle saudava a resurreição do dia, a victoria da luz, que faz fugir os espiritos dos mortos.

Não é de estranhar, que a architectura tumular fôsse importante, na raça turaniana.

Não admira que os monarchas do Egypto, dos Incas e dos Aztécos, construissem as Pyramides, e outros monumentaes sarcophagos, como prova de respeito pela immortalidade da alma, e em harmonia com as crenças, que deixamos expostas.

Os antigos Egypcios (Diodoro de Sicilia, I, 51) chamavam ás sepulturas « casas eternas ».

Apesar de perseguido nas suas crenças, o Fellah, esse destroço humano dos tempos da civilisação nilina, ainda conserva o costume, carinhoso e tocante, no dizer de Michelet, (« Bible de l'Humanité »), de ir depôr alguns alimentos, em todos os anniversarios do passamento, junto á sepultura dos seus.

A vida subterranea ou a outra-vida, que se devia passar nos abysmos ou profundezas do interior da terra, era a preoccupação constante dos Turanianos.

Assim brotou a ideia de perscrutar os segredos do interior da terra.

D'ahi as primeiras pesquizas dos poços e cavernas desconhecidas, a descoberta dos metaes, e, mais tarde, a sua fundição e applicação ás necessidades e usos domesticos.

D'ahi, emfim, os progressos da primitiva industria metallurgica, que caracterisa esta raça dando-lhe a primazia de descobridores da fusão dos metaes, e da sua adaptação industrial á vida dos povos.

Segundo as crenças turanianas a vida era alimentada e

produzida pelo sol, corpo luminoso formado unicamente por elementos mineraes, e esta vida mineral, origem da vida animal, tinha o seu repositorio, o seu armazem principal, nas entranhas da terra.

Essa vida mineral persistia sempre, e era manifestada pelas erupções vulcanicas, pela formação ou pelo rebaixamento de montanhas, pela apparição ou desapparição de ilhas, pelos tremores de terra, e pelos restos da chamada temperatura inicial dos astros.

Quantas theorias espiritistas, quantas dissertações modernas sobre os phenomenos cosmicos, e sobre as revoluções sismicas não têm pontos de mais ou menos remota affinidade com estas doutrinas primévas!!

A cada mineral era attribuida uma virtude particular, correspondente á divindade-planeta a quem se suppunha pertencer a origem ou a formação, assim o ouro pertencia ao Sol, a prata á Lua, o ferro a Marte, o cobre a Venus, o chumbo a Saturno.

Os Turanianos prestavam tambem culto ás divindades Artonianas, como protectoras, na região dos genios e dos demonios, região situada no interior da Terra, e entre estas divindades sobresahiam « o Deus do Fogo », « o Filho da Rocha » e « a Deusa do Abysmo Terrestre ».

A extracção dos mineraes e a posse dos metaes tinha um fim duplo, a riqueza de bens, e o cumprimento d'um dever religioso, arrancando ás entranhas da terra os materiaes com que se armavam os maus genios ou demonios e de que estes se serviam para atormentar e

torturar os antepassados, que n'ella passavam a sua segunda existencia (1).

Alguns escriptores dizem, que os primitivos Iberos conhecendo, como todos os Turanianos, os metaes, se estabeleceram de principio, com maior numero de tribus, na região mais rica de minas no meio-dia da Hespanha, na Bethuria de (*Bethi*, sempre, e *ur*, agua, significando, que a região tinha muitos ribeiros, muita agua) vindo do norte-africano, então ligado á peninsula por diversos isthmos.

Será esta imigração uma segunda invasão turaniana, realisada nos fins da epocha *néolithica?*

Seja como fôr, o que hoje é mais corrente, é, que a industria dos metaes foi descoberta na Iberia, e não importada da Asia.

Strabão conta, que os Iberos se suicidavam após a morte de alguma pessoa querida para assim testemunharem a sua dedicação.

---

(1) Um dos ramos turanianos, que legaram maior fama, na arte metallurgica, foi o de Mesech e Tubal, d'onde dizem descenderem os Tibarénios e os Chalybas, povos avisinhando Aia-Colchis, a terra classica do tosão d'oiro, nas proximidades da provincia armeniana *Isber* ou *Iber*, abundante em minas.

Estes Iberos provinham dos *Iberos* pyrenaicos, e fallavam o *euskara*, do qual se encontram, diz Chaho, provas e traços inconfundiveis nos vales caucasicos.

E.-A. Thierry, na sua « Histoire des Gaulois », constata, que os antigos Gaulezes tambem se davam a morte nos funeraes dos amigos, e considera este costume como importado da Iberia.

Dirigiam tambem imprecações e ameaças aos mortos, para evitarem, que estes voltassem em espirito a atormentar, perseguir e aterrorisar os sobreviventes.

Isto faz lembrar o grande pleito, que, contra os phantasmas e espiritos maus, intentaram os Islandezes da Eda-de-Média, fazendo canseiras aos juizes, officiaes, escrivães, etc., e dispendendo todo o formulario juridico e canonico então conhecido.

Segundo o célebre papyrus de Leyde, no Egypto, tambem se empregava o mesmo processo para evitar a visita dos maus espiritos, e até encarregavam os mortos de missões para o outro mundo.

Assim tambem, e para o mesmo fim, os Gaulezes, no dizer de Diodoro de Sicilia, escreviam cartas aos fallecidos, e lançavam-as nas fogueiras.

Os Iberos, Bascos, e Egypcios antigos, liam perante o athaúde a carta, que dava noticias dos sobreviventes, e em seguida mettiam esta no sarcophago do finado.

Ainda actualmente na região basca, e n'outras regiões da Peninsula, quando querem pedir alguma graça pela intercessão d'um Santo, escrevem o pedido, que depõem junto da imagem da sua devoção.

Em muitos povoados mais afastados, se conserva tambem o antigo costume de carpir o morto, sendo, em regra,

carpideiros os visinhos do fallecido, e antes de baixar á terra, as pessoas de familia increpam docemente, já sob a modificação civilisadora das crenças christãs, mas ainda lhe fazem, viva voz, varias incumbencias para a outra vida. Nos sahimentos as mulheres precedem os homens formando no cortejo a *progua* ou *seguicia*.

Mas sempre separadas, em publico, dos homens; nas egrejas tambem existe a mesma separação, ficando as mulheres na nave do templo, e subindo os homens para as galerias lateraes, que ás vezes formam andares sobrepostos.

Egreja de Saint-Jean-de-Luz.

As viuvas dos antigos bascos eram aconselhadas ao suicidio, e os parentes e amigos batiam-lhe murros nas costas dizendo-lhes: « Que fazes tu aqui? Tu perdeste « tudo, porque teu marido morreu, vae-te, vae-te com elle. « Tu és perdida, sê perdida = *galdua iz eta gal edi!* »

Mas isto não passava de ceremonia lithurgico-funeraria, poisque ellas não seguiam tal conselho; mas faz lembrar os sacrificios das viuvas do Oriente, da Africa e da America.

Já nos referimos ás offerendas de viveres e aos festins funebres dos antigos Iberos e Bascos, é porém importante dizer, que mesmo depois da implantação do christianismo, se continuavam a celebrar banquetes nas sacristias ou nas visinhanças das sepulturas, e matavam animaes, recordação dos antigos sacrificios.

Larramendi na « Corografia de Guipuzcoa », pag. 194, affirma, que ainda nos fins do seculo XVIII (1776), era usual, na Guipuzcoa, conduzir um boi ou um vitello até á porta da egreja, no fim do enterro, e depois de offerecerem ao parocho o seu valor, levavam-no ao matadouro, e era repartido pelos parentes. Até então, era costume offerecer pão e cêra junto ao tumulo, e depois levar a offerenda á egreja, isto, todos os dias, durante dois annos!

Hoje ainda n'algumas localidades, se offerece o pão e a cêra ao clero, mas na maior parte faz-se a substituição pela offerta em dinheiro.

A côr negra nos vestuarios era, e ainda é, o signal de luto. Note-se porém, que mesmo sem representar o luto é esta uma das côres predilectas dos bascos, principalmente nos seus grandes mantos ou capas, como o fôra dos Iberos (Strabão, III, 233), dos Scythas, e dos principaes povos Turanianos.

As danças bascas : o *Zorcico* (evolução dos oito), a *Ezpata Dantza*, o *Tripudium*, que Annibal fez dançar,

pelos seus alliados Iberos, nos funeraes de Gracchus (Tito-Livio, XXV, 17); o *Mutchiko*, etc., são uma parte componente do antigo ritualismo do culto dos antepassados, no povo iberico, como adiante demonstraremos.

Ligavam tambem as danças ás invocações dos ritos magicos.

Viuva basca orando e offerecendo o pão, vinho e cêra.

XI

O culto ancestral iberico reflectindo-se nos modernos Bascos

XI

O culto ancestral iberico reflectindo-se nos modernos Bascos

O cemiterio basco primitivo era como a representação da montanha sagrada do Eden, segundo as tradições orientaes turanianas. Depois da introducção do christianismo ficou sendo para os Bascos, no dizer do distincto e erudito basquista O'Shea (1), a representação d'outro monte, o Calvario, a collina sagrada da Redempção.

Sempre em alcantis, sempre subindo, como formando os degraus d'uma escala social, pois que cada assentada de sepulturas correspondia a uma differente categoria de proprietarios da povoação, sendo os mais importantes aquelles, que tinham a sua moradia sepulchral junto da egreja.

Era a tradição ancestral da hierarchia luctando contra os principios democraticos de egualdade christã.

---

(1) — O'Shea — La tombe basque.

Antes do seculo XII as leis da Egreja prohibiam a inhumação no interior dos templos.

Mais tarde as pessoas gradas começaram a invadir, com as suas sepulturas, primeiro as sacristias e depois as egrejas.

A plebe continuava a dormir o somno eterno junto ás ossadas dos antepassados.

Nos fins do seculo XIX revigorava a prohibição primitiva de sepultarem nas egrejas, e todos voltaram a irmanar-se, *post mortem*, no campo da egualdade tumular.

Os Turanianos ibericos sepultavam, até á epocha dos metaes, os seus mortos dentro das habitações primitivas, em sepultura com pequena elevação, que depois era coberta de pedras dispostas em fórma de altar, onde se faziam os sacrificios das victimas immoladas ao culto ancestral.

Por isso muitos querem suppôr, que os dolmens fôram, de principio, habitação e sepultura das familias primévas. Referimo-nos aos dolmens propriamente ditos, aos descobertos, porque os dolmens cobertos de mamôas decerto eram carneiros das ossadas accumuladas.

Outrosim se alvitra, como já dissemos, que as « covinhas » dos dolmens, cistas e outros monumentos mégalithicos, eram destinadas a receber o sangue da victima, consagrando assim a pedra ao sacrificio da propiciação.

E que as « covinhas », que se encontram em lapides

assentes verticalmente, não são mais que a symbolisação do sacrificio antigo, como a Cruz é hoje, o symbolo sagrado do Divino Sacrificio do Golgotha.

Os grandes chefes Iberos, quando guerreiros victoriosos, eram sepultados em sitio alto ou em planicie livre de arvoredo, e erigiam-se-lhe junto á sepultura tantos obeliscos ou menhirs quantos adversarios grandes, ou chefes, elles tinham morto. Assim o assegura Aristoteles (Polit. VII, 2-6). D'onde a origem de gravar nas stélas os principaes feitos da vida do sepultado.

Não é aqui logar para nos desentranharmos mais nas provas d'estas asserções, a que talvez tenhamos de voltar no segundo volume dos nossos estudos.

Mas é logar, desde já, para prestarmos o devido louvor á obra do erudito escriptor e incansavel investigador, J. Leite de Vasconcellos, no seu livro « Religiões da Lusitania ».

Poderemos divergir, e divergimos, de algumas das suas proposições, mas prestamos-lhe a homenagem devida a quem, com incontestavel merecimento e acurado estudo, como elle, se pôz á frente dos poucos, mas valorosos, militantes da archeologia pré e proto-historica da Lusitania Portugueza, — permitta-se-me a phrase —, taes como, Moraes Sarmento, Santos Rocha, E. Veiga, Possidonio Silva, Pereira Caldas, Gabriel Pereira, e outros, onde infelizmente a morte já abriu fileira,fazendo desapparecer alguns dos mais prestimosos.

As sepulturas antigas dos Bascos eram assás profundas, pois se destinavam a todos os membros d'uma mesma familia. Similhavam-se ás *cistas* prehistoricas.

Outrora a casa basca era, como os nossos antigos vinculos, inalienavel, e tinha como annexo, (ainda hoje inalienavel), a sepultura, qual segunda casa da familia.

O caixão, *Ilkutcha*, (cofre, caixa, d'onde o termo hespanhol, *hucha* e o francez *huche*), era depositado na sepultura formada por quatro paredes de alvenaria, coberta com grande lapide, tendo á cabeceira uma stéla emblematica, symbolisando o altar primitivo.

Os carneiros modernos não passam o nivel do terreno do cemiterio.

A sepultura diz-se « *obi*, *hobi*, *hobia* », derivada de « *oi* » ou « *ohe* » leito, cama, d'onde o termo hespanhol « *hoya* », significando cóva.

Em etrusco e em picto « *oba* » é a fórma archaica, segundo alguns escriptores, da palavra basca *hobia*.

A pedra tumular chama-se *Il-arria* : *Il*, morto, *arri*, pedra. — *Il-argi* ou *Il-argui* quer dizer « Luz de morto » e « lua » —.

A noite em quasi todas as linguas tem como expressão uma palavra que recorda as ideias de « morte, destruição, expiação ».

Os Turanianos consagravam a lua á mulher, origem da Queda-Original e da Morte, e por isso a lua era a luz do morto. O crescente constituia o attributo ordinario das suas deusas, e na linguagem iconographica era, muitas vezes, applicado á lua « a mãe do sol ».

Campbell diz, que « *arria* » ou « *arri* », pedra, tem fórma archaica no termo *mara* ou *marri*, como o provam as palavras *malkar*, pedreira, *murrua*, muro, parede.

O *marakara* ou *maragogo* dos epitaphios etruscos (analogia com o basco) quer dizer pedra commemorativa.

As stélas, ou monumentos funerarios dos Bascos, são : *discoides*, circulares, *tabulares*, como taboas collocadas verticalmente, e *cruciferas*, em fórma de cruz.

Stélas cruciferas e tabulares.

A stéla mais antiga, e por isso mais curiosa e interessante, sob o nosso ponto de vista, é a *discoide*.

É um disco ou circulo sobre uma base conica, assente esta na cabeceira da sepultura, orientada sempre na direcção d'Oéste.

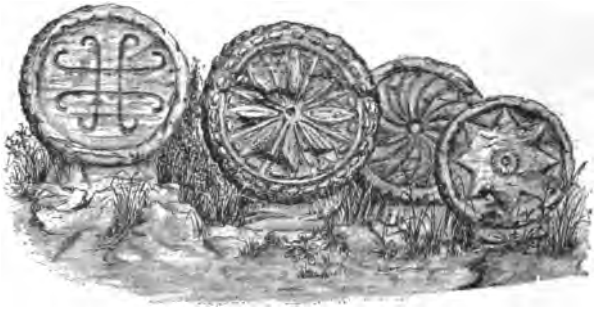
Em pedra da região, ordinariamente grés schistoso

muito duro e resistente, a sua altura vae de 1,^{m}10 a 1,^{m}50, sendo 0,^{m}40 a 0,^{m}60 o diametro do disco; e a base, em que este assenta, tem de 0,^{m}30 a 0,^{m}50 acima do sólo, com a espessura média de 0,^{m}15 a 0,^{m}20.

Muitas das inscripções e relevos dos desenhos são semi-apagadas, pelas intemperies de tantos invernos, que sobre ellas têm passado.

Pertencem geralmente á epocha christã, e as mais antigas podem começar a filiar-se nos seculos VIII, IX e X.

A sua fórma, que não se encontra egual senão nos cemiterios da Etruria e da Irlanda, accusa perfeitamente que ellas são a copia architectonica das antigas stélas ibericas, (postmégalithicas), modificadas apenas com os emblemas christãos, que, na maior parte, ellas contêm.



Stélas discoides.

A ornamentação é boa, quanto ao relevo do desenho, mas periclita, quanto á pureza das linhas na sua correcção

artistica, e revéla um symbolismo religioso, sob a caracteristica exclusivamente geometrica.

N'umas são dispostos circulos em fórma de cruz, tendo estes os diametros encruzados, n'outras as linhas de bordadura cruzam-se, e ao centro destaca-se o monogramma de Christo.

Outras têm umas rosaceas com a fórma symbolisadora do sol, e ainda com outras figuras estellares.

Existem (1), exemplares curiosissimos em que o disco apenas tem a ornamentação de diversas linhas quebradas, n'um parallelismo symbolico, representando o raio sulcando as nuvens.

Stélas discoides (segundo O'Shea).

Os desenhos geometricos predominam nas mais an-

(1) — É o typo das mais antigas, e assás raras, que se encontram na Biscaya.

tigas, alternados ás vezes com o circulo symbolico, mas nem a figura do homem nem a de qualquer animal apparecem insculpidas.

Pedra tumular com emblemas christãos e rosaceas phalico-turanianas (segundo O'Shea).

No seu symbolismo vê-se, que avultam as ideias dos Turanianos sobre os dogmas da resurreição e da vida eterna, pela fórma do disco, já como representativo do sol renascendo todos os dias, já como figura do circulo sem fim, emblema antigo do deus *Tempo*, ou, como quer Campbell, do *Baal Berith* dos povos hittitas.

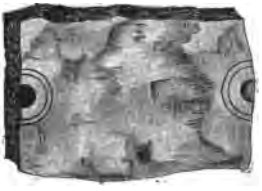
O douto Campbell, o notavel epigraphista, que, ha pouco, decifrou a epigraphia tumular etrusca, resolvendo assim um importante problema, qual o da linguagem escripta da velha Etruria, como já referimos, constata, com tal decifração, as similhanças e analogias da epi-etrusca e da euskariana.

Mas sob o ponto de vista especial, que agora nos occupa, affirma elle, que os Bascos dirigiam ao *Tempo,* sob a

invocação de Deus, ou ao *Baal Berith* (1), uma oração, cujas palavras apresenta no seu erudito trabalho. O distincto escriptor inglez, identifica *Berith (Bero*, calor solar), ao *Brutus* dos antigos autores britannicos, e ao *Bhârata* da Mythologia Indiana; d'onde a origem da palavra — Bretão — ascenderia á epocha do poderio dos Iberos, e não proviria dos Celtas (2).

(1) O *Baal Berith* era tambem adorado pelos Hittitas.

(2) Campbell. — Monumental evidence of an Iberian population of the British Islands, Montreal, 1887.



XII

A « Pastoral » e a arte theatral dos Bascos

XII

A « Pastoral » e a arte theatral dos Bascos

A « Pastoral » terá o seu atavismo artistico unicamente moldado nos antigos costumes do theatro grego, ou será um producto de arte autochthona, invenção primitiva e local, para traduzir os feitos dos pastores e guerreiros euskarianos, modificando-se, e soffrendo depois as influencias atticas?

Actores da antiga Grecia (com mascaras e cothurnos).

Julgamos, que o ultimo d'estes assertos é o verdadeiro.

Na Grecia antiga, os actores representavam com mascaras, o que fazia occultar completamente o movimento e a vida physionomica, que o drama moderno inventou.

Ligava-se principalmente importancia aos gestos plasticos, e a arte de formar os grupos tornava-se tão necessaria para a plastica da scena, como para a plastica da estatuaria.

Os baixos-relevos parthenopeanos são a copia fiel das posições e dos gestos dos actores, que representavam as grandes obras da tragedia grega.

Os Bascos não ligam tambem importancia á movimentação do rosto, á expressão physionomica.

Para elles, o agrupamento dos córos, e a phraseação em cantilena arrastada, de fórma a entrar bem nos ouvidos do espectador, e a ser facilmente apercebida, é o que mais importa.

Na « Pastoral » só entram como actores os homens e os rapazes, cabendo a estes os papeis de mulheres, anjos e espiritos bons, e áquelles os do sexo forte, Satanazes e Turcos.

Porque é de acrescentar, que, sendo moderno quasi, o thema da maior parte das « Pastoraes », actualmente representadas, um moderno, que vae, desde Carlos Magno e seu inclito campeador Rolando, até ao cyclo epico de Napoleão, não ha « Pastoral » basca em que não entrem os Satanazes, como representação do espirito do mal, e os Turcos, como seus fieis amigos n'este orbe terraqueo.

Na « Pastoral » antiga, propriamente dita, ou na que se molda em assumpto tirado ou emprestado do theatro grego, ou dos fastos biblicos, escusado será dizer, que entram obrigatoriamente os espiritos maus, os Satanazes.

Notam-se assim mais duas analogias com o theatro grego antigo, onde, como todos sabem, os bellos dramas, *Antigone, Alceste* e *Clytemnestre*, fôram desempenhados por homens, desde a edade madura até á juvenil, e onde os córos, *choros*, tiveram um papel importante, representando sempre o espirito do bem, « sempre promptos a tomar a defeza dos bons, a dar-lhes mão amiga e bom

Palco da « Pastoral ».

conselho », como diz Horacio, explicando na sua *Arte Poetica*, 193-197 (1), o que era o *chorus*, e qual a sua acção na tragedia.

(1) Actoris partes chorus officiumque virile
Defendat : neu quid medios intercinat actus
Quod non proposito conducat, et hæreat apte.
Ille bonis faveatque et consilietur amicis,
Et regat iratos, et amet pacare tumentes.

(Horatius — De Arte poetica — 193-197 : Epistola ad Pisones.)

O theatro grego, como o basco, fôram sempre ao ar livre; embora aquelle dispozesse das riquezas de ornamentação, que a arte grega inventára, tanto para commodidade e luxo dos ouvintes, como para o bom desempenho dos actores, emquanto este se tem contentado, com um tablado primitivo, por palco, não fazendo caso algum dos rigores historicos, em materia de trajes dos personagens n'elle representados. N'isto o theatro basco assimilha-se mais ao antigo theatro romano, até Pompeu (1).

Assim bem assenta o nome de « Pastoral », a essa embryonaria arte theatral dos Bascos, que tanto se parece com os « Mysterios » da Meia-Edade.

E, se lhe fica tão modesto nome, para a sua cognominação, bem cabidos são, aos productos intellectualissimos da arte grega de Sophocles, de Eschylo e de Euripedes, os patronimicos do theatro antigo e moderno, que se dizem « Tragedia, Drama e Comedia ».

Os dramas gregos eram escriptos em verso, e o mesmo se dá na « Pastoral ».

Mas a Poesia, no Drama attico, ou na Pastoral euskariana, nunca deixou de se fazer acompanhar pela Musica e pela Dança.

Nem a arte grega comprehendia a existencia d'uma, sem a concomitancia das outras.

---

(1) A. S. Wilkins — Antiq. Roman. — Manchester — 1885.

A prova está na nomenclatura technica, que ainda hoje usamos para as funcções e modalidades artisticas do poema, do canto e da dança.

O metro, a medida, os passos, os pés, as pausas, quer na poesia, quer na musica, representavam os passos cadenciados, a marcha rythmica, a dança dos actores em scena.

O verso (*versus*) correspondia á volta feita pelo actor, quando chegado ao limite da scena, e, até chegar a essa volta, dizia cadenciadamente um certo numero de palavras. A pausa, dava-se, emquanto se voltava.

A *strophe* e a *antistrophe* dos Gregos correspondiam ás figuras da dança, succedendo-se e repetindo-se reciprocamente, a fim de poderem descansar e revigorar para novos movimentos choregraphicos.

Cada acção tinha um rythmo seu, e um movimento proprio.

Os Bascos tambem cantam em scena, e fazem-se acompanhar musicalmente, tanto nos córos como nas danças, mas adoptam musicas modernas á acção de personagens antigos, sem variação nem adaptação justificaveis.

Assim, como nota Julien Vinson (1), a ária para os *bons* tem nos manuscriptos a indicação — *Sonnez champs* —,

(1) Julien Vinson. — Le Folk-hore du Pays basque, Paris, 1893.

e a ária para os *maus* : — *Sonnez infidel* —; as batalhas movimentam-se marcialmente pela ária do — *Clé du caveau* — e o que ainda é mais disparatadamente pittoresco, os Satanazes pulam e bailam sob os tons melodicos de — *Bon voyage, cher Dumolet* —, bem como os Turcos com a — *Marie, trempe ton pain* —, n'um « allegro vivo ».

Os musicos são dois ou tres, e ás vezes um só, que ao mesmo tempo toca dois ou tres instrumentos.

Arte, musica, dança e poesia são bem pastoris na « Pastoral » basca.

Em compensação, o nervo altivo da raça, o seu aprumo fidalgo, a importancia, que ligam ao papel que desempenham, a emulação em excederem os seus companheiros, e as sonoridades metallicas das vozes, que naturalmente, e com vigor expressivo, percorrem toda a chromatica, dão um tal realce de nobreza e encanto, de seriedade e magnificencia, áquellas modestas representações, que faz desapparecer a má impressão dos primeiros momentos. E até mesmo chega a impressionar-nos, levados talvez pela suggestão dos espectadores, que riem ou choram, nos momentos psychologicos da peça.

Actualmente já se permitte ás mulheres desempenharem uma « Pastoral », mas em tal caso ellas fazem, sem auxilio do sexo forte, os papeis de actores e de actrizes.

É tambem curioso vêr o actor — homem — trajando com os costumes, que uma tradição hypothetica inventou, e o actor, que faz de actriz, pondo em capricho usar das ultimas modas femininas !

Imaginem n'uma Pastoral o patriarcha Abrahão, com um gôrro á Henrique III, tunica azul e botas altas, dialogando com a sua Sara, vestida pelo penultimo figurino das modas parisienses!

As côres têm a sua tradição, no guarda-roupa das peças, assim o vestuario de côr azul é para os bons, os Francezes, os christãos, e o de côr encarnada para os maus, os Inglezes, os Turcos.

O palco improvisa-se em cima de pranchões ou de cascos vazios, encostando-se á parede d'um predio, onde ordinariamente, no primeiro andar, se executam as árias e melodias.

Nos quatro cantos do palco sobresahem, como estatuas vivas, quatro Bascos, fardados á militar, de espingarda em descanso, até ao momento, em que, pela chamada da peça, desferem um tiro unisono, correspondente á morte d'um dos personagens.

Colchas de vivas côres, festões de verdura e flôres, e o sol doirado dos Pyrenéos, embellezam e completam o scenario.

Antes de principiar a peça, o grupo de actores e musicos percorre, a pé e a cavallo, a villa onde a « Pastoral » se representa.

Mas o que causa verdadeira admiração, são os prodigios de memoria d'aquelles actores improvisados, decorando papeis longos e archilongos, para desempenharem peças, que levam tres dias de representação, e havendo muitos que nem lêr sabem.

E estes analphabetos decoram os seus papeis pelas repetições oraes dos seus progenitores, que quasi sempre os tinham aprendido pela mesma fórma e feitio.

Faz isto lembrar o processo dos rapsodos gregos e celtas, quer para os poemas de Homero, quer para os cantos guerreiros de Ossian.

Os assumptos das « Pastoraes » podem formar seis categorias : 1º biblicos, v. g. Abrahão com Sara e Agar, Nabuchodonosor; 2º agiologicos, v. g. São Luiz, Santa Catharina; 3º classicos greco-latinos, v. g. Œdipo, Baccho; 4º romances de cavallaria e contos tradicionaes, v. g. Charlemagne, Os quatro filhos de Aymon; 5º farças rabelaisianas, v. g. O homem batido pela sua mulher, o Pançart; 6º epico-modernos, v. g. Napoleão (o Consulado, o Imperio, Sta Helena).

Para se fazer uma ideia da accommodação, ou antes do estragamento do Œdipo, basta lêr a analyse critica, que á peça basca, do mesmo titulo, faz J. Vinson. (1)

O « Œdipo » basco é uma das mais pequenas pastoraes; mas tem 3712 versos, e faz entrar em scena 19 personagens. Por aqui se avaliará da longuissima extensão das outras.

Outrora, em toda a região basca, já hespanhola, já franceza, representavam-se frequentemente as « Pastoraes », mas nas ultimas decadas do seculo findo, fôram desappa-

(1) — Julien Vinson — Traditions basques, pags. 339-341 — Paris, 1883.

recendo das differentes provincias euskarianas, para se concentrarem e guardarem, com acrisolado amor tradicionalista, na região Souletina.

Em 1897, por occasião da Exposição da Tradição Basca, em Saint-Jean-de-Luz, representou-se, perante numerosa assistencia de bascos e forasteiros, a pastoral « Abrahão com Sara e Agar ».

Querem uns que a « Pastoral » não seja anterior á epocha da introducção do Christianismo; e outros dão-lhe filiação iberica, prendendo-se com a representação dos actos ou feitos dos chefes illustres, pastores e guerreiros ao mesmo tempo.

Que ha analogias na fórma e na mechanica da arte theatral euskariana e da arte theatral pelasgo-hellenica, póde affirmar-se com afoiteza; e n'isto ha uma prova synchronica, uma affirmação da sua antiguidade remota.

E que a arte grega influiu poderosamente na arte basca, fica demonstrado, embora esta guardasse sempre a marca indelevel da sua originalidade autochthona.

Mas que enorme distancia separa as duas, na sua essencia, e na sua funcção!

A « Pastoral » conserva-se manuscripta, em regra geral sem nome do autor, e tendo unicamente o do detentor, pseudo-editor d'estes exemplares unicos.

A « Pastoral » é feita em lingua basca, havendo porém, n'alguma mais moderna, citações e phrases intercaladas, da lingua hespanhola, da franceza e do latim, usadas aliás com pouca propriedade e correcção.

Os versos da « Pastoral » têm em regra oito syllabas, e são divididos em estrophes de quatro versos, dos quaes o segundo rima com o quarto, e os impares não rimam.

N'algumas peças modernas ha versos de treze syllabas.

A medida nem sempre é regular, e a rima limita-se, muitas vezes, a uma consonancia defeituosa.

Não ha divisão de scenas e de actos; e raramente se encontra nos manuscriptos, a indicação das entradas, sahidas e diversas posições e attitudes dos actores.

Os pontos de analogia que a « Pastoral » tem com os nossos antigos Mysterios, Representações biblico-christãs e Farças pastoris são faceis de enxergar, e não é nosso proposito desenvolvermos tal assumpto.

XIII

As danças e a musica popular euskarianas

XIII

As danças e a musica popular euskarianas

As danças bascas, as de origem vetusta, derivam-se, como já dissemos, do culto ancestral.

Depois das despedidas entoadas ao finado, e acompanhadas com pedidos de intercessão, embryões primitivos dos longos e encomiasticos discursos, que hoje se proferem á beira da sepultura d'algum extincto illustre, ou como tal reputado, seguiam-se os banquetes funebres, e, após estes, as danças lithurgicas.

Fallecido um guerreiro, e para lhe provar perante os seus restos mortaes, que ninguem mais se serviria do seu cavallo, e outrosim porque talvez tivesse necessidade do prestimoso quadrupede, na outra vida, immolava-se o solipede.

Mas restava ainda demonstrar-lhe, em quanto apreço se tinha o valor da sua espada, e assim pela mimica da dança os seus companheiros d'armas lhe affirmavam tal conceito.

Ezpata Dantza.

N'esta origem poderemos filiar a « Ezpata Dantza ». Se havia carpideiras por officio, existiam tambem os dançarinos profissionaes.

Actualmente ainda para bem dançar a « Ezpata Dantza » é preciso longa prática em sociedades especiaes, que cultivam a arte de Terpsichore, sobresahindo em tal dança os grupos de Bilbáo.

É incontestavel a origem iberica das danças euskarianas.

Os Turanianos fôram, como dissemos, os instituidores d'esta lithurgia choregraphica; e assim a sua familia Iberica introduziu as danças religiosas na Peninsula, e a familia Pelasgica no Archipelago Grego, e depois na região do continente hellenico.

A tradição antiga dos Gregos confirma a origem pelasgica, portanto turaniana, das suas danças sagradas, germen principal de toda a choregraphia.

Assim diz-se, que foi da Phrygia (um dos berços ethnicos dos Pelasgos) introduzida no Peloponeso e na Héllada, a dança « Corybanta », que tanto se parecia com a « Ezpata Dantza ».

Os « *corybantes* » dançavam com lanças e escudos, formando circulo, e movimentando-se n'um crescente de saltos, mimicas e corridas, sem desmancharem a fórma circular, attingindo um grau de « furia sagrada », como então se dizia, que os prostrava, extenuados de cansaço, e epilepticos pelo nervosismo choregraphico.

A dança grega « Gnossiana » executava-se tambem seguindo a fórma circular, tendo ao centro o altar d'uma divindade.

Os « *dactylos,* os *curétas,* os *corybantes* » desempenhavam exclusivamente as danças religiosas, que faziam parte importante do culto de Zeus e de Rhéa.

Não entravam as mulheres gregas, nas primitivas danças sagradas.

Só mais tarde, quando se desenvolveu o culto da

Aphrodite, as donzellas começaram as suas « *chorodias* », imitando, em volta do altar da Deusa predilecta, as danças circulares dos « *curétas* », como se vê nos baixos relevos hellenicos e phrygianos.

As mulheres euskarianas tambem nunca appareciam

Mulher basca.

nas danças antigas, e comprehende-se facilmente, que isto fôsse motivado, primitivamente, por não fazerem parte da comitiva guerreira, porquanto a sua missão domestica não lhes dava o papel das famigeradas amazonas.

Tal prohibição continuou, não só porque provinha do

dictame lithurgico-historico, mas tambem porque era corroborada pelo ideal domestico tradicional, que elevava, ao extremo, o pudor da Basca, principalmente da

Grupo da Ezpata Dantza (Bilbáo).

casada, dizendo-se, que a mulher era destinada a fiar na róca e a dirigir o interior da sua casa.

A dança « Salto Basco » obedece tambem á mesma ordem de ideias do culto ancestral, mas é de suppôr, que emquanto a « Ezpata Dantza » se applicava, pelo maior numero de comparsas, ao sahimento funebre de algum chefe, aquella era commummente usada em qualquer ceremonia funebre, e desempenhada alternadamente pelos amigos da familia.

Não se pense, que estas danças sejam monotonas, e que tenham uns ares funebres, na accepção moderna da palavra.

A agilidade, que é mister para as executar, os passos e posições difficeis a superar, e a belleza plastica das diversas posições, que se impõem aos dançadores, fazem o espanto e a admiração dos mais distinctos criticos da arte choregraphica.

Bem verdade falla o aphorismo francez « correr, saltar, dançar como um basco ».

O « Salto Basco » é a dança mais popular, usual e tradicional de todos os euskarianos.

É a dança dos serões, a dança que maior exercicio physico demanda, e que, como tal, se executa repetidas vezes, ou antes quasi todos os dias, nas pequenas reuniões das familias, que guardam intactos os costumes dos seus antepassados.

Ha vinte e um modos de a dançar.

O mais conhecido de todos é o « Mutchikoak ».

Corpo direito, descrevendo fortemente o tronco, sem avultar os hombros; braços pendidos, sem fallencia de vida; cabeça alta, com alguma inclinação sobre o peito; eis a posição plastica do dançador.

Passos rapidos, agilissimos, sem desmandos nas linhas, sem precipitações, e acompanhando a cadencia melodica da musica popular.

Assim percorre um semi-circulo, onde estão collocados dois paus atravessados em angulo recto, ou em fórma de cruz. Será esta a dança tradicional pastoril?

Representarão as duas pequenas varas encruzadas, os cajados, os bordões dos pastores montanhezes, aos quaes serviam, e servem ainda, de arrimo e d'arma defensiva?

O dançador dança, salta, e movimenta-se até que o musico fatigado, e o cantor exhausto calem os tons da voz sonora, e as melodias da flauta (1). Então, n'um salto prodigioso, baixa-se colhendo as varas, e levanta-se com ellas rapidamente, tomando uma posição verdadeiramente esculptural, como affirmação da sua victoria.

A musica do « Salto Basco » é mais graciosa, mais viva, que a da « Ezpata Dantza », cuja melodia é compassada, melancholica, como tratada sob um *leicht-motiv* de tristeza.

Das outras danças « *modernas* », d'um modernismo, que tem vida secular, não vem ao nosso intento occuparmo-nos, mas convem notar, que embora já entrem n'ellas as mulheres, ainda se faz uma separação entre os dois sexos por meio d'um lenço, cujas extremidades são o mediador plastico entre os rapazes e as raparigas, que dançam o « Auresku ».

---

(1) Os Escossezes, principalmente os que habitam os povoados das montanhas têm uma dança tradicional, sword-dance, que é exactamente o « Salto Basco », só com a differença que em vez de dançarem em volta das duas varas atravessadas, como os Bascos, executam os mesmos passos e saltos sobre duas espadas encruzadas. Esta choregraphia tradicional será mais uma prova de que os Iberos fôram os primévos imigrantes das Ilhas Britannicas, como sustenta Campbell, tão erudita e proficientemente?

No Labourd, e n'outras regiões, as mulheres dançam entre si, emquanto os varões da familia se adestram na gymnastica dos jogos favoritos.

Os Bascos têm entranhado amor pela dança, e para elles não só constitue um divertimento nacional, mas tambem um dos muitos ramos gymnasticos, que exercitam tão destra, quão delicadamente, desenvolvendo a musculatura e aperfeiçoando a esculptural plastica.

Por isso os anthropologos modernos conclamam, que elles constituem « a mais bella raça da Europa ».

Nos montanhezes da Serra da Estrella, e, principalmente, nos das serranias de Traz-os-Montes, queremos vêr um pallido reflexo d'esta agilidade e d'este amor pelas danças antigas.

Nos nossos Mirandezes, perante a sua tradicional dança dos « Paulitos », encontra-se uma approximação choregraphica com os Bascos da « Ezpata Dantza ».

Sobre a paixão dos bascos pela dança, já o bom do Boileau dizia em pleno seculo XVII : « Un enfant y sçait « danser avant que sçavoir appeller son papá ny sa « nourrice. La joie y commence avec la vie et n'y finit « qu'avec la mort. Elle paroist en toutes leurs actions. »

A musica popular dos bascos é bem a traducção exacta d'aquelle admiravel povo, é uma prova fidalga do valor artistico da familia iberica.

A arte popular é sempre uma arte de intuição, de simplicidade, e de exuberancias espontaneas, que encantam na sua singeleza.

Exprime fielmente o caracter d'uma raça, reflecte e revigora os traços principaes, as linhas caracteristicas do paiz, onde essa raça se fixou.

Esta lei generica, que tem a consagração historica d'uma applicação continuada e successiva, atravez o desenvolvimento progressivo das raças, dos povos e das grandes familias ethnicas, é applicada em toda a sua plenitude aos Euskarianos.

A canção basca faz conhecer os Bascos.

Traduz na lingua primitiva, magestosa na sua simplicidade, e simples na sua confecção, as sensações vivissimas, os orgulhosos sentimentos, as aspirações soberanas d'este povo altaneiro e modesto, nobre e trabalhador.

Revéla as qualidades sociaes, a poesia das suas tradições, o amor encendido pela liberdade (1), a fé robusta, mais moral que mystica, e emfim a alegria do seu viver desenhada n'uma d'aquellas risonhas paizagens da região pyrenaica.

O poeta contemporaneo Ellissambure colligiu a maxima

(1) Veja-se nota G. — in fine.

parte das canções e canticos bascos, que ou divinisam o sentimento religioso e moral, ou proclamam as virtudes familiares e o amor pela terra natal.

Mesmo traduzidas, respiram tudo o que ha de mais suave e íntimo, pela uncção religiosa e fervor de crenças, que revélam, e pela sentimentalidade bucolica, que faz transparecer a limpidez affectiva da alma popular.

As canções amorosas (1), em que o amor se confessa sem falsos e hypocritas rebuços, onde a vida ao ar livre transuda a franqueza, no dizer, e a alegria cantante, na expressão, formam um outro grupo interessante dos cantos populares bascos.

Mas é mister não esquecer a canção rabelaisiana, e a satyrica (2), d'onde as fléchas da ironia rompem hervadas do sarcasmo, inoffensivo e sem pretensões a ferir determinada pessoa, mas sómente com intuitos de pôr em evidencia, no pelourinho da gargalhada jovial, os ridiculos, communs e habituaes, da humanidade. E isto acompanhado por uma musica vivaz, rythmada com notas alacriantes e aceradas, como echoando o esfusiar de risos argentinos e zombeteiros.

N'estas musicas populares, herdadas e transmittidas de geração em geração, como thesouro precioso, dir-se-ha, que se encontra a stereotypia da vida physica dos Bascos, da sua pertinacia no trabalho, das suas qualidades familiares e sociaes, dos seus exuberantes e francos regosijos; bem como, n'um « Salto Basco » ou n'uma partida

(1) Veja-se nota II. — in fine.
(2) Veja-se nota I. — in fine.

de jôgo da « pelota », se revéla a sua sã robustez e a sua vivaz agilidade.

O rythmo plastico vê-se clara e nitidamente, reproduzido pelo rythmo musical; como a vida social moderna, nos seus gestos e palavras, feitos e expressões, se apresenta reproduzida pela maravilhosa dynamica da electricidade.

São eximios cantores os Bascos, e a arte lyrica tem recrutado, entre elles, alguns dos melhores executantes das operas modernas.

E não admira, que o sejam.

Defrontam-se com o echo das montanhas, que os obriga a corrigirem, por si proprios, os defeitos das falsas vocalisações, nas suas canções populares.

Para serem amados, é preciso demonstrarem ás suas bellas, que possuem, além da agilidade e gentileza, na dança e nos jogos physicos, uma boa voz e um bom ouvido, a fim de repetirem, com verdadeiro rythmo musical, os canticos de amor, que outrora fôram cantados pelos seus progenitores.

Para se fazerem ouvir de montanha a montanha, do cêrro ao val, do casal afastado até á primeira ermida, é preciso ter boa e forte voz, é mister emittir, em grita, uns sons especiaes, que indicam o chamamento.

N'isso mesmo, os Bascos são superiores aos Alpinos, aos Balkanicos, aos Vosgenses, e aos outros habitantes das differentes regiões montanhosas da Europa.

Chateau d'Abbadie (cercanias de Hendaye).

Esta grita ou appellativo especial chama-se « *Irinzina* ». É tido em grande conta e apreço aquelle, que a entôa com voz vibrante, forte, compassada, e prolongada no som final.

O fallecido Antoine d'Abbadie, um dos mais eruditos exploradores, do paiz da Abyssinia, nos fins do seculo passado, foi um sabio e illustre membro do Instituto de França, e, assim como o duque d'Aumale legou á Academia Franceza o seu magnifico palacio, collecções artisticas, e dominios de Chantilly, assim tambem d'Abbadie deixou, em legado aos seus collegas do Instituto, o « chateau » e dependencias, de Hendaye, sob condição de que, todos os annos, o Instituto delegará um dos seus membros, para presidir ao jury decretador dos premios, no concurso annual de « *Irinzinia* ».

Por aqui se afere, que o patriotismo basco e o seu amor pelas tradições constituem um thesouro sagrado e idolatrado, até para os de mais elevada intellectualidade.

E quão nobres exemplos de adoração e respeito pelos seus ideaes e crenças, e de entranhado affecto, pelo seu povo, e pelo seu torrão natal, têm dado, ininterruptamente, os Euskarianos!

Se o nosso grande Herculano com o seu poema em prosa, « *Eurico* », synthetisou, concretisou a alma nacional da epocha ibero-gothica, e cantou o lyrismo peninsular, sob a fórma do amor levado ao sacrificio, o gentilissimo talento de Pierre Loti insculpiu, com o buril magico de prosador-poeta, nas paginas do « *Ramuntcho* », a doce sentimentalidade, a pureza de fé, a mascula energia no soffrimento, da fidalga e simplicissima familia basca.

Quem quizer apreciar os delicados, mas vigorosos, perfis dos Bascos, não olvide o livro do primacial academico.

Casa de lavrador basco.

XIV

O Folk-lore Iberico, e as tradições, lendas, contos, proverbios e superstições dos Bascos

XIV

O Folk-lore Iberico, e as tradições, lendas, contos, proverbios e superstições dos Bascos

O *Folk-lore* é o termo adoptado, pelos modernos tradicionalistas, para enunciar o conjuncto das lendas, contos, tradições e proverbios, que formam a sabedoria popular d'um grupo ethnico.

Assim fez, ultimamente, Julien Vinson, cognominando, de tal modo, o tradicioneiro do paiz basco, que forma o volume XV das « Litteraturas Populares », colleccionadas e editadas por Maisonneuve (1).

Quem lêr a curiosissima collecção de tradições bascas,

---

(1) Julien Vinson. — Le Folk-lore du pays basque, tome XV des Littératures Populaires, Paris, 1893.

a que vimos de nos referir, fica sobejamente convencido do cunho iberico primacial, que n'ellas se revéla.

Já não queremos referir-nos ás suas parecenças e analogias com as similares das outras terras de Hespanha; mas facilmente se descobre, n'ellas, as similhanças que as irmanam com muitas, bem conhecidas, do tradicioneiro portuguez.

Em todas rescende á flux, a alma do bom povo, ingenua e pura, em todas as manifestações das suas crenças, e quiçá mesmo das crendices, que lhe bafejaram a infancia.

N'ellas se descortina o espirito popular adivinhando, ás vezes, sob uma fórma grosseira e embryonaria, ataviada mesmo de « ritornellos » phantasistas, as verdades ou leis scientificas, que, muito tempo após, são elevadas á altura de axiomas pelos estudiosos, que pensam ter a primasia na descoberta.

Phenomenos psychicos da multidão, que todos podemos perscrutar, mas que ninguem póde explicar, nem os proprios espiritistas ou occultistas, que se dizem inventores da sciencia animica do futuro, sem se lembrarem, que, até mesmo esta sua theoria, pseudo-scientifica, faz a base da maior parte das lendas de todos os povos.

O maravilhoso, o desconhecido, e tanto elle é, espanta e deslumbra as imaginações, atterra e confunde os raciocinios, já dos humildes e nescios, já dos estudiosos e sabios.

É n'estes casos, que a alma do povo, procurando em reconditos ignotos o germen da presciencia, imagina,

Interior d'uma casa basca

(Da exposição basca de Saint-Jean-de-Luz, em 1897).

se não descobre, phantasia, se não explica, as incognitas dos phenomenos de hoje, que passarão ámanhã a serem leis, mais ou menos controversas.

Que lição proveitosa todos têm a aprender, quando, tendo desprezado toda a sabedoria popular, revelada e assente nos seculares tradicioneiros,, que fôram o encanto dos saudosos tempos da nossa meninice, havendo lançado, aos ventos, as baforadas d'um scepticismo, quasi sempre ridiculo e piégas, se volve, depois dos estudos acurados do estio da vida, a descobrir não o encanto perdido, mas a simples philosophia, o despretencioso saber, incarnado humilde, e ignaramente até, nas producções anonymas das litteraturas populares.

Que fazer e dizer, perante os archi-sabios, que estudando, por exemplo, o que se chama uma especialidade, julgam ter conjugado o complexo universal da sciencia, e cegos, que, tendo olhos, não podem vêr, realisam diariamente o ridiculo feito do astronomo da critica fabulista, que pretendendo descobrir o sete-estrello, cognominação popular da Ursa Maior, cahiu ao poço, que se avisinhava dos seus passos descompassados!

Mas regressemos ao nosso tradicioneiro iberico, porquanto a nossa penna, involuntariamente, divagava, e já parecia alma penada, que se passeava pelos intermundios philosophicos, quando aliás lhe é mister percorrer os pincaros das serranias peninsulares, onde, em geral, se acoitam os ultimos restos das tradições do bom povo.

E, seguindo a méta das proposições, que enunciamos, como escôpo dos nossos estudos, vamos ao paiz basco estudar o tradicioneiro primitivo dos Iberos.

Não podemos aqui, á falta de espaço, dar um repositario do Folk-lore Basco; para tanto não ha mais que enviar o leitor para a obra de Vinson.

Mas escolheremos, quer propositadamente, quer ao

Costumes de lavradores bascos.

acaso, alguns exemplares, que nos parecem representar sufficientemente o typo geral, que desejamos fazer conhecido, e que assás nos serve para as nossas affirmações.

Comecemos por destacar alguns dos contos e narrativas populares euskarianas.

« A Grande Ursa »

« Era de uma vez um grande lavrador. Dois ladrões
« roubaram-lhe uma junta de bois. Mandou o seu criado
« a descobrir os ladrões. E como este não voltasse, man-
« dou a criada, que foi acompanhada pelo cão da casa.

« Passados dias, como não regressassem, nem o criado,
« nem a criada, foi elle á sua procura. Mas não os
« encontrando, por mais que os procurasse, começou
« a blasphemar e a proferir maldições!

« Tantas pragas rogou contra os ladrões, que Deus
« para castigar o lavrador, condemnou-o juntamente
« com os dois criados, os dois ladrões e os dois bois, a
« caminharem, seguindo-se uns aos outros, até ao fim
« do mundo, e collocou-os no céo, no sete-estrello (a
« Grande Ursa).

« Os bois são as duas primeiras estrellas, os ladrões
« são as duas seguintes, o criado é a estrella, que vem
« após estas, a criada é a seguinte estrella, a isolada; o
« cão fica ao lado n'uma pequenina estrella; e, final-
« mente, o lavrador, no fim de todos, na setima estrella. »

(Engrace Carricart, de Musculdy — Cerquand, 6).

Nas differentes regiões da Peninsula se encontra o mesmo conto, com differentes variantes.

Mas o que importa mais é, que a explicação da posição ou configuração astronomica da Grande Ursa se eguala, em todos os povos da raça Turaniana, por meio de contos mais ou menos approximados, notando-se isto tanto nas familias ethnicas, que ficaram na Asia, como nas outras da Europa, Africa e America.

O conto da « Grande Ursa » revéla não só o desejo e a aspiração de explicar as leis sideraes, mas encerra, no seu fundo, uma lição de moral, que implica a affirmação do estado civilisado da raça, que o produziu.

Se o grande Cuvier reconstituia um ante-diluviano, por meio d'um ou d'alguns ossos, a paleontologia social tem tambem de se esforçar por recompôr uma sociedade extincta, com os poucos dados que lhe restam.

Continuemos.

« As tres Verdades »

« No outomno os pastores descem das cabanas dos
« altos montes, para habitarem as das encostas. Uma vez,
« os pastores d'uma cabana tinham esquecido a sua gré-
« lha na cabana do alto. Como tinham medo dos Basa-
« Jauns, nenhum d'elles nutria desejos de ir buscar a
« grélha, e começaram a desafiar-se uns aos outros,
« promettendo dar cinco soldos áquelle que quizesse lá ir.

« Um pastor disse então: « Está bem! eu vou »; e
« partiu.

« Encontrou na cabana um Basa-Jaun, que tinha feito
« uma grande fogueira, e que se preparava para cozer
« os bôlos na grelha.

« O pastor, ao vêl-o, ficou amedrontado; mas o Basa-
« Jaun lhe disse, que entrasse, e perguntou-lhe o que
« é que elle queria.

« Respondeu-lhe o pastor, que elle vinha procurar a
« grélha.

« O Basa-Jaun retrucou-lhe : « Se tu me disseres tres
« verdades, eu te darei a grélha e te deixarei partir ».

« O pastor, depois de alguns momentos de reflexão,
« disse-lhe : « Meu senhor, ha quem diga, que quando faz
« luar, a noite é tão bella como o dia, mas a mim pa-
« rece-me, que a noite nunca é tão clara como o dia. —
« Assim é; eis uma verdade. — Meu senhor, muita gente,
« quando tem uma boa *méture* (brôa, pão de milho) diz,
« que esta é tão boa como o pão (pão de trigo), mas a
« mim parece-me, que o pão sempre é melhor. — Tens
« razão; eis outra verdade. — Meu senhor, se eu sou-
« besse, que havia de encontrar-vos aqui, certamente
« não teria cá pôsto os pés. — Eu te creio; tu disseste
« ainda uma verdade, e por isso deixo-te partir com a
« tua grélha. Mas quero dar-te um conselho : não saias
« nunca á noite, com a mira no ganho, fal-o antes por
« coisa nenhuma. »

(M. Barhendi, de Musculdy — Cerquand, 31).

Que boa lição de altruismo se induz do conselho do Basa-Jaun !

O lobishomem das lendas portuguezas é o irmão germano do Basa-Jaun do tradicioneiro basco.

« A Lua »

« No dia consagrado ao descanso, pelo Senhor, um « homem ia, com um feixe de silvas ás costas, tapar uma « aberta da sua sébe.

« Deus appareceu-lhe no caminho, e disse-lhe : « Pro- « fanaste o meu dia, não obedeceste á minha lei, por isso « serás punido duramente: tu alumiarás, todas as noites, « até ao fim do mundo »; e no mesmo instante o homem « foi elevado aos ares, com o seu feixe ás costas, e desde « então elle serve de lua. »

Nas nossas provincias, as boas avósinhas ainda actualmente explicam aos seus netos a configuração do crescente da lua, com as suas manchas planetarias, dizendo-lhes que lá existe o bom homem carregado com o feixe de silvas. Da nossa infancia guardamos a saudosa recordação da santa, que nos encantou a mente infantil, com a simplicidade ingenuissima d'um conto similar.

« Os annos da vida não se contam »

« Um homem começava de envelhecer, quando alguem « lhe perguntou : « Que edade tem? — Eu não sei — »

« respondeu elle. — Pois quê, será possivel ignorar
« quantos annos tem?! — Eu conto as minhas ovelhas
« e o meu dinheiro, com receio de os perder; mas não
« conto os annos, pois estou certo de não perder um
« unico. »

(Etcheberry, das Aldudes — Cerquand, 18..)

Hoje constitue um modernismo litterario fazer contos ou pequenas novellas terminadas d'uma fórma abrupta, deixando, na maior parte das vezes, aos leitores, o trabalho de epilogarem, mentalmente, a obra, como melhor lhes aprouver.

Pois os Bascos antigos até já tinham descoberto esta maneira litteraria, que os nossos contistas dizem ser creação sua propria.

Exemplifiquemos. O conto vae na traducção franceza, porque em basco poucos o entenderiam.

« Les trois filles d'un Roi »

« Un roi avait trois filles : il les habillait de rouge.....
« Voulez-vous que je recommence? »

(Saint-Jean-de-Luz, 1896).

Então não é um prototypo da tal escóla litteraria? Superior a esta nitidez e concisão, ainda não encontrámos. Meditem n'elle os nossos litteratos.

Em materia de adivinhas populares tambem é fertilissima a collecção basca.

« Qual é a coisa, que todos os dias faz a volta ao « mundo? — A lua —.

« N'um vaso duas bebidas, que não se misturam uma « com a outra : — O ôvo —.

« A mais ligeira coisa do mundo, que nada póde de- « ter : — O espirito —.

« O pae enrugado, a mãe preta, a pelle vermelha, e o « filho branco : — A castanha —.

« A coisa que mais rapidamente se espalha por todo « o mundo : — A má fama —.

Não queremos prolongar mais esta sessão de adivinhas, porque nem todos têm paciencia para as lêr, ou ouvir, como o heróe do romance de Julio Diniz, nas « Pupillas do Sñr. Reitor ».

A par de muitas, que transudam um disparatado conceito, ha algumas que têm, no seu realismo popular, uma adaptação verdadeira.

Em proverbios e dictados é muito abundante o tradicioneiro euskariano.

« Quando a rapôsa começa a prégar, guarda a tua « gallinha.

« Á rapôsa póde tirar-se-lhe a pelle, mas nunca as ma- « nhas.

« Não deixes, pelo novo, o amigo velho.

« O filho que muito gastou, succedeu ao pae que muito « poupou.

« O casamento por amor, e o arrependimento do mes- « mo, nasceram no mesmo anno.

« Faze-te ovelha, querendo a paz; depois o lobo te « comerá.

« Casamento d'amor, vida de dôr.

« Se tu tens bastante, terás precisão de bastante.

« Dá-me carne de hoje, pão de hontem, e vinho do
« anno passado; e dispensarei as visitas de medico.

« Não ha fumo, sem fogo.

« Para as gallinhas, e para as mulheres, as muitas
« sahidas são a perdição.

« Os presentes abrem os rochedos.

« Dá ao cão o ôsso, e á mulher a mentira.

« Se fôsse rico aquelle, que não o é, seria muito
« esmolér.

« Dize a verdade, e tu serás enforcado.

« O pensamento do louco é o reputar-se com juizo.

« Alimenta o côrvo, e elle te tirará os olhos.

« Uma mão lava a outra, mas as duas lavam o rosto.

« O peor faz esquecer o mau ».

Muitos dos proverbios bascos são identicos aos nossos.

São numerosos os contos humoristicos e satyricos, que fazem desopilar o figado dos euskarianos, provocando-lhes o riso ou a gargalhada, quer pela parte comica, quer pelo ridiculo.

Alguns d'estes contos são pouco vestidos, e assás livres, mas revéla-se n'elles uma graça caustica, que póde emparelhar com o chamado espirito gaulez.

« Les peuples primitifs n'y entendent point malice : « ils appellent les choses par leurs noms et ne trouvent « pas condamnable ce qui est naturel », como diz J. Vinson.

Dê-se agora algumas amostras das superstições bascas, que bem se podem cognominar, por todos os motivos, ibericas, principalmente pelo caracter de universalidade que ellas tomam na Peninsula. Ha comtudo algumas, que são propriamente regionaes, euskarianas.

« Treze pessoas á mesa, morte certa para uma, pelo « menos, dentro d'um anno.

« Sal entornado, facas em cruz ou com o gume vol- « tado, é prenuncio de questões e disputas.

« O piar da coruja, o uivar do cão, nas proximidades
« d'um doente, predizem morte proxima.

« Feliz ao jôgo, ou nos negocios, infeliz nos amores, ou
« na felicidade domestica.

« Fugir da gente que tem barba e cabellos arruivados.

« O espirro é um mau agoiro, que é preciso afugentar
« pronunciando o voto ou desejo de « muita saude, ou
« muita fortuna. »

« Quem ao chegar á janella, n'uma segunda-feira, vir
« uma mulher, terá uma semana nefasta, cheia de des-
« gostos e cuidados.

« Se ao primeiro canto do cucó, a tua bolsa estiver
« recheada de dinheiro, terás riqueza, em abundancia,
« durante todo o anno.

« Quando um pae tem sete filhos, reside n'um d'estes
« as virtudes de curandeiro.

Presentes de Noivado.

« Se o noivo, no dia do casamento, se esqueceu de ter
« sobre o joelho uma extremidade do avental ou do ves-

« tido da noiva, é desgraça certa para o casal, porque « dentro em pouco se odiarão o homem e a mulher. »

Não ha aldeia, onde não existam dois ou tres feiticeiros ou feiticeiras.

Contos e lendas de almas penadas, de apparições de phantasmas, de feitiçarias, de incantamentos, de lobishomens ou Basa-Jauns, são por toda a parte espalhados, com mais ou menos poesia, com maior ou menor credulidade indigena.

Uma fabula ou lenda euskariana, do genero da « Peau d'Ane », ou da « Gata borralheira », diz, que os Gaels ou Celtas aprenderam dos Iberos a arte de contar as horas e o tempo, e que os mesmos Celtas não tendo outro traje, que não fôsse uma longa cobertura de pelles de animaes, receberam dos Euskarianos, como presente, o primeiro par de calças, *braga,* que usaram e transmittiram aos Latinos. No euskara o vocabulo *Braga* significa calças compridas e largas, d'onde o greco-latino *Braca.*

Sujeitamos ao estudo e consideração d'uma das numerosas e illustres commissões, que pullulam na nossa terra, a Commissão de Nomenclatura Geographica, esta origem etymologico-historica, para quando se chegar ao nome geographico da gentil capital do Minho.

Não podemos alongar-nos mais sobre o curioso, notavel e importante Folk-Lore da região basca.

Mas, repetimos, que n'elle se reconhece bem a origem iberica, com tonalidades accentuadas e fortes, o que já

não acontece nos outros de Portugal e Hespanha, que embora manifestem o atavismo iberico, são mais esbatidos, mais apagados, deixando bem aperceber o cruzamento das diversas familias ethnicas, que n'elles collaboraram.

XV

A virilidade da familia iberica e a gymnastica dos jogos physicos

XV

A virilidade da familia Iberica e a gymnastica dos jogos physicos

Adestrados para a lucta com os elementos da natureza, costumados a combaterem mais contra as féras, que contra os seus similhantes, os *paléolithicos*, tinham decerto desenvolvido, por necessidades diuturnas, a musculatura, que lhes dava forças para a defeza, e alentos para a combatividade.

As constituições fortes, a robustez physica de corpos talhados para o « struggle for life » primévo, transmittiram-se, atravez das gerações d'esses remotos tempos, sem haver necessidade de revigorar forças, por outros exercicios, que não fôssem as luctas, constantes, para provêrem á defensiva e ás necessidades da existencia.

Os *néolithicos* começaram a fazer povoados fóra das cavernas e grutas, a formar grandes agrupamentos, com permanencia certa, em determinados logares, construindo

habitações, que se prolongavam e acompanhavam dentro de muros de defeza.

Delineava-se assim o esboço da Cidade, brotavam os primordiaes tentamens da Civilisação.

A caça, a pesca e as pequenas industrias domesticas provinham de tudo e para tudo, que era mais imperiosamente necessario á vida, attentos os tempos e o meio social.

Os animaes mais ferozes, e os de proporções agigantadas, ou tinham desapparecido, sem continuação da especie, ou haviam emigrado para outras regiões, onde o clima tivesse condições atmosphericas eguaes áquellas, que haviam auxiliado a sua multiplicação e desenvolvimento.

Diminuiram assim muitos dos adversarios com que o prehistorico teve de se debater.

Nos ultimos tempos da epocha *néolithica*, a civilisação tinha já avançado, marcando nitidamente o seu primeiro estadio.

Depois, o homem descobriu os metaes, fabricou com elles armas mais poderosas para o combate, e poude assim, nas luctas contra carnivoros e herbivoros, conseguir melhor o exterminio d'uns, ou a apprehensão d'outros.

Era bem preciso um conjuncto de força, destreza e agilidade, mas já não havia mister o empregar, tão frequentemente, a lucta corpo a corpo, onde tinham predominado os musculos de aço dos primitivos.

As luctas com os seres humanos, os combates de tribu contra tribu, começaram a ser o principal motivo e occasião de se realisarem os exercicios physicos.

Mas taes luctas não abundariam muito, entre os *protohistoricos*, na epocha das grandes migrações, porque as raças eram pouco numerosas, e as regiões a occupar eram extensissimas.

Não havia portanto necessidade de disputar ou defender o principio da propriedade, origem principal de quasi todos os recontros, prelios, luctas, e combates da humanidade.

Começando porém a civilisação a caminhar, avisinhando-se mais, relativamente, os povoados, agrupando-se as familias em nações, que até sahidas da mesma raça e tendo um *habitat* limitrophe, começavam a divergir nos dialectos e linguas, e tambem nas ambições de poderio dos seus chefes, desenvolveram-se mais as guerras, reabriu-se uma outra especie de combates.

Á disputa proveniente da apropriação do terreno, sufficiente para a familia e para a tribu, succedia a lucta dos limites do sólo occupado por cada povo.

Era portanto mister redobrar de esforços, para desenvolver as forças physicas dos individuos, que já se iam habituando, a só conhecerem, como principal exercicio physico, a caça, e a estimarem a vida pacifica pastoril ou agricola.

Iniciaram-se então as primeiras navegações, e povos vieram despojar outros da supremacia, que tinham nas regiões, que antes occupavam.

As imigrações, por terra, na maxima parte, já se fizeram para desapossar os primeiros occupadores, ou para obrigar estes a consumirem os productos de regiões differentes, permutando com os que elles produziam.

Marcavam-se os pródromos do Commercio, e apparecia o embryão remoto do movimento economico, que havia de impellir e alimentar o progresso, atravez os estadios successivos da civilisação.

Mas tinham tambem irrompido com impetuosa força as desmedidas emulações e invejas, de povos para povos, procurando os mais fortes desapossar os mais fracos, das riquezas existentes nas regiões, que elles primordialmente tinham explorado e desenvolvido.

D'aqui a vetusta origem dos grandes combates ou das primeiras batalhas entre os grandes grupos, pertencendo á mesma ou a differente raça.

Sabe-se bem, desde os principios da chamada antiguidade historica, ou desde os tempos das civilisações Asiaticas, Araméanas, Nilina e Pelasgica, quão grande importancia se ligou ao desenvolvimento physico do homem, a fim de o tornar apto para a defeza, não só de si proprio, mas tambem, e principalmente, da collectividade.

Começaram então as luctas entre dezenas de milhares de homens.

Foi necessario possuir unidades fortes para as batalhas, e dar a essas unidades de combate uma educação de conjuncto, que habilitasse os guerreiros a soffrerem, e a vencerem o choque das multidões armadas.

A guerra passára do estado « natural » a ser « arte », primitiva ainda, mas já então « Arte da Guerra ».

Principiaram os feitos historicos dos grandes chefes, que guiaram os primeiros exercitos.

Insculpiram-se, pela primeira vez, nas paginas da historia, as proezas e as vergonhas, os heroismos e as vilanias, as acções epicas e os feitos horrorosos das Conquistas.

A grande raça humana, já assás dividida ethnicamente, mais ainda o foi pelas ambições dos fortes, que, quando victoriosos, fôram, pelos da sua nação, chamados — os grandes —.

Alvoreceram, então, as façanhas sangrentas dos conquistadores, creando a epopeia, plena de heroismos mais ou menos veridicos, e tornando em realidade as imaginarias acções dos heróes lendarios e mythologicos, que os rapsodos, por toda a parte, cantaram e apregoaram, incitando o animo bellico dos coévos dos seus povos, ou, melhor ainda, dos conterraneos da sua nação.

Porquanto ao Povo, como ajuntamento das Tribus, houvera já succedido a Nação, como grande entidade social.

A vida guerreira convertera-se n'um mister ou occupação, para certos e determinados, pela formação das castas, e pela divisão hierarchica da sociedade, e eram esses que se adestravam e desenvolviam physicamente, para poderem combater, com previsão de superioridade, com mais probabilidades de victoria.

Não havia portanto, para todos, a aprendizagem dos exercicios physicos, excepção feita d'aquelles, que se realisavam pela absoluta necessidade do movimento, que a machina humana tinha de produzir, para levantar palacios, construir habitações, arrotear campos, abater florestas, ou provêr de remedio á alimentação habitual do agrupamento chamado Familia.

Na raça Turaniana nota-se, que, áparte a civilisação Egypcia e a Inca, onde houve o regimen das castas, todas as outras civilisações, que ella produziu, admittiram o principio de que cada individuo são e robusto era um guerreiro.

D'ahi proveiu a necessidade geral de todos se exercitarem physicamente, desenvolvendo musculos, redobrando agilidades, avultando as fórmas robustas, n'um prurido de emulação, n'um desejo de imitação perante as lendarias façanhas dos heróes mythicos, Hercules, Atlas e Promotheu, productos da concepção da Força, creados pelos Turanianos (1).

Assim os Pelasgos (Turanianos), eram de força tão gigantesca, que sem outra mechanica, que não fôsse a dos biceps, justapozeram enormes rochas, para formarem muralhas de defeza ás suas cidades primitivas.

Os restos d'essas cyclopeias construcções, pois nem

(1) A mythologia grega tomou dos Atlantas, ou dos Turanianos, o Hercules, o Promotheu e o Atlas, cujas proezas epicas se contaram, sob differentes nomes, nos povos de civilisações anteriores á Helenica.

ruinas se podem dizer, pasmam e assombram os athletas dos nossos actuaes gymnasios, quando meditam, que fôram musculos de homens, e não machinas, as potenciaes, que deslocaram e collocaram, horizontal e verticalmente, aquellas moles de pedra.

Iberos, Pelasgos e Etruscos davam-se aos jogos, que demandavam adestramento de forças physicas, e tanto desenvolveram esta gymnastica, que até crearam concursos publicos, estabelecendo premios aos vencedores, aos mais destros e fortes, para incitamento de todos.

Mais tarde, sob o dominio da civilisação Hellenica, os principios physiologicos dos protoparentes da medicina, (os physicos gregos), elevavam a principio consagrado, para manter a pureza e a força da raça, o aphorismo, « mens sana in corpore sano », — seguindo a traducção dos latinos, dada por Juvenal (1) —.

Os jogos Olympicos, que pretenderam assento de nascimento no tempo de Hercules, indicando assim a antiguidade, pelasgica, da sua creação, converteram-se n'uma instituição nacional dos Gregos, e até serviram para marcar, oito seculos antes da éra christã, uma anterior éra chronologica, chamada das Olympiadas.

Os Iberos não possuiram instituição similar, que echoasse na historia; mas, em todas as suas povoações, se davam reuniões de individuos amestrados nos differentes jogos de exercicio physico, e os chefes das familias, os

(1) Juvenal — Sat. X, 512.

anciãos, formavam o jury, que decretava as honras aos vencedores de taes luctas.

D'este modo desenvolveram aquella força e agilidade, que os fizeram considerar e temer, como batalhadores insubjugaveis.

Por isso fôram os mais valorosos e importantes alliados de Annibal, nas guerras Punicas, e por isso tambem, o seu ramo ethnico mais puro, ao tempo dos Romanos, o Vasconio ou Basco, sustentou energicamente a sua independencia, na guerra das montanhas, contra os legionarios de Roma, a conquistadora invencivel.

Quem examinar de perto a gymnastica dos actuaes jogos bascos, a pelota simples e de chistera, o salto, a corrida, os jogos do disco e da barra, e a corrida de touros, decerto se convencerá da antiguidade de taes jogos, alguns dos quaes tambem fôram usados pela familia Pelasgo-Hellenica (1).

São jogos que manifestam filiação assás preterita, deixando entrevêr a sua vetusta edade, e até a sua pater-

(1) A « *corrida de Touros* » tem a sua origem na immolação do touro offerecido em sacrificio, quer « propiciatorio », quer de « culto ancestral ». O solipede era obrigado a entrar no circulo, formado na clareira do bosque, onde se realisava a ceremonia lithurgica, e ahi, depois das peripecias da lucta para o agarrar e pear, era abatido, e sacrificado. No « *jôgo da pelota* » querem alguns descobrir um « pendant » das danças astronomicas dos Iberos, representando, por uma pantomima mystica, algum phenomeno sideral da revolução das espheras celestes, como faziam nos mysterios hieraticos os sacerdotes nilinos.

Jôgo da Pelota.

nidade iberica, que aliás deixou crear, por imitação, outros jogos recentes, que fazem a delicia dos amadores dos « *sports* ».

Referimo-nos ao « cricket », « foot-ball », « lawn-tennis », « ping-pung » e « gulf », que não são mais que derivados da « pelota » basca.

Mas, comparando estes ultimos com os primeiros, ou defrontando os jogos do « *sport* » britannico com os jogos bascos, que enorme differença a favor d'estes.

Nos « *sports* » inglezes a gymnastica realisa-se, principalmente, nos musculos dos braços, e, nos jogos euskarianos, toda a musculatura se exercita e adestra, havendo necessidade tambem de empregar uma agilidade vivacissima, para ganhar uma partida de « pelota » disputada por excellentes jogadores, como, na maioria são os Bascos.

Isto continua a provar a virilidade da familia Iberica, continua a asseverar, que foi por taes exercicios, que os Vasconios, os Iberos do tempo dos Césares, poderam robustecer-se para fazerem afugentar as aguias dos exercitos romanos.

Os Bascos, que, por tantos tempos, tiveram em cheque a força armada de toda a Hespanha, ainda nas luctas das ultimas decadas do seculo findo, mostraram uma virilidade assombrosa, n'esses prelios deseguaes em que tão honrosa e heroicamente combateram pelas suas liberdades communaes, pelos seus « fueros » ou pelo seu ideal politico.

E que exemplos de força viril, bem mascula e energica, deram as historias epicas de Portugal e Hespanha?

Se a familia Anglo-Saxonia alcançou a actual supremacia do mundo, creando para si uma hegemonia de raça, tão intensa e dilatada, que, na historia, só tem como antecedente a do — Imperio Romano —, deve-o, a par das suas qualidades pessoalissimas de caracter moral, tenaz, paciente e perseverante, ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das forças physicas dos individuos, que formam a « elite » do seu grande agrupamento ethnico e do seu enorme ajuntamento nacional.

Se até nos Collegios e Universidades, onde se cursam os superiores, e altos estudos, os alumnos frequentam tanto ou mais, que as lições da sciencia, os exercicios gymnasticos, os *sports*, como elles lhes chamam.

E por isso não são uns sabios pedantes, que se desdourem de luctar, em qualquer campo da moderna actividade, commercio, industria ou agricultura. Sob a egide de tal robustez fortemente adquirida, são conscios da sua força, e orgulhosos d'ella, porque, em verdade, bem a possuem.

A raça Iberica, tanto na familia Basca, como nas outras familias, que compõem as nações Portugueza e Hespanhola, apesar da promiscuidade ethnica, que depois soffreram, demonstra quão grande foi a virilidade antiga, e quão forte resta ainda hoje, para apesar de tudo, poder dar soldados que se batem, como os primeiros e mais aguerridos granadeiros do mundo.

E melhor seria, se em todas as regiões da Peninsula, se imitassem os viris exercicios dos jogos bascos.

O homem fraco de forças, mas rico d'um atavismo de ancestres corajosos, mostra sempre o seu animo n'um arranco de heroismo.

Mas isso só não basta, porque a « força » tem a sua mechanica, e demanda um coefficiente contínuo no seu funccionamento.

E nota-se, que estes heróes fracos, são tambem, na maior parte das vezes um elemento negativo, na composição das forças vivas d'uma sociedade, quer formando a chamada — opinião publica —, quer debatendo-se com a intrincada solução dos problemas economicos. Porque ou berram, em alta grita, quando não lhes assiste razão, ou ficam na quietação ultra-budhista, com prenuncios de idiotismo, nos momentos mais azados, para a solução das questões importantes, que tanto respeitam, hoje, á vida e ao progresso das nações, que queiram marchar com o movimento da civilisação.

« Mens sana in corpore sano »; e bem preciso seria seguir este lemma, para se desenvolverem os exercicios physicos d'uma raça, que, se não está depauperada de forças, demanda comtudo fortalecel-as para recuperar o nivel da antiga virilidade iberica.

A familia peninsular tem sido por natureza, por atavismo ethnico, robusta, forte, e sobretudo sobria; é incontestavel.

Que o digam, pela Hespanha, os catalães, os andaluzes

e os asturianos, e pelo lado de Portugal, os transmontanos, beirões e alemtejanos, sem menos prezar os restantes.

Mas os Bascos, os lidimos representantes dos Iberos, — não nos cansaremos de repetil-o —, não têm sómente a força, a robustez e a sobriedade, pois são tambem dotados d'uma agilidade, d'uma vivacidade e ligeireza de movimentos, assás notavel, e perfeitamente distincta.

E isto provém, principalmente, do exercicio physico continuado, da gymnastica dos seus jogos predilectos.

Todos conhecem o que é o jôgo da péla, pois o jôgo, chamado no paiz basco, « *pilota* ou *pelota* », é tambem executado com uma péla, que se lança contra um alto muro ou parede, chamado « *fronton* », dividido por tres traços ou listras verticaes.

A péla lançada vigorosamente contra o frontão, pelos d'um « campo », ou grupo, deve ser repellida pelos do outro campo, contra o mesmo frontão, que ordinariamente mede de 8 a 10 metros de alto.

Quando se joga com a mão nua ou enluvada é « *pelota* » propriamente dita, e quando se joga com manoplas de vime diz-se « *chistera* » (1).

Quanta pericia, quanta força agil, quanta energia de movimentos, e quanta gymnastica dos musculos, são ne-

(1) A péla é de couro, ou de « caoutchouc ». A *chistera* substitue geralmente a antiga luva de couro, chamada *escularrua*.

cessarias para que um jogador, destro entre os destros, possa avantajar-se, e ganhar a partida.

Chisteras e Pelotas.

São os musculos dos braços, do thorax, das pernas, do pescoço, os musculos, emfim, de todo o corpo, obrigados a um movimento rapido, mas methodico, vivaz e repetido, ininterruptamente, durante horas e horas, que dura a partida.

Aos domingos reune-se meia povoação no sitio destinado para tal jôgo; e, sob a presença dos anciãos, jogadores d'outrora, que constituem o jury, para resolver os casos duvidosos e disputados, passam-se as horas do dia, em partidas continuadas.

Succedem-se os jogadores, jogando aos pares, quatro, seis, ou mais, por cada partida encetada.

Nos dias em que se disputam grandes partidas entre os jogadores mais notaveis, de differentes povoações, fazem-se apostas, numerosas e importantes, sobre a victoria ou derrota d'este ou d'aquelle « campo ».

Jogadores de pelota.

O *sport* iberico da *pelota* tende a vulgarisar-se na Europa. Assim em Paris (Neuilly), ha um *fronton* assás frequentado.

O jôgo do « disco » constitue tambem uma gymnastica importante.

O disco de ferro, com que se joga no paiz basco tem perto de 2 kilos.

Actualmente começa a generalisar-se este *sport*, nas

Exercicios physicos primévos.

1. Luctadores (figuras pintadas n'um vaso grego).
2. Jogador d'arco (gravura em pedra).
3. Jogador de péla (pintura ceramica).
4. O salto (gravura em pedra).

principaes cidades da Europa. O peso designado pela lei sportiva é de 1.923 grammas; e o discobolo que bateu o *record* do mundo, foi, ha pouco, um tchéque, M. Fotty, que lançou o disco á distancia de $41^{m},97$.

O athleta grego, que, segundo a historia, lançou mais longe o disco, foi Phayllos de Crotona, pois alcançou a distancia de 95 pés, ou 30 metros.

Mas os discos gregos tinham peso, que variava desde 1.923 grammas (disco do Museu de Berlin, encontrado

Discobolo de Myron (jogador de disco).

nas excavações de Egina, no tumulo d'um athleta), até 5.000 grammas (disco maximo, que faz parte da collecção do British Museum).

Dos outros jogos, taes como o da « malha », o do « salto », o da « corrida a pé »,o jôgo da « barra », não fazemos referencia ou descripção especial; porque todos

os conhecem entre nós, mas, infelizmente, poucos n'elles se exercitam.

Gymnastica dos antigos Egypcios.

Junte-se á gymnastica das danças, como já descrevemos, a gymnastica dos jogos, e resultará o importante conjuncto de exercicios physicos, que têm dado aos Bascos a superioridade ethnica, que tanto os eleva, e que tanto enaltece a virilidade da familia Iberica.

XVI

Concluindo

XVI

Concluindo

Suppômos termos adduzido sufficientes elementos de prova, para a demonstração das proposições, que aventamos, e pelas quaes propugnamos sincera e convictamente.

Cremos ter provado, que o « problema basco » se resolve simultaneamente com o « problema iberico », e que um e outro têm as suas premissas na affirmação ethnica concernente ás primeiras imigrações europeias, realisadas pelos Turanianos.

Persuadimo-nos, que demonstrámos, com verdadeiros fundamentos, o turanianismo iberico, e outrosim a importancia das civilisações Turanianas, e portanto da civilisação dos primévos Iberos, tendo, como primacial caracteristica do seu progresso, a descoberta dos metaes e a creação da industria metallurgica.

Julgamos que pozemos em evidencia as analogias fla-

grantissimas da lingua iberica, nos seus dialectos, basco, etrusco e picto, bem como as similhanças d'aquella e d'estes com os outros idiomas das familias Turanianas, da Europa, da Asia e do Novo Mundo.

Parece-nos, que ficou claramente affirmada a filiação legitima, e assás directa, dos Bascos, como descendentes dos Iberos, auxiliando-nos, para tal asserção, o estudo comparativo das tradições, crenças, usos e costumes dos Euskarianos e dos seus ancestraes Turano-Ibericos.

Assim fixámos, tanto quanto possivel, — attento o estado actual da sciencia —, o meio social, o *habitát,* e o grau de civilisação dos *primeiros* habitantes da Peninsula Iberica.

E, d'este modo, delineámos as primordiaes assisas da « Paleontologia Social da Iberia », pois bem se póde assim appellidar o conjuncto de estudos archeologicos, linguisticos, e ethnicos, sobre as sociedades prehistoricas e protohistoricas da Peninsula.

Porém no cadinho ethnico onde se amalgamaram os agrupamentos, que hoje formam as duas nações peninsulares, outros elementos se depositaram, outras raças vieram, com as suas caracteristicas, cruzar o atavismo iberico inicial.

Da sua influencia, da sua ethnologia, da sua civilisação e quiçá da sua historia, iremos tratando n'outros volumes successivos, como continuação d'estes estudos.

Nota A

Nota A

Sobre a « edade dos metaes » (cobre, bronze e ferro) diz Deniker :

« Le premier métal qui remplaça la pierre fut proba-
« blement le cuivre. En effet, les armes préhistoriques
« en cuivre sont martelées ou fendues, sur le modèle des
« haches et des poignards en pierre, *et dans certaines*
« *stations,* en Espagne, on a trouvé des ornements en
« bronze (métal précieux rare) à côté des outils et armes
« en cuivre (métal usuel). L'existence d'un âge de « cui-
« vre » est admise aujourd'hui presque par tous les sa-
« vants et interprétée comme période d'essais; *elle four-*
« *nit un des arguments en faveur de la théorie d'après*
« *laquelle l'industrie du bronze ne viendrait pas de*
« *l'Orient* (des bords du Pont-Euxin, de l'Égypte, de la
« Mésopotamie, de l'Inde ou de l'Indo-Chine, suivant les
« auteurs), *comme on a pensé jusqu'à ces derniers temps,*
« *mais aurait pris naissance,* sur place en Europe même.
« L'absence complète des objets orientaux, par exemple,
« des cylindres assyriens ou des scarabées égyptiens,
« dans les trouvailles de l'âge du bronze en Europe, milite

« aussi en faveur de la nouvelle théorie, que soutiennent « surtout Salomon Reinach, en France, et Much, en « Autriche ».

Com estas affirmações dos mais eruditos investigadores prehistoricos póde-se afoitamente induzir, que os Turanianos, reputados sempre, segundo a tradição, os homens dos metaes, ao estabelecerem-se na Peninsula desenvolveram a civilisação (que nós chamamos apropriadamente Iberica) produzindo a industria metallurgica, e assombrando os povos d'esses tempos com os brilhos fulvos do metal precioso, raro, o bronze, com o qual ornamentavam armas e utensilios.

Os jazigos mineiros da Iberia incitavam á descoberta e ao desenvolvimento da industria dos metaes, originaria da *Europa,* das regiões ibericas, que não do Oriente.

Nota B

Nota B

No dialogo « *Critias* ou A *Atlantida* » diz ainda Platão: (1)

(Critias dialogando com Timeu) :

« Estes filhos de Neptuno e seus descendentes habita-
« ram este paiz (a Atlantida), durante longas gerações;
« elles submetteram um grande numero de ilhas, exis-
« tentes no mar Atlantico, e estenderam os seus domi-
« nios de além-mar, como já dissemos, até ao Egypto e á
« Tyrrhenia.

« A posteridade d'Atlas ficou sempre na posse das
« maiores honras; o mais velho era rei, e transmittia a
« sua autoridade ao primogenito dos seus filhos, e assim

---

(1) Œuvres compl. de Platon, trad. Dacier et Grou — vol. VI, pag^s. 327 a 336.

« conservaram a realeza na familia, durante muitos
« annos.

« A immensidade das riquezas que elles possuiam, era
« tal que nenhuma casa real jámais possuiu ou poderá
« possuir.

« Tudo, o que a cidade e os outros paizes podiam for-
« necer, era á sua disposição.

« Graças ao seu poderio, importavam facilmente mui-
« tas mercadorias, mas a ilha produzia quasi tudo o
« que era necessario á vida, e especialmente os metaes,
« brutos ou fundidos, e entre aquelles um que actual-
« mente só existe na nomenclatura, mas que então
« existiu e se extrahiu de mil logares da ilha, *o ori-*
« *chalco*, o qual era considerado o mais precioso entre
« os metaes, depois do oiro.

« Todos os materiaes, necessarios para as artes, eram
« fornecidos abundantemente pela ilha; e esta creava
« um grande numero de animaes ferozes e domesticos,
« havendo grande quantidade de elephantes. . . . .

« Produzia todos os perfumes, hoje existentes, bem
« como toda a especie de raizes, hervas, plantas e succos
« distillados, já das flôres, já dos fructos. . . . . .

« A ilha Atlantida que tinha outrora o seu logar, sob
« o sol, dava todas estas maravilhas, encerrava taes
« thesouros em quantidades enormes.

« Usando de todas as riquezas do seu sólo, os habi-

« tantes construiram templos, palacios, portos, bacias
« para abrigo dos navios, e embellezaram a ilha. . . .
. . . . . .

« As edificações eram ou de singela construcção, ou,
« para prazer da vista, apresentavam todo o agrado artis-
« tico possivel, sendo feitas de diversas variedades de
« pedra.

« Cobriram de cobre, á maneira de envolucro, a
« muralha da circumvalação exterior, em toda a sua
« longa extensão; revestiram de estanho a segunda cir-
« cumvalação, e no centro, a Acropole, era forrada
« externamente de orichalco, com os seus reflexos ful-
« vos . . . . . .
. . . . . .

« O templo, propriamente dito, tinha um stadio de
« comprimento, tres arpennos de largura, e uma altura
« proporcionada, tendo no seu aspecto alguma coisa de
« barbaro.

« O seu exterior era guarnecido de prata, e as extre-
« midades de oiro.

« A abóbada interior era de marfim, com ornatos de
« oiro, prata e orichalco.

« Paredes, columnas, e até o sólo tinham uma cober-
« tura de marfim.

« Estatuas de oiro..... diziam então, que eram mais
« de cem.
. . . . . .

« As bacias para abrigo dos navios eram cheias de
« trirémes . . . . . , ...

« O sólo era muito elevado e as margens da ilha cor-
« tadas a pique.

« Montanhas lhe formavam uma cintura, e ellas eram
« inegualaveis, quer pelo numero, quer pela grandeza e
« belleza, encerrando ricas e populosas aldeias, rios,
« lagos, prados e numerosas e vastas florestas. . . .

« A planicie contida pelas montanhas tinha a fórma
« d'um rectangulo, assás alongado. . . . . .

« O numero de soldados fornecidos pelos habitantes
« da planicie, em estado de usarem das armas, era
« fixado da seguinte maneira : cada divisão territorial
« elegia o seu chefe, e cada divisão tinha a extensão
« de cem stadios, havendo sessenta mil d'estas divisões.

« Os habitantes das montanhas eram em numero im-
« menso, e tinham as mesmas divisões com os seus
« chefes. »

Nota C

Nota C

Um dos mais altos graus, que a civilisação turaniana attingiu, foi, sem dúvida, na região do Nilo.

A civilisação egypcia foi em tudo grandiosa. As manifestações da sua potentissima individualidade ainda hoje nos assombram.

Que magestade de estructura, ligada a uma solidez, que tem resistido a milhares de seculos, encerram esses monumentos funerarios, que pela sua fórma architectonica fôram appellidados com o nome generico de « Pyramides ».

Desde a passagem da Sacra Familia até á de Moysés, desde a rhetorica marcial de Napoleão até ás atroadas triumphaes de Rhamsés, o Grande, desde os gritos bellicos dos guerreiros de Mehemet-Ali até aos hosannas conquistadores dos Cruzados, desde Antonio, o triumviro, até Alexandre, o Magno, desde Mariette, o egyptologo, até Selim, o Feroz, quantos acontecimentos importantes

e quantas gerações perpassaram junto das suas bases gigantescas!

Esses amontoados geometricos, feitos de pedras enormes, fôram destinados, segundo uns, ás ceremonias lithurgicas do culto ancestral, e depois applicados ao panthéon regio de Chéops, Chephsen e Mykerinus, e segundo outros, fôram estes monarchas, que os mandaram construir, e que os destinaram para sarcophago seu e da sua familia.

Cabeças de Mumias.

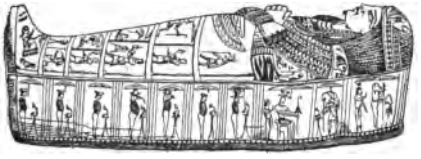
Lá repousaram por muitos seculos, mas, hoje, as suas mumias fazem parte integrante dos grandes museus da Europa.

Os Pharaós catalogados e etiquetados, nas vitrinas das collecções europeias, dão a lição simultanea, sobre a vida do seu povo, n'uma das suas modalidades, e sobre a instabilidade das coisas humanas.

A grande Pyramide foi orientada com tanta precisão,

que causa espanto e assombro aos sabios modernos, que conhecem, quão difficil é ainda hoje realisar exactamente uma boa orientação, designando exactamente os quatro pontos cardeaes.

Serviu, ha poucos annos, para se constatar, que a posição da Terra não tem variado, de modo assás sensivel, desde o acabamento d'este colosso de pedra, « de l'antique desert, antique sentinelle », como dizia o poeta.



Ataúde de Mumia.

A Léste da segunda Pyramide está situada a gigantesca estatua do Sphinx ou Esphinge, feita de granito. Representa, com o seu corpo de leão e cabeça humana, o symbolo da realeza.

As estatuas do Sphinx eram ordinariamente collocadas ás portas dos templos, mas ás vezes formavam alas inteiras, nas longas avenidas, que davam ingresso aos palacios dos reis.

Por isso se diz, que as cabeças de taes estatuas insculpiam as feições dos reis, que as tinham mandado esculpturar. E assim se suppõe, que o grande Sphinx, o guarda mudo e petrificado da segunda Pyramide, fôra destinado por Chephren (Chefia), em cujo reinado esta se construiu, a perpetuar a sua regia effigie.

Mais tarde o colosso foi adorado como imagem de Horus, o deus sol, modelo de todos os reis.

Osiris.

Horus.

Horus era o sol, na infancia, nascente, succedendo a Osiris, o sol poente,moribundo pela velhice.

O notavel Thoumtés IV fez edificar um templo *entre as garras leoninas do Sphinx.*

Este templo foi soterrado pelas areias, e, em 1868, foi desaterrado pelo grande Mariette, egyptologo francez a quem a sciencia archeologica tanto deve. Em 1886 foi completamente limpo, e defendido, com um muro, de novas invasões siliciosas, pela iniciativa e á custa d'uma sociedade franceza.

Hoje já não se póde distinguir a apregoada belleza, na expressão do rosto humano, do Sphinx.

Interior de templo Egypcio, segundo Champolion-Figeac (Medinet-Abou).

Apenas estão intactos os hieroglyphos, que lhe ornam o peito, os quaes datam de Thoumtés IV e de Rhamsés, o Grande.

Trinta e dois degraus levam aos umbraes do templo, que está edificado entre as patas leoninas. Por ahi entravam os sacerdotes, que iam sollicitar o oraculo de Horus.

Por uma porta, aberta n'um dos seus membros anteriores, entrava-se nas galerias subterraneas, que levavam ao templo — sarcophago do interior da Pyramide.

Quando Plinio mediu o Sphinx, ainda a estatua estava a vinte metros (reduzindo á nossa medição metrica), de elevação do sólo.

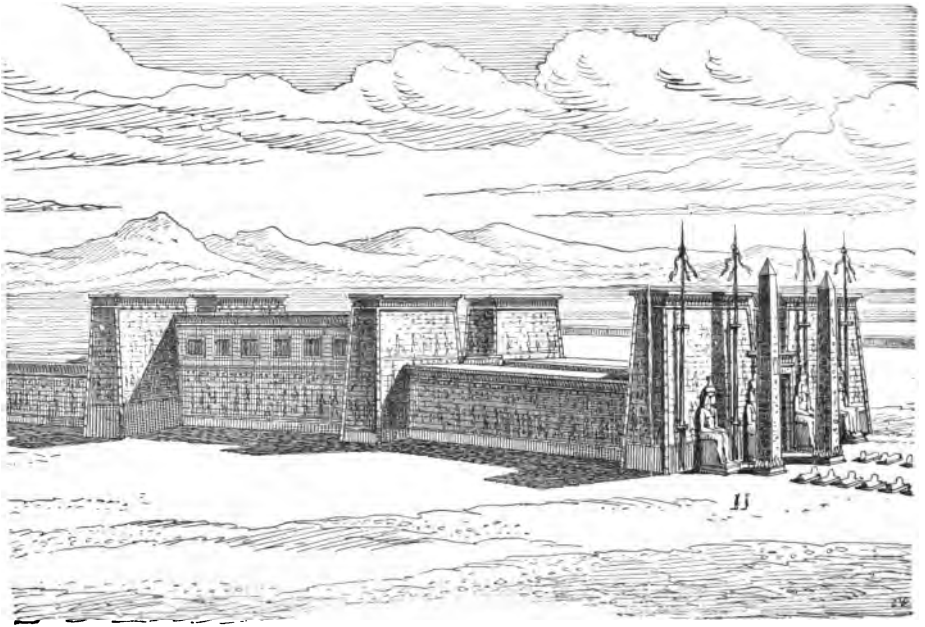
Tem quarenta e sete metros de comprimento, e a cabeça mede sete metros de altura!

A estatua da « Liberdade illuminando o Mundo » que demóra á entrada do moderno porto de New-York, não causa admiração perante a grandeza d'este colossal representante da antiga estatuaria.

As estatuas do Sphinx, além de symbolisarem a realeza, eram consideradas como as protectoras mysticas dos templos e das moradias dos mortos.

Memphis, a grande capital, cuja população era superior a 700.000 habitantes, a metropole dos magnificentes palacios e dos titanicos monumentos, tinha uma das suas duas divisões dedicada á metropole dos mortos.

Na margem esquerda da cidade, existia a Memnonia



Palacio e Obeliscos de Luxor.

(em homenagem ao lendario Memnon, morto na guerra de Troia), ou a Necropole.

N'esse bairro existiam, ao lado dos mausoleus e monumentos funebres, as habitações de todos os que se occupavam de mistéres, que diziam respeito a funcções funebres, taes como os *taricheutas,* embalsamadores dos cadaveres, fazedores das mumias.

Grandiosos, graves e mysteriosos monumentos povoavam magestosamente, em longas avenidas, o bairro memnonico da cidade do velho Egypto.

Que de riquezas encerravam os palacios edificados sumptuosamente por Menés, Mœris, Sesostris, Rhampsinite, Asychis e Psamético!

O grande Amasis embellezára a sua deslumbrante habitação regia, erigindo proximo da entrada principal uma estatua, que tinha setenta e cinco pés de alto, ladeada por dois ingentes colossos de pedra da Ethiopia.

A civilisação europeia até pediu emprestado um dos obeliscos de Luxor, para ornamentar a principal praça de Paris, a Memphis moderna.

Nota D

		Singular			
		MODO INDEFINIDO OU INDETERMINADO			
		CONSOANTE RADICAL FINAL		VOGAL RADICAL FINAL	
		genero inanimado	genero animado	genero inanimado	genero animado
Flexões simples	Nominativo (sujeito passivo).	*Hun* (bom).	*Hun.*	*Handi* (grande).	*Handi.*
	Activo (sujeito activo).	*Hunek.*	*Hunek.*	*Handik.*	*Handik.*
	Mediativo *ou* translativo (de, por.).	*Hunez.*	*Hunez.*	*Handiz.*	*Handiz.*
	Genitivo.	*Hunen.*	*Hunen.*	*Handiren.*	*Handiren, Nere,* de mim, *Zure,* de vós.
	Dativo *ou* illativo.	*Huni.*	*Huni.*	*Handiri.*	*Handiri.*
	Infinitivo, indefinido *ou* interrogativo.	*Hunik.*	*Hunik, Yan-ik,* tendo comido, *Gizonik,* é o homem ?	*Handirik, Tai-ik-gobé,* sem cessar.	
	Positivo, inessivo *ou* locativo (em, com pausa).	*Hunetan.*	*Hunetan.*	*Handitan.*	*Handitan, Ni-baithan.*
	Modal *ou* instrumental (por, por intervençao de).	*Lurka,* deitado.		*Mazo-ka,* ás pancadas.	
	Comitativo *ou* sociativo.				
	1° com movimento.	*Hunekin.*	*Hunekin.*	*Handirekin.*	*Handirekin.*
	2° com pausa.	*Huneki.*	*Huneki.*	*Handireki.*	*Handireki.*
	Caritivo *ou* negativo (sem).	*Hun-bage, Hun-gabe, Ezker-ge,* ingrato.	*Hun-bage* ou *gabe.*	*Handi-bage* ou *gabe.*	*Handi-bage* ou *gabe.*

D
SEGUNDO CHARENCEY)

MODO DEFINIDO OU DETERMINADO			Plural	
genero inanimado	genero animado		MODO INDEFINIDO sem plural	MODO DEFINIDO genero inanimado	genero animado
Handia (grande)	*Handia, Jauna,* o amo.	Nominativo:		*Handiak.*	*Handiak, Jaunak,* mestras, amos.
Handiak.	*Handiak.*	Activo.		*Handiek, Handiêk, Handieek*	*Handiek, Handiêk, Handieek.*
Handiaz.	*Handiaz.*				
Handiaren.	*Handiaren.*	Mediativo.		*Handiez.*	*Handiez.*
Handiari.	*Handiari.*	Genitivo.		*Handien.*	*Handien.*
		Dativo.		*Handieri, Handiei, Handier.*	*Handieri, Handiei, Handier.*
Handiaan, Handiân, Nausian, in domino.	*Handiân, Gizoneun,* in homine.	Locativo.		*Handien, Zaku ebakietan,* nos saccos furados. *Handien, Handietan.*	*Handien, Nausietan, Handieetan.*
		Prolativo.		*Handietako.*	*Handien-tzat.*
Handiarekin.	*Handiarekin.*				
Handiareki.	*Handiareki.*	Allativo.		*Handietarat, Handietara.*	*Handien-ganat, Handien-gana.*
Handia-bage ou *gabe.*	*Handia-bage* ou *gabe.*	Elativo.		*Handietarik. Mezu igorriak gatik,* apesar dos avisos enviados.	*Handien-ganik, Nausietarik, Emaztetarik,* ex feminis.

		Singular			
		MODO INDEFINIDO OU INDETERMINADO			
		CONSOANTE RADICAL FINAL		VOGAL RADICAL FINAL	
		genero inanimado	genero animado	genero inanimado	genero animado
Flexões variaveis	Destinativo *ou* prolativo (por, afim de).		*Hunen-tzat.*	*Hantitako.*	*Handirentzat.*
	Approximativo *ou* allativo (por, para).				
	1° com movimento.		*Hunen-ganat.*	*Handitarat.*	*Hanairen-ganat*
	2° com pausa.		*Hunen-gana, nigana.*	*Handitara.*	*Handiren-gana.*
	Contributivo (até a).				
	1° com movimento.				
	2° com pausa.				
	Ablativo *ou* elativo (de, por).	*Vondik*, ex quo.	*Hunen-ganik.*	*Handitarik.*	*Handiren-ganik* *Mariatarik*, ex Maria. *Gu-ganik*, ex nobis.
	Causativo *e* despectivo (para, apesar de).		*Hunen-gatik.*		*Zuren-gatik*, *Zugatik*, contra vossa vontade (para vós)
Flexões compostas	Mediativo-allativo.	*Zilharezko*, argenteus.			
	Genitivo-prolativo (para).			*Handirentako.*	
	Allativo-intensivo (até, até a).			*Handitaradiño.* *Handitaratiño.*	
	Contributivo-intensivo.				
	Allativo-prolativo-inessivo.				

MODO DEFINIDO OU DETERMINADO			Plural		
genero inanimado	genero animado		MODO INDEFINIDO sem plural	MODO DEFINIDO genero inanimado	MODO DEFINIDO genero animado
Handiko, Nafarroako, da Navarra para a Navarra.	*Handiarentzat.*				
		Causativo.			*Handien-gatik, Zuk igorrien gatik,* por causa dos que vós tendes enviado
Handirat.	*Handiaren - ganat, Nausiaganat.*				
Handira.	*Handiaren - gana.*	Despectivo.		*Mezu igorriak gatik,* apesar dos avisos enviados.	
Handialat.					
Handiala.	*Handiaren - ganik, Niganik* ex me, *Gizona-gandik* ex homine.	Sociativo.		*Handiekin, Handieki.*	*Handiekin, Handieki.*
Handitik.	*Handiaren - gatik.*				
		Allativo-intensivo.		*Handietaradino, Handietarano.*	
	Mariarentako.				
Ene yitalano, até á minha chegada.					
Expanaratekoan, indo a Hespanha e regressando.					

Nota E

Nota E

O syllabario Picto era até ha pouco uma incognita. As inscripções funerarias eram indecifraveis, como o confessavam Cumming, na sua Memoria sobre as inscripções Pictas, e o Dr. Wilson, nos Annaes Prehistoricos.

Coube porém a Campbell a gloria de desvendar o segredo, e resolver a incognita, provando a irmanação das linguas Basca, Picta e Etrusca, que são portanto classificadas dialectos ibericos.

A decifração começou pelas inscripções tumulares da Ilha de Man. Vamos reproduzir um epitaphio manxo — (nº 16, do livro de Campbell) (1), e dar a comparação linguistica do basco com o picto.

---

(1) Campbell — Monum. eviden. of an Iber. pop. of. the British Islands. — já citado —.

Picto — Translitteração.

Ba ma u sa ka... ba ra ka ra u ku sa ba·
sa ne u ma· ra ne ra ku· u tu u ka ma sa·
ka u ba go sa· u ma ne sa tu· ma ra ka ku·

Basco.

Obi mai soka... borrokara Ukusaba· zu ne o ema· ranoroko· aita Ukamasa gai bagasa· o ema ne azte maragogo.

Traducção litteral.

Sepultura tabula vista por... guerreiro Ukusaba. Vós por attenção dando· para para· pae Ukusama venerado defuncto· attenção dando para mostrar memoria.

Traducção livre.

Pela vista d'esta tabula (lapide) mortuaria..... o guerreiro Ukusaba apresenta, a vós que contemplaes, seu fallecido e venerado pae Ukusama, mostrando (elevando) uma memoria para quem sabe comprehender.

Nota F

Nota F

Damos um exemplar das canções, que acompanham a dança « Salto Basco ».

A lettra tambem prova a nossa anterior asserção, de que era tradicional o desprezo pela mulher que dançava.

O original basco é acompanhado pela traducção franceza de Saint-Hilaire.

« DANTZA YANCIAC »

André on gutti ghertatzenda,
Goiz etzaten direnetan
Ohetic ezin yaikerazis
Zortzi bederatziac artean,
Halakoaren senhar izanen denac
Pondua frango galzetan,
    Eta don faridon,

André on gutti dantzari on,
Dantzari ona irude gaichto.
Irule gaichto,
Edale on.
    Eta don faridon.
Halzho andreac
Gatzoteaz die on.

« LES SAUTS BASQUES »

Il se trouve peu de filles bonnes,
Parmi celles, qui se couchent tôt,
Et qu'on ne peut tirer du lit
Avant huit ou neuf heures,
Le mari d'une semblable
Aura nombre de trous à ses culottes,
    Et don faridon,
Peu de femmes bonnes sont bonnes danseuses,
Bonne danseuse, mauvaise fileuse;
Mauvaise fileuse, bonne buveuse,
    Et don faridon,
Des femmes semblables
Sont bonnes à traiter à coups de bâton.

Nota G

Nota G

Como amostra dos cantos guerreiros bascos, onde se enaltecem as suas proezas e o seu amor pela liberdade, damos o original e a traducção franceza do « Canto de Altabiscar », no qual se celebra a derrota do exercito de Carlos Magno, em Roncevaux, e a morte d'um dos seus principaes caudilhos, o lendario Rolando.

ALTABISCARRACO CANTUA

Basa Nafartarra

Oyhu bat aditua izan da
Escualdunen mendien artetic,
Eta Etcheko jaunac, bere athearen aiutcinean chutic,
Ideki tu beharriac, eta erran du : « Nor da hor ? Cer nahic dautet ? »
Eta chaeurra, bere, nausiaren oinetan lo zaguena,
Alchatu da, eta karrasiz Altabiscarren inguruac bethe ditu

Ibanetarem lepoan harabotz bat aghertien da,
Urbiltcenda, arrokac esker eta escun jotcen dituelaric;
Hori da urruntic heldu den armadabaten burruma
Mendien capetetaric guriec erepuesta eman diote,
Berec tuten seinua adiarozi dute,
Eta Etcheco jaunac bere dordac zorrozten tu.

Heldu dira ! heldu dira ! cer lanzazco sasia !
Nola cer nahi colorezco banderac heieu erdian aghertcen diren !
Cer simitac atheratcen diren hein armetaric !
Cembat dira ? Hourra, condatzac onghi.
Bat, biga, hirur, laur, bortz, sei, zazpi, zortzi, bederatzi,
hamar, hameca, hamabi,
Hamahirur, hamalour, homabortz, hamasein, hamazazpi,
hemezortzi, hemeretzi, hogoi.

Hogoi etu millaca oraino,
Hein condatcea demboraren galtcea liteke,
Urbilt ditzagun gure beso zailac, errotic athera ditzagun
arroca horiec,
Botha ditzagun mendiaren patarra behera
Hein buruen gaineraino;
Leher ditzagun, herioaz jo ditzagun.

Cer nahi zuten gure mendietaric Norteco ghizon horiec ?
Certaco jin dira gure bakearen nahastera ?
Jaungo' coac mendiac in dituenean nahi izan du hec
ghizonec ez pasatcea.
Bainan arrokac biribilcolica erortcen dira, tropac lehertcen dituzte.
Odola churrutan bodoa, haraghi puseac dardaran daude.
Oh ! cembat hezurr carrascatuac ! Cer odolèzco itsasoa !

Escapa! escapa! indar eta zaldi dituzuenac,
Escapa hadi, Carlomano erreghe, hire luma beltzekin eta hire capa gorriarekin;
Hire iloba maitea, Errolan zangarra, hantchet hila dago!
Bere zangarrtassua beretaco ez du izan.
Eta orai, Escualdunac, utz ditzagun arroca horiec,
Jauts ghiten fite, igor ditzagun gure dardac escapatcen direnen contra.

Badoadi! badoadi! non da bada lantzezco sasi hura?
Non dira heien erdian agherri ciren cer nahic colorezco bandera hec?
Ez da ghehiago simiztaric atheratcen heien arma odolez bethetaric
Cembat dira? Hourra, condatzac onghi.
Hogoi, hemeretzi, hemezortzi, hamazazpi, hamasei, hamabortz, hamalour, hamahirur,
Hamabi, hameca, hamar, bederatzi, zortzi, zazpi, sei, bortz, laur, hirur, biga, bat.

Bat! ezda bihiric aghertcen gehiago,
Akhabo da. Etcheko jauna, joaiten ahalzira zure chacurrarekin,
Zure emaztearen eta zure haurren besarkatcera,
Zure darden garbitcera eta alchatcera zure tutekin, eta ghero heien gainean etzatera eta io itera
Gabaz, arranoac joanen dira haaghi pusca lehertu horica jatera,
Eta hezurr horiec oro churituco dira eternitatean.

Traduction :

LE CHANT D'ALTABISCAR

Dialecte de la Basse Navarre

Un cri s'est élevé
Du milieu des montagnes des Basques,
Et l'*Etcheco jauna,* debout devant sa porte,
A ouvert l'oreille, et il a dit : « Qui est là ? que me veut-on ? »
Et le chien, qui dormait aux pieds de son maître,
S'est levé, et il a rempli les environs d'Altabiscar de ses aboiements.

Au col d'Ibañeta un bruit retentit;
Il approche en frappant à droite, à gauche les rochers.
C'est le murmure sourd d'une armée qui vient.
Les nôtres y ont répondu du sommet des montagnes,
Ils ont fait entendre le signal de leurs cors,
Et l'*Etcheco jauna* aiguise ses flèches.

Ils viennent ! ils viennent ! Quelle haie de lances !
Comme les bannières de toutes couleurs flottent au milieu d'eux !
Quels éclairs jaillissent au milieu de leurs armes !
Combien sont-ils ? Enfant, compte-les bien.
Un, deux, trois, quatre, cinq, six, sept, huit, neuf, dix, onze, douze,
Treize, quatorze, quinze, seize, dix-sept, dix-huit, dix-neuf, vingt,

. . . . . .

Vingt, et par milliers d'autres encore,
On perdrait son temps à les compter.
Unissons nos bras nerveux et souples, déracinons ces rochers,
Lançons-les du haut de la montagne en bas
Jusque sur leurs têtes,
Ecrasons-les, frappons-les de mort.

. . . . . .

Que voulaient-ils de nos montagnes, ces hommes du Nord ?
Pourquoi sont-ils venus troubler notre paix ?
Quand Dieu fit ces montagnes, il voulut que les hommes ne les franchissent pas.
Mais les rochers en tournoyant tombent, ils écrasent les troupes.
Le sang ruisselle, les débris de chair palpitent.
Oh ! combien d'os broyés ! quelle mer de sang !

Fuyez ! fuyez ! vous à qui il reste de la force et un cheval.
Fuis, roi Carloman, avec tes plumes noires et ta cape rouge ;

Ton neveu bien aimé, Roland le robuste, est étendu mort là bas.
Son courage ne lui a servi à rien pour lui.
Et maintenant, Basques, laissons ces rochers,
Descendons vite en lançant nos flèches à ceux qui fuient.

Ils fuient! ils fuient! où est donc la haie des lances!
Où sont ces bannières de toutes couleurs flottant au milieu d'eux?
Les éclairs ne jaillissent plus de leurs armes souillées de sang.
Combien sont-ils? Enfant, compte-les bien.
Vingt, dix-neuf, dix-huit, dix-sept, seize, quinze, quatorze, treize,
Douze, onze, dix, neuf, huit, sept, six, cinq, quatre, trois, deux, un.

Un! il n'en paraît pas un de plus.
C'est fini. *Etcheco Jauna*, vous pouvez rentrer avec votre chien,
Embrasser votre femme et vos enfants,
Nettoyer vos flèches, les serrer avec votre cor, et ensuite vous coucher et dormir dessus.
La nuit, les aigles viendront manger ces chairs écrasées.
Et tous ces os blanchiront dans l'éternité.

Nota H

Nota H

São tantas, e tão variadas, as canções amorosas bascas, que bem difficil é escolher algumas que representem um typo que as concrete, e que dê a sua tonalidade, a sua sentimentalidade, n'essas polychromaticas faces de que se reveste a poesia popular.

As nossas traducções são feitas pelas apresentadas por J. Vinson, Sallaberry, Chaho, e outros, que não as versificaram.

« A AVE NA GAIOLA »

Choriñoak kayolan
Tristerik du kantatzen;
Duelarikan zer yan, zer edan,
Kampoa du desiratzen :
Zeren... zeren... zeren
Libertatea zoin eder den!

« Na gaiola, a ave — canta tristemente; — apesar de « ter de comer e de beber, — suspira por se vêr fóra : — « porque... porque... porque... — nada é mais bello, que « a liberdade!

« Ave do ar livre, — lança um olhar para a gaiola; — « — se te fôr possivel, — livra-te d'ella; — porque... « porque... porque... — nada é mais bello, que a liber- « dade. »

« BRANCA POMBA »

Urtzo churria, errazu,
Nora yoaiten zera zu?
Espainiako borthuak oro
Elhurrez betheak ditutzu :
Gauriko zure ostatu
Gure etchean baduzu!

« Dize, branca pomba, — onde vaes tu? — Todos os « portos (1) da Hespanha — tu encontrarás cobertos de

(1) Passagens nas montanhas, que dão communicação entre a França e a Hespanha.

« neve; — tua pousada, por esta noite, — tu acharás na
« nossa casa.

« Não tenho medo da neve, — nem da negrura da
« noite; — por ti, minha bem amada, — eu passarei as
« noites e os dias, — as noites e os dias — e as florestas
« solitarias.

« SEPARAÇÃO »

« A lua brilha, de noite, — e o sol deslumbra, de dia;
« — a minha muito amada os iguala, — tantos são os
« seus encantos.

« Tu dormes, encantadora? — dormes, plena de
« doçura, — pois, se dormes, desperta: — não foi já
« grande o teu somno?

« A noite passada, em sonhos, — ouvi uma meiga voz,
« — toda cheia de doçura, — voz que não tem rival.

« O amor é uma loucura, — que póde perder a crea-
« tura; — faz as noites sem repouso, — e os dias sem
« socêgo.

« Mas separar-me de ti, — parece-me a morte vêr, —
« dá-me um beijo, querida, — talvez o ultimo possa ser.

Em todas estas canções de amor, o que mais graça lhes dá, é o rythmo musical, ou grave e melancholico, ou titilante de alegria e jovialidade, mas sempre gentil e affectivo, na sua popular singeleza.

Terminaremos os nossos excerptos apresentando tres formosas joias da poesia basca-souletina.

É de notar que a região souletina é de todas as euskarianas a mais intellectual e tradicionalista. Como já dissemos, é n'ella que se guardam fervorosamente os costumes mais puros dos bascos antigos, as suas « pastoraes », as suas classicas mascaradas, etc.

No Soule as canções, os cantos, a poesia emfim, revestem uma fórma graciosa, cheia de frescura, saltitante de gentileza, variada e florida como os seus formosos valles.

No Labourd as producções poeticas são mais viris, mais magestosas, mas tambem mais monotonas e tristonhas.

ATHARRATCECO EZCONGAIA

Suberotarra

Atharrats jaureguian bi citroin doratu,
Ongriogaray horrec bat du galdatu.
Errepostu izan du ez direla onthu,
Ontcen direnian batno izanen du.

— Aita, saldu nauçu miga bat bezala,
Bai eta desterratu, oi! Españara.
Ama bici izan banu, aita, zu bezala,
Ez nintzan ezconduren atharrats salara.

Ahispa, jantz ezazu erroba pherdia,
Nic ere jantziren dut satina churia,
Ingoitic hor heldu da zure jaun gheia,
Botzez guita zazu zure sor etchia.

Aita, juanen guira oro elcarrequin;
Etcherat jinan cira changrin handirequin,
Bihotza cargatua, beguiac bustiric,
Eta zure alhaba tomban ehoitciric.

Ahizpa, zohaci orai Salaco leihora,
Ipharra alla hegua den emazu guardia,
Ipharra balin bada, goraintci Salari
Ene gorphutzaren cherca jin dadila sarri.

— Atharratceco ezquilec bere motuz joten :
Andere Santa-Clara bihar da phartitcen,
Haren peco zaldia urhez da zelatcen;
Hango chipi handiac beltchez dira beztitcen.

Traduction :

LA FIANCÉE DE TARDETS

Dialecte Souletin

Dans le manoir de Tardets deux citrons ont jauni,
Ongriagaray en a demandé un.
Réponse lui est faite qu'ils ne sont pas encore mûrs,
Mais que sitôt mûr l'un sera à lui.

— Mon père vous m'avez vendue comme une génisse,
Oui, et exilée, hélas! en Espagne,
Si j'avais ma mère en vie, mon père, comme vous,
Je serais mariée à Salles de Tardets.

Sœur revêtez la robe verte (de l'espérance),
Moi aussi je revêtirai la robe de satin blanc,
Déjà voilà qu'arrive aussi votre futur époux,
Vous quittez joyeuse votre maison natale.

Père, nous partirons tous ensemble;
Mais à la maison vous rentrerez avec de grand chagrins,
Le cœur chargé, les yeux noyés de larmes,
Et après avoir descendu votre fille dans la tombe.

Sœur, maintenant allez vers la fenêtre de Salles,
Observez quel vent souffle du Nord ou du Sud,
Si c'est le vent du Nord, mes compliments à Salles
Et que tantôt il vienne chercher mon corps inanimé.

— Les cloches de Tardets tintent d'elles-mêmes,
Mademoiselle de Sainte-Claire doit partir demain,
Le cheval qu'elle monte est sellé d'or;
Mais grands et petits de là-bas s'habillent de noir.

ERRESIÑOULA

Tchori erresiñoula
Udan da cantari;
Ceren ordian beitu
Campouan janhari;
Neguian ezt'agheri
Balinban ezta cri;
Udan jin baledi,
Counsola nainte nic.

Tchori erresiñoula
Ororen guehien
Bestec beno hobequi
Hari beitu cantatcen;
Harec du inganatcen,
Mundia bai troumpatcen.
Bereztut ikhousten,
Bai botza entzuten.

Botz aren entzun nahiz,
Erraturic nago,
Ni ari uillant, eta
Oura urrunago.

Jarraiqui ninkirio
Bicia gal artino ;
Aspaldi andian,
Desir hori nian.

Tchoria zonien eiger
Cantuz oihenian !
Nihaurec entzun dizut
Igaran gaian.
Eia gouacen, maitia,
Bibiac ikhoustera,
Enzuten baduzu,
Charmaturen zutu.

Amac utzi nindizun
Bedatz azkenian ;
Gherosti nabilazu
Hegalez airian.
Gaiak aurthiki nindizun
Sasiñobabetara ;
Han zuzun tchedera
Oi ene malhurra !

Bortiac churi dira
Elhur dienian ;
Sasiac ere ulhun
Osto dienian.
Ala ni malerusa !
Ceren han sarthu nintzan !
Jouan banintz aintcina,
Escapatcen nintzan.

Tchoria, zaud'ichilic,
Ez eguin nigarric,
Cer profectu dukezu
Hol'afligituric?
Nic eramanen zutut,
Tchedera lachaturic
Ohico bortutic
Ororen gagnetic.

Traduction :

LE ROSSIGNOL

Dialecte Souletin

L'oiseau rossignol est chanteur pendant la belle saison, parce qu'il trouve alors pâture dans les champs. L'hiver il ne paraît point; Dieu veuille qu'il ne soit pas malade! s'il revenait à l'été, je serais consolée, moi!

Le rossignol est le premier entre tous les oiseaux, parce qu'il chante mieux que les autres. C'est lui qui séduit et enchante le monde. Je ne le vois point lui-même; mais j'entends sa douce voix.

Pour vouloir entendre cette voix, je suis errant. Plus je crois m'en approcher, plus elle s'éloigne. Je la suivrais ainsi jusqu'à perdre la vie. Depuis bien longtemps c'est le désir que j'avais.

Combien est joli l'oiseau qui chante dans la forêt! Moi même je l'ai entendu la nuit dernière. Allons, ma bien-aimée, allons le voir tous les deux, si vous l'entendez son chant vous ravira.

Ma mère m'avait quittée à la fin du printemps; depuis lors je plane en liberté sur mes propres ailes. La nuit m'avait jeté au sein d'un petit bosquet. Là se trouvait un piège et mon malheur.

Les montagnes sont blanches quand la neige les couvre, les buissons ont une ombre épaisse quand ils ont leur verdure. Infortunée que je suis! Pourquoi étais-je entrée sous leur feuillage? Si j'avais passé en avant, je m'échappais.

Oiseaux gardez le silence, ne versez plus de larmes. Quel profit aurez-vous de vous désoler ainsi? C'est moi qui, après avoir détaché votre lacet, vous conduirai du haut de la même montagne par dessus tout le monde.

BIDAIA SAN JOSEPHEN GUERNITARA

Suberotarra

Chorittoua, nourat houa,
Bi hegalez airian?
Españalat jouaiteco,
Elhurra duc bortean;
Algarreki jouanen gutuc
Elhurra hourtzen denian.

San Josephen ermita
Desertian gora da,
Españalat jouaiteco
Han du goure pausada,
Guibelerat so'guin eta
Hasperrenac ardura.

Hasperrena habiloua
Maitiaren borthala,
Bihotzian sar hakio
Houra eni bezala,
Eta guero erran izoc
Nic igorten baidala.

Traduction :

VOYAGE A L'ERMITAGE DE SAINT-JOSEPH

Dialecte Souletin

Où vas-tu petit oiseau,
En l'air sur tes deux ailes ?
Pour aller en Espagne,
La neige couvre la montagne,
Ensemble nous irons
Quand la neige fondra.

L'Ermitage de Saint-Joseph
Est élevé dans le désert,
Pour aller en Espagne,
Là se trouve le lieu de notre halte
Regardant en arrière,
Fréquents sont nos soupirs.

Soupir, va-t-en
Jusqu'à la porte de ma bien-aimée
Pénètre dans son cœur
Comme elle est dans le mien,
Puis tu lui diras
Que moi je t'envoie vers elle.

Nota I

Nota I

Damos aqui uns specimens da poesia basca, revestindo a fórma humoristica, a epigrammatica e a satyrica.

EZCONTZACO CONSULTACIONEA

Boso Nafartarra

Ezcondiac, erradacie ezconduren nizanez,
Bazterretan ikhousten tut ezcondiac nigarrez,
Hutsic eguinen othe deit holahola egonez?

Hartcen badut ederra,
Hura duket auherra.

Hartcen badut gorria,
Hura duket hordia.

Hartcen badut chouria,
Hura beraz eria.

Ezcondiac, ezconduric egon zaizte nigarrez,
Soberadut jaincoari esker nic hola egonez.

Traduction :

CONSULTATION MATRIMONIALE

Bas Navarrais

Mariés, dites-moi si je dois me marier,
De tous côtés je vois les larmes au ménage,
Commettrai-je une faute en restant comme suis ?

Si je prends une belle
Je l'aurai paresseuse;

Si je prends la rouge en couleur
Je l'aurai grand'buveuse;

Si je prends la pâle
Je l'aurai maladive.

O mariés ! pleurez de vous être mariés,
J'ai trop à rendre grâce à Dieu d'être resté
tel que je suis.

PREFERENTZIA

Suberotarra

Ihizlari gaztia, bilho hollia
Gorache eguin duzu urzoteghia;
Urzoac ohil dirade lekhu goretan,
Laketago dira gune ophaletan.

Traduction :

LA PRÉFÉRENCE

Dialecte Souletin

Jeune chasseur, à la chevelure blonde
Vous avez placé trop haut votre colombier;
La colombe n'aime guère s'élever vers les hauteurs,
Elle aime de préférence les bocages des plaines.

OFFICIO CENBAITEN CRITICA

Suberotarra

Oi laboraria, gachoa ! hihaurec jathen arthoa,
Ogui et' ardo gueñhatcen auherren antcecoa,
Halere haiñ haie maite noula artcaiñac otsoa.

Arzaino bada beztitcen, josliac tu gomendatcen
Zaragoilen alderdi bat oihal hobez ezar decen,
Halere higaturen du aitcinia beno lehen.

Dendaria beront jiten, orratsan goicie utzulcen;
Mundiaren jorratcen, arte hurtan abusatcen;
Ezpeitu jaten diana hullantceco irabazten !

Orai uruliac oro idorrian nahiago;
Hanitz aguertu beharrez, hori-oro, chori-lepho,
Hallicatcen balinbada cehian laur oropilo.

Oihençainac eta gardac, contcenziazco guizonac,
Guerac bazaitce farcitzen, ihesiren tie postac,
Laguner bardin har erauren gaizo sinhescorrac.

Erregent bat hil dadila, eztu hare procesic eisten :
Hountarsunac dutu harec heiñ hounian ezarten;
Zuntzurrian countrolatu eta sabelin ipotecatcen.

Bigner batec bestiari estacuru eman nahi :
Coiñi bere copadura hobe betzaio iduri,
Aihen gabe nahi denac, houra usu beza berri.

Aberasten ilhaguinac, arimac haiñ untsa galtcen,
Phecian bai contietan cer eztie hec ebasten?
Haiekila behorduke Jincoac aizina ukhen.

Sarjant eta notariac, oi arnes necesarriac!
Hen elhe ulhun, guezurrec, nahasten gaiza chipienac,
Ezta lagun hobiagoric bertan husteco etchiac.

Traduction :

SATIRE DES DIFFÉRENTES PROFESSIONS

Dialecte Souletin

O pauvre laboureur! tu te nourris de méture,
Tu récoltes le froment et le vin de quoi rassasier les vauriens,
Et encore on t'aime comme les bergers les loups.

Quand le pasteur s'habille de neuf, il recommande aux couturières,
Qu'une moitié de ses culottes soit en étoffe plus forte,
Et (cette moitié) malgré ces précautions, sera plus vite usée que la partie antérieure.

La couturière se lève tard, et de bonne heure le soir se retire;
En attendant, elle emploie son temps à sarcler le monde:
Certes qu'elle est loin de gagner la nourriture qu'elle consomme!

Désormais, les fileuses préfèrent le prix fait,
Pour avoir trop hâté leur travail, tout leur fil (est) plein de gorges d'oiseau;
Ensuite pour le dévider on devra par chaque empan faire quatre nœuds.

Gardes forestiers et douaniers (sont) gens de conscience,
Si on leur farcit le gosier, ils désertent leurs postes,
Sauf à faire également saisir par leurs compagnons les délinquants crédules.

Qu'un instituteur meure, après lui pas de procès:
De son vivant il a soin de bien colloquer son avoir;
Il le contrôle dans son gosier et l'hypothèque dans son ventre.

Un vigneron est toujours mécontent du travail de son confrère:
Chacun mettant sa manière de travailler au-dessus de toutes,
Que celui qui veut se voir sans vigne change souvent de vigneron.

Les marchands de laine s'enrichissent vite, et avec égal
succès perdent leurs âmes.
Dans les poids et dans leurs chiffres que ne volent-ils pas?
Avec eux pour les juger, Dieu devra avoir du loisir.

Huissiers et notaires, ô outils nécessaires!
Leurs sentences obscures, mensongères, obscurcissant
les plus simples choses,
Vous ne trouverez pas meilleurs aides pour promptement
vider vos maisons.

DOTE GALDIA

Suberotarra

Aitac eman daut dotia
Neuria, neuria, neuria,
Urdeño bat bere cherriekin,
Oilo corroca bere chituekin,
Tipulo corda hayekin.

Oxuac jan daut urdia,
Neuria, neuria, neuria;
Acheriac oilo coroca,
Garratoinac tipula corda :
Adios ene dotia.

Traduction :

LA DOT PERDUE

Dialecte Souletin

Mon père m'a livré ma dot,
Oui ma dot, oui ma dot, oui ma dot,
Une truie et ses petits,
Une poule et ses poussins,
Le tout enrichi d'une tresse d'oignons.

Le loup m'a dévoré ma truie,
Oui ma truie, oui ma truie, oui ma truie,
Le renard la poule et la couvée,
Les rats ma chaîne d'oignons;
Adieu ma dot. .

Indice

INDICE

I. — Razões, difficuldades e fins d'estes estudos. . 9
II. — Uma classificação de Raças e Povos 19
III. — Prehistoricos, Protohistoricos e Prearyanos. . 29
IV. — A Atlantida, e a civilisação, tradições e affinidades ethnicas dos Atlantas 49
V. — A existencia dos primévos Iberos, perante a lingua, vocabulario e toponymia dos Euskarianos 77
VI. — Provas das antigas civilisações turanianas, e especialmente da iberica 91
VII. — A lingua basca e suas affinidades turanianas . 105
VIII. — A dolichocephalia turaniana, e as caracteristicas morphologicas dos Iberos e Bascos. . 129
IX. — Religião dos Iberos. 143
X. — Crenças religiosas dos Turanianos, e sua transmissão e transformação atravez Iberos e Bascos 151
XI. — O culto ancestral iberico reflectindo-se nos modernos Bascos. 169
XII. — A « Pastoral » e a arte theatral dos Bascos. . 181
XIII. — As danças e a musica popular euskarianas . . 193
XIV. — O Folk-lore Iberico, e as tradições, lendas, contos, proverbios e superstições dos Bascos 209

XV. — A virilidade da Familia Iberica e a gymnastica dos jogos physicos 231
XVI. — Concluindo 253
Nota A 257
Nota B 261
Nota C 267
Nota D 279
Nota E 285
Nota F 289
Nota G 293
Nota H 301
Nota I 317

Typographia Aillaud & Cia. — 1902.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

DUE APR 21 1924

WIDENER
BOOK DUE
NOV 21 1983

CANCELLED

7977033